



Estudos de Morfossintaxe Tenetehára
Fábio Bonfim Duarte

N.Cham. 498.3 D812e 2007

Autor: Duarte, Fábio Bonfim.

Título: Estudos de morfossintaxe tenetehára .



353530704
432277

Fábio Bonfim Duarte

*Estudos de
Morfossintaxe Tenetehára*

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



353530704

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2007

Copyright © 2007 by Fábio Bonfim Duarte.

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Diretor: Prof. Jacyntho José Lins Brandão
Vice-Diretor: Prof. Wander Emediato de Souza

Coordenadora da Câmara de Pesquisa da FALE/UFMG:
Profa. Marli de Oliveira Fantini Scarpelli

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: Marco Antônio e Alda Durões
Capa: Astrogildo Luis Ferreira
Revisão: Rodrigo Pires de Paula

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da FALE/UFMG

D812e Duarte, Fábio Bonfim.
Estudos de morfossintaxe tenetehára – Belo Horizonte : Faculdade de
Letras da UFMG, 2007.
211 p. ; 22,5 cm

Bibliografia: p. 175-182.

Anexo: p. 183-211.

ISBN: 978-85-7758-012-5

1. Índios da América do Sul – Brasil – Línguas. 2. Línguas indígenas –
Morfologia. 3. Línguas indígenas – Sintaxe. 4. Língua tenetehára – Fonologia.
5. Língua tenetehára – Morfologia. 6. Língua tenetehára – Sintaxe. 7. Língua
guajajára. 8. Língua tembé. I. Título.

CDD : 498.3

Faculdade de Letras da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha
31270-901 – Belo Horizonte – MG
Telefone: (31) 3499-6007
Tel/Fax: (31) 3499-5120
<http://www.letras.ufmg.br>

Faculdade de Letras
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

14 / 12 / 07

3535307-04

BELO HORIZONTE

“Seja como for, todas as ‘realidades’ e as ‘fantasias’ só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal (...); páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto”.

(CALVINO, Ítalo (1994, p.114))

SUMÁRIO

Abreviaturas Utilizadas	11
Apresentação	13
PARTE 1: Estudos Descritivos	
CAPÍTULO 1: Considerações sobre o Povo e a Língua . . .	17
1.1. O Tronco Tupi e a Família Lingüística Tupi-Guarani . . .	20
CAPÍTULO 2: Considerações sobre a Fonologia	25
2.1. Realizações fonéticas e fonológicas	25
2.2. Fonemas consonantais e vocálicos	26
2.3. Quadro geral dos fonemas	28
2.4. Ortografia usada	29
2.5. Diferenças entre o sistema atual e o sistema fonêmico elaborado por Boudin	29
CAPÍTULO 3: Morfossintaxe dos Sintagmas Suboracionais . . .	31
3.1. A expressão da quantificação e da intensidade . . .	31
3.2. Ordenação dos constituintes no D/NP	34
3.3. O sintagma possessivo	38
3.4. As posições	40
CAPÍTULO 4: Codificação dos Argumentos Nucleares . . .	43
4.1. Nos verbos transitivos das orações independentes . . .	45
4.2. Nos verbos intransitivos das orações independentes . . .	50
4.3. Resumo do capítulo	52

PARTE 2: Estudos Gerativos

CAPÍTULO 8: Suporte Teórico para a Análise Gerativa	99
8.1. O modelo gramatical	99
8.2. Verificação e interpretabilidade de traços formais	102
8.3. Condições de economia	105
8.4. LCA e a hipótese de base universal	107
CAPÍTULO 9: A Posição do Verbo nas Orações Não-Encaixadas	113
9.1. Movimento do verbo finito para I°	114
9.2. Evidências do movimento do verbo para o núcleo C°	118
9.3. Contextos em que o verbo não se move para C°	124
9.4. Resumo do capítulo	127
CAPÍTULO 10: A Posição do Sujeito e do Objeto	131
10.1. Posição do sujeito	133
10.2. Posição do objeto	137
10.3. Resumo do capítulo	139
CAPÍTULO 11: Propriedades Morfosintáticas dos Auxiliares	141
11.1. Apresentação dos dados	142
11.2. Derivando a ordem [VO-Aux] na língua Tenetehára	148
11.2.1. Proposta de Svenonius (2000)	149
11.2.2. Proposta de Haegeman (2000)	151
11.2.3. Movimento do predicado para SPEC-AUXP em Tenetehára	152
11.3. Como explicar a ocorrência do quantificador wə após Aux°?	156
11.4. Resumo do capítulo	157
CAPÍTULO 12: Considerações sobre a Periferia Esquerda da Oração	159
12.1. Construções de foco de objeto	159

CAPÍTULO 5: Construções de Gerúndio	55
5.1. Considerações sobre a partícula <i>pə</i>	55
5.2. Características gerais	56
5.3. Construções transitivas	57
5.3.1. Objeto contíguo ao verbo	57
5.3.2. Objeto não-contíguo	59
5.4. Construções com verbos descritivos	61
5.5. Semelhanças na codificação de (O) e (So)	63
5.6. Construções com verbos intransitivos	63
5.6.1. Codificação de (Sa) na língua Tupinambá	64
5.6.2. Codificação de (Sa) na língua Tembé	65
5.6.3. Correferência dos sujeitos	65
5.7. Resumo do capítulo	68
CAPÍTULO 6: Codificação dos Argumentos nas Orações Temporais	69
6.1. Codificação dos argumentos nas orações temporais da língua Tupinambá	69
6.2. Codificação dos argumentos nas orações temporais do dialeto Guajajára	71
6.3. Codificação dos argumentos nas orações temporais do dialeto Tembé	73
6.3.1. Orações temporais com a partícula subordinativa posposta <i>mehe</i>	74
6.3.2. Orações subordinadas temporais com a partícula <i>kon</i>	79
6.4. Resumo do capítulo	81
CAPÍTULO 7: Ordem de Constituintes	83
7.1. Ordem dos constituintes no dialeto Guajajára	83
7.2. Ordem dos constituintes no dialeto Tembé	85
7.3. Orações interrogativas	89
7.4. Posição dos advérbios temporais	92
7.5. Resumo do capítulo	95

12.2. Indicativo II	162
12.3. Contextos de aparente adjacência do sujeito e do complemento	165
12.4. Propriedades morfossintáticas dos núcleos Top° e Foc°	169
12.5. Resumo do capítulo	171
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	175
ANEXO – Narrativas Tenetehára	183

ABREVIATURAS UTILIZADAS

AP	apelo do falante cujo morfema depende do sexo
ARG	sufixo que ocorre nos NPs na função de sujeito e de objeto
ABS	Caso absolutivo
AUX	verbo auxiliar
CAUS	prefixo causativo
COL	sufixo que indica coletivo/plural nos nomes
COMP	complementizador
CORR	prefixo correferencial {w- ~ o- ~ u-}
CTA	construções transitivas com auxiliares
DAT	dativo
DESLOC	sufixo verbal que indica que um constituinte do predicado foi deslocado para uma posição A-barra
DISC	marcador discursivo
DPASS	passado distante
DUB	dubitativo
FOC	núcleo do sintagma de foco
FUT	futuro
G	prefixo usado nos contextos em que o nome é inalienável
GER	gerúndio
INTER	interrogativo
INTS	intensificador
INTC	afixo para indicar a intenção futura do falante
IPASS	passado recente/imediato
LF	forma lógica (logical form)
MLC	condição de elo mínimo (minimal link condition)
NOML	sufixo de nominalização
NEG	negação
OBLIQ	Caso oblíquo
PART	partícula sem um significado preciso
PASS/PAST	afixo que indica tempo pretérito
POSS	Caso genitivo/possessivo
PROG	aspecto progressivo
PSP	posposição
PL	marcador de plural que indica mais de um participante envolvido no evento
Q	partícula interrogativa
RELT	partícula relativizadora <i>ma?e</i>
RES	partícula resultativa temporal

APRESENTAÇÃO

Este volume tem por objetivo contribuir com a documentação lingüística da língua Tenetehára, tendo em vista que estudos sobre a morfossintaxe dessa língua ainda são muito escassos. Existe apenas um livro elaborado por Bendor-Samuel (1972) que apresenta uma boa descrição gramatical de um dos dialetos do Tenetehára, o Guajajára, publicado em 1972. Além desse livro, o que existe sobre a língua são artigos esparsos e um dicionário bilíngüe, elaborado em 1966, e republicado em 1978, em dois tomos: Tenetehára-Português e Português-Tenetehára. Esse dicionário tomou por base o dialeto Tembé falado pelos índios que vivem à margem esquerda do rio Gurupi, estado do Pará. No mais, os outros estudos existentes sobre os dialetos Tembé e Guajajara restringem-se a artigos publicados em revistas especializadas sobre temas diversos e a dissertações de mestrado. A análise que desenvolvo neste volume baseia-se, essencialmente, em dados colhidos por mim junto aos índios Tembé e em dados do Guajajára disponíveis na literatura lingüística, particularmente os apresentados por Bendor-Samuel (1972) e por Harrison (1986).

Dividi este livro em duas partes. O intuito é tentar estabelecer certa complementaridade entre descrição e teoria gramatical. A parte descritiva tem como finalidade fornecer ao leitor um panorama geral sobre o funcionamento da estrutura morfossintática das sentenças principais e encaixadas na língua Tenetehára. Nessa parte, focalizo, por exemplo, a cisão na codificação dos argumentos nucleares, em sentenças transitivas e intransitivas, visto que os verbos podem receber marcas morfológicas do sujeito ou do objeto. Como veremos, a ocorrência de tais marcas está condicionada à hierarquia de pessoa, ao tipo de predicado (se estativo ou de ação), ao tipo de cláusula (se principal ou encaixada), e ao fato de haver ou não o deslocamento de constituintes focalizados e circunstanciais para a periferia esquerda da sentença.

Na segunda parte, utilizo como suporte para a análise desenvolvimentos recentes no âmbito do programa minimalista. Uma das questões abordadas é como dar conta da ordem [VSO],

recorrente em orações interrogativas e independentes, e da ordem [(S)OV [COMP]], existente em orações subordinadas. A análise mostra que ocorre movimento longo do verbo para o complexo C/TP em contextos em que não há realização morfológica de complementizadores e de sintagmas focalizados na periferia esquerda da oração. Por sua vez, notou-se uma interessante assimetria quanto ao movimento do verbo: ele permanece interno ao complexo v-VP nas situações em que os prefixos absolutivos/acusativos são acionados e move-se para o sistema C/TP nos contextos em que a flexão é nominativa.

Por fim, gostaria de agradecer à Jânia Ramos da UFMG pelas importantes sugestões e críticas feitas a este trabalho durante boa parte de sua execução e ao professor Aryon Rodrigues da UnB, particularmente pela ajuda na parte da descrição gramatical e pelo apoio no levantamento de parte do material bibliográfico.

Antes de finalizar essa apresentação, quero ainda deixar registrado aqui o meu profundo agradecimento aos meus informantes Purutu Tembé, Txina?i Tembé, Sandra Tembé, Mário Hélio Tembé, Emídio Tembé e a todos os índios Tenetehára que, direta ou indiretamente, me apoiaram durante o período em que permaneci nas aldeias do Rio Gurupi.

Belo Horizonte, janeiro de 2007

PARTE 1
Estudos Descritivos

Capítulo 1

Considerações sobre o Povo e a Língua

Os índios Tenetehára constituíam uma grande nação tupi-guarani que habitava os rios Pindaré e Caru, no estado do Maranhão. Segundo registro de cronistas e colonizadores nos séculos XVII e XVIII, o território original dos Tenetehára (Tembé e Guajajára) deve ter sido a região do vale do rio Pindaré. A primeira expedição de que se tem notícia foi realizada em 1615, provavelmente por jesuítas franceses que entraram em contato com índios Tenetehára, os quais habitavam a região compreendida pela cabeceira do rio Pindaré.

Por volta de 1850, parte dos Tenetehára proveniente do Maranhão migrou dos rios Pindaré e Carú para oeste, até atingir a região dos rios Gurupi, Capim e Guamá (cf. HURLEY, 1928). Estes passaram mais tarde a serem conhecidos por Tembé, nome dado pelos regionais com os quais os Tenetehára passaram a ter contato.

A partir do século XIX, os Tembé do Gurupi foram alvo da política de aldeamentos das Diretorias Parciais criadas pelo regimento de 1845. Estas, na verdade, aumentavam a sujeição dos índios aos colonizadores e concentravam a população indígena numa mesma área de tal forma que, nesse período, ocorreu uma situação propícia à proliferação de epidemias, causando em muitos casos extensa diminuição da população indígena. Além disto, estes aldeamentos

abriram caminho para a invasão de colonos e posseiros na região. O resultado foi a diminuição do território e da população originais. No início do século XIX, calculava-se que os Tembé eram, dentre os povos da região do Gurupi, uma das tribos mais numerosas, pois perfaziam um total de 1500 famílias.

Em 1861, foram registrados, no Alto Gurupi, cerca de 16 aldeamentos com vários índios Tembé ainda em completo estado de isolamento. Dez anos depois, no ano de 1871, a missão de Nossa Senhora de Assunção reuniu entre 500 a 600 índios Tembé e Turiwara, nos rios Acará, Acará-miri e Capim. Em 1875, o pesquisador Gustavo Dodt avaliou uma população de cerca de 9.000 Tembé, 6.000 habitando as margens do rio Gurupi, no estado do Pará, e mais de 1.500 famílias espalhadas do rio Pindaré ao Capim, no estado do Maranhão.

Por volta de 1911, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) instalou-se na confluência do rio Jararaca com o rio Gurupi, criando o posto Felipe Camarão. A partir de então, os Tembé que habitavam as cabeceiras do rio Gurupi deslocaram-se para as proximidades do posto, erguendo novas aldeias e ajudando como intermediários no trabalho de atração dos índios Ka?apor. Todavia, esse posto foi extinto em decorrência da falta de recursos na época.

Entre 1927 e 1929, o SPI estabeleceu outro posto, na ilha de Canindé-Assú, com o nome de Pedro Dantas. Ele serviu de ponto de apoio para a atração e integração dos índios Ka?apor nesta época, já que estava situado numa região estratégica, próximo ao local onde os Ka?apor faziam a travessia da margem paraense à margem maranhense.

Em 1945, foi criada a Reserva Indígena do Alto do Rio Guamá com cerca de 278.000 ha, no nordeste do estado do Pará, entre a margem direita do Guamá e a esquerda do Gurupi, limite dos estados do Pará e Maranhão. Este território foi reservado aos índios Tembé, Timbira, Ka?apor e Guajá. Com a criação da reserva, os Tembé da Aldeia Velha foram obrigados a deixarem os territórios da margem esquerda do curso do Rio Guamá e a irem para a fronteira da reserva Alto Rio Guamá. Criou-se, então, a aldeia Igarapé das Pedras, na margem direita do Rio Gurupi, estado do Maranhão. Estes índios são considerados os autênticos Tembé, por manterem as festas, os rituais cerimoniais e a língua como veículo diário de comunicação.

Atualmente, não há notícias da existência de Tembé no rio Surubiju. No rio Uraim, sabe-se que existem famílias Tembé convivendo com populações de não-índios provenientes de outras regiões. Na região do rio Guamá, os Tembé distribuem-se em três aldeias, assistidas pelo Posto Indígena Canindé, sob a jurisdição da 6ª Diretoria Regional.

Os Tembé que habitam a região Acará-Mirim, no município de Tomé-Açu, são remanescentes do grupo do rio Acará-Mirim. Em 1911, este grupo era formado por 106 indivíduos. Atualmente, estão reduzidos a 18 pessoas (sendo 8 Tembé e 10 não-índios), em consequência da invasão de seu território por indústrias madeireiras, colonos e fazendeiros que ocuparam a região no decorrer do século XX.

As aldeias Tembé se dividem em dois blocos dentro da reserva indígena denominada Alto Rio Guamá. O primeiro situa-se na margem direita do rio Guamá, e o segundo, na margem do rio Gurupi, fronteira com os estados do Maranhão e do Pará.

Segundo fontes publicadas pelo CEDI (1985), em 1983, os Tembé do Rio Gurupi viviam em quatro aldeias assim dispostas: subindo o rio, na margem paraense a aldeia Banha (4 casas) e a aldeia do P. I. Canindé (17 casas); na margem maranhense, a aldeia Igarapé das Pedras (9 casas) e cajueiro (uma casa). A situação atual, entretanto, está um pouco alterada, visto que duas outras aldeias foram criadas recentemente na margem esquerda do rio Gurupi, estado do Pará. As aldeias são Ikatu, também referida pelo nome de Rabo de Mycura, e Pedra de Amolar, formada por índios Tembé do Rio Guamá que migraram para o Gurupi. Além destas, há ainda a aldeia Nova (*Tekohaw pyahu*), antiga aldeia Igarapé das Pedras, que passou para a margem paraense, duplicando em número de casas e de população. Nela, encontra-se grande parte dos Tembé que ainda mantêm a língua, a cultura e os ritos cerimoniais, como, por exemplo, a festa da moça. Esta também é conhecida como a *festa do moqueado* e se caracteriza pela celebração do momento de transição para a condição de adulto das meninas com a idade entre 13 e 15 anos. Conforme Diniz (1994, p. 44-45), essa festa é celebrada "com danças, canções e atividades xamanísticas, além de uma refeição formal [...]. Logo após os ritos da puberdade, é comum as meninas se casarem. E se já tiverem maridos, a cerimônia marca o início formal do casamento". Vivem, atualmente, na aldeia Nova (*Tekohaw pyahu*), três famílias de índios Mundurucu, transferidos pela FUNAI. Observou-se ainda que

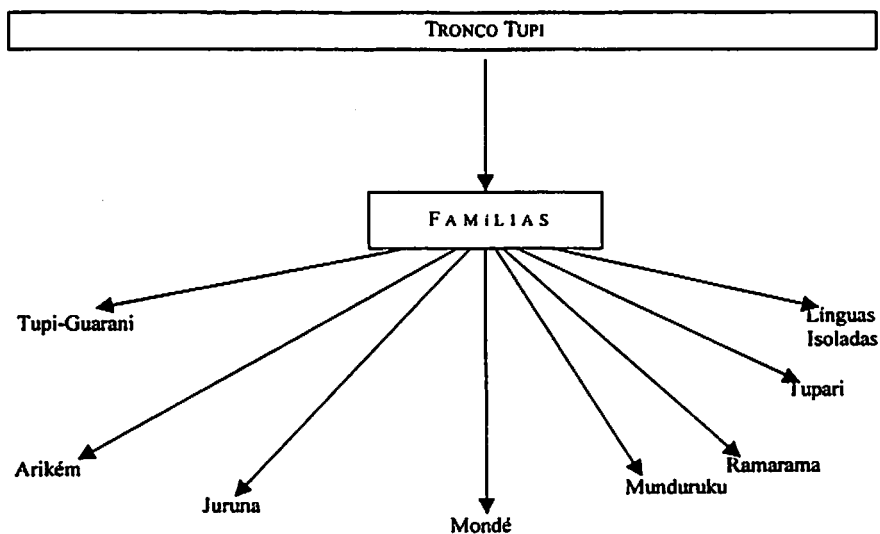
a aldeia do Posto Indígena Canindé tem sofrido reduções no número de casas, devido ao deslocamento de várias famílias para a aldeia Nova.

Os Tembé do Rio Guamá, por sua vez, viviam nesta mesma época, ano de 1983, em cinco aldeias, assim distribuídas: a aldeia Pitomba, com 3 casas, a aldeia do Posto, sede do Posto Indígena do Guamá, com 16 casas, a aldeia São Pedro Velho, com 9, a aldeia Frásqueira, com 6, e a aldeia Tawari, com 7 casas. No entanto, por termos visitado somente os Tembé do Rio Gurupi, não podemos confirmar se a distribuição atual das aldeias dos Tembé do Rio Guamá ainda corresponde às dos dados apresentados pelo CEDI em 1985.

A situação atual é marcada pela intensificação dos conflitos entre os colonizadores (colonos, fazendeiros, caçadores e posseiros) e os índios da região. Apesar da delimitação da reserva, oficializada em sete de janeiro de 1985 pela FUNAI, os grupos que nela vivem têm convivido com uma situação constante de conflitos, provocada pelo desrespeito aos limites da reserva. Por isso, diante desta situação, os índios, por se sentirem ameaçados, se vêem obrigados a se armar e a resistir por conta própria às constantes invasões das suas terras. Para aumentar ainda mais os conflitos, colabora a ineficácia dos organismos governamentais na resolução dos problemas e, apesar de constantes denúncias das lideranças indígenas, a FUNAI, o IBAMA e as polícias estadual e federal conseguem fazer muito pouco para reverter o quadro atual.

1.1. O Tronco Tupi e a Família Lingüística Tupi-Guarani

Dentre as cerca de 180 línguas indígenas brasileiras, umas são mais semelhantes entre si do que outras, revelando origens comuns e processos de diversificação ocorridos ao longo do tempo. No universo das línguas indígenas brasileiras, reconhece-se a existência de dois grandes *troncos* - o Tupi e o Macro-Jê - e 19 famílias lingüísticas que não apresentam taxas de semelhanças suficientes para que possam ser agrupadas em troncos. Há, também, famílias de apenas uma língua, às vezes denominadas "línguas isoladas", por não se revelarem parecidas com nenhuma outra língua conhecida. Consoante Rodrigues (1984-1985, p.35), a língua Tenetehára está inserida no tronco lingüístico Tupi. Este tronco subdivide-se em sete famílias lingüísticas e três línguas isoladas (Aweti, Arara e Sateré), conforme mostra o esquema seguinte:



Segundo Rodrigues (1984-1985), as línguas da família Tupi-Guarani agrupam-se em oito subconjuntos. Essa subclassificação levou em consideração essencialmente propriedades fonológicas que as línguas compartilham entre si. Os subconjuntos são mostrados na tabela a seguir.

Tabela 1: Subgrupos da família Tupi-Guarani

Ramo I	Ramo II	Ramo III	Ramo IV	Ramo V	Ramo VI	Ramo VII	Ramo VIII
Guarani Antigo	Guarayu	Tupinambá	Assuriní	Kayabí	Parintintin	Kamaiurá	Takunyapé
Guarani Mbyá	Sirionó	Língua Geral Paulista	Tapirapé	Assuriní Xingu	Tupi-Kawahib		Emerillon
Xetá	Jora (Bolívia)	Nheengatu (Língua Geral Amazônica)	Ava Canoeiro	Araweté	Apiaká		Ka'apor
Nandeva	Cocama		Suruí				Wayampí
Kaiwá	Cocamilla		Parakanã				Amanayé
Guarani Paraguaio	Omagua		Guajajára				Anambé
Guayakí			Tembé				Turiwara
Tapieté							Guajá
Chiriguano (Guarani da Bolívia)							
Izoceño							

Vejam que a língua Tenetehára (dialetos Tembé e Guajajára) pertence ao subconjunto IV e compartilha traços fonológicos e de estrutura com o Tapirapé, o Avá-Canoeiro, o Assuriní do Tocantins (Akuáwa), o Suruí do Tocantins (Mujetére) e o Parakanã. Segundo Rodrigues (1984-1985), essas línguas partilham principalmente as seguintes características em relação ao Proto-Tupi-Guarani, doravante PTG:

- (a) conservação das consoantes finais, com ou sem modificações;
- (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h;
- (c) mudança de *pw em kw;
- (d) mudança de *pj em tx ou ts;
- (e) mudança de *j em tx, ts, s ou z.

Exemplos:

PTG	*okér	“ele dorme”
Tembé	okér	
Assurini	óken	
Parakanã	oken	
PTG	*jatxý	“lua”
Tembé	dahý ~ zahý	
Assurini	txahýa	
Parakanã	txaýa	
Tapirapé	txãhý	

Neste subconjunto, o Tapirapé e o Assurini do Tocantins se aproximam muito por reunirem, além dos traços fonológicos mencionados acima, traços gramaticais. Já o Tembé e o Guajajára são praticamente variantes dialetais de uma mesma língua, de tal maneira que os índios Tembé e Guajajára se consideram um só povo, autodenominando-se de Tenetehára, o que significa “a gente, os índios em geral”. Dentre os traços gramaticais partilhados pelos Tembé e Guajajára, destaco os seguintes:

(i) Ordem VSO em orações principais

Tembé

- (1) *o-ʔok he r-imiriko tipíʔak kuri*
 3-tirar minha poss-esposa tapioca então
 “Minha esposa tirou tapioca então.”

Guajajára [cf: Harrison, 1986, p. 408]

- (2) *u-munik t-azir i-petim ø-heraha i-zupe aʔe*
 3-lit 3-daughter 3-tobacco 3-taking 3-to 3
 “His daughter lit his cigar and (took it) to him”.

(ii) Ocorrência da ordem V-Auxiliar, com o auxiliar flexionado Tembé

- (3) *u-kaʔa-petek teko ko o-ho kuri*
 3-mato-cortar a gente roça 3-ir então
 “A gente vai cortar a roça então”.

Guajajára [cf: Bendor-Samuel, 1972, p.146]

- (4) *u-hem-ze* *o-ho pepe*
3-arrive-they say 3-go there
"The say that he arrived there".

O primeiro vocabulário de que se tem notícia foi elaborado por Nimuendajú em 1914. Outros que trabalharam com o povo Tembé, coletando dados sobre a língua, foram Hurley (1931), Rice (1934, p.109-180) e Boudin (1966). Este último conviveu por um longo período entre os Tembé do rio Gurupi, o que resultou numa pesquisa lingüística mais detalhada com a publicação de um dicionário em dois volumes Tembé-Português e Português-Tembé. A situação lingüística dos índios do Gurupi, entretanto, é de bilingüismo, em decorrência do contato com a sociedade nacional que os forçaram usar a língua portuguesa como segunda língua. Das seis aldeias atuais, apenas uma preserva a língua como veículo diário de comunicação, nas outras quatro, com exceção dos mais velhos, a maioria da população utiliza a língua portuguesa. Por isso, tem havido grande esforço por parte das lideranças indígenas locais no sentido de ajudar no trabalho de revitalização da língua. Algumas iniciativas neste sentido têm sido tomadas recentemente com a formação de professores indígenas para o trabalho de alfabetização tanto de adultos quanto de crianças e com o envio de índios mais velhos para outras aldeias para ensinar os mais jovens.

Conforme dados do CEDI, verificou-se que a língua Tembé está se "entremeando" com a língua Kaapor, de forma que os índios do Gurupi têm vivido uma situação de multilingüismo, já que muitos falam a língua nativa, o português e o Kaapor. Segundo dados da FUNAI, seis índios que trabalharam em frentes de tração falam o Asuriní e o Parakanã.

Capítulo 2

Considerações sobre a Fonologia

Apresentamos neste capítulo uma análise sobre as realizações fonéticas e fonológicas dos segmentos vocálicos e consonantais do dialeto Tembé e uma explicação sobre o sistema ortográfico utilizado na publicação de textos. Com base no sistema fonêmico atual, procuramos verificar se ele ainda coincide com aquele elaborado por Max Boudin (1966) e como este sistema diverge com o do dialeto Guajajara (cf. Bendor-Samuel, 1972, p. 59-75).

2.1. Realizações fonéticas e fonológicas

As tabelas 1 e 2 trazem as ocorrências fonéticas dos segmentos consonantais e vocálicos. Ao todo, verifica-se um total de 28 segmentos, entre consoantes e vogais.

Tabela 1: segmentos consonantais

	bilabial	alveolar	Alveopalatal	velar	lábio-velar	glotal
oclusivas	p	t d		k	k ^w	ʔ
fricativas		s z	ʃ			
africadas			tʃ dʒ			
vibrantes simples		r				
nasais	m	n		ŋ	ŋ ^w	
glides	w	j				h

Tabela 2: segmentos vocálicos

	anterior	Central	posterior
alta	i	i	u
média	e ɛ	ə	o ɔ
baixa	a		

2.2. Fonemas consonantais e vocálicos

Com base no critério de variação livre, distribuição complementar e oposição, é possível identificar os seguintes fonemas consonantais da língua Tembé:

- (i) O fonema fricativo alveolar /s/ apresenta três alofones [s ~ ts ~ tʃ]. Os dois primeiros [s ~ ts] ocorrem em variação livre, conforme os exemplos abaixo:

aesak ~ *aetsak*' eu vi'
sɛ ~ *tsɛ* 'aqui'

O alofone [tʃ], por sua vez, tem realização somente quando vem antes de vogal anterior alta [i] e em alguns casos antes da anterior média fechada [e], conforme os exemplos abaixo:

<i>utʃiniŋ</i>	'ele(a) seca'
<i>-tʃiŋ</i>	'branco'
<i>rudutʃi</i>	'nós o amarramos'
<i>tʃimeʔe</i>	'nós olhamos'
<i>a-tʃew pə</i>	'para eu entrar'

- (ii) O fonema oclusivo alveolar /d/ apresenta cinco alofones. Destes, quatro se encontram em variação livre, e um, em distribuição complementar.

Os alofones são os seguintes:

Em variação livre, temos [d] ~ [z] ~ [ʒ] ~ [dʒ], conforme os exemplos seguintes:

<i>aduka ~ azuka ~ adʒuka</i>	'eu matei'
<i>izupe ~ idʒupe</i>	'para ele'
<i>marakada ~ marakaʒa</i>	'gato do mato'
<i>kudə ~ kuzə</i>	'mulher'

Em distribuição complementar, temos o alofone [j], que só ocorre em adjacência a outra consoante ou em fronteira de palavra:

Em fronteira de palavra:

<i>təpɨj</i>	'casa'
<i>mɔj</i>	'cobra'
<i>waj</i>	'lado'

Em adjacência a outra consoante:

<i>təpɨj me</i>	'na casa'
<i>umuhəj rəm</i>	'ele(a) vai espalhar'

- (iii) Os demais fonemas consonantais não apresentam maiores restrições de ocorrências fonéticas. Estes são os seguintes:

/p/	oclusivo bilabial surdo
/k/	oclusivo velar surdo
/kw/	oclusivo labiovelar surdo

/ʔ/	oclusivo glotal
/m/	nasal bilabial
/n/	nasal alveolar
/ŋ/	nasal velar
/ŋw/	nasal labiovelar
/w/	glide bilabial
/h/	glide glotal fricativo

Dos 9 segmentos fonéticos da tabela 2, 7 são fonemas vocálicos na língua: /i/, /ɨ/, /u/, /o/, /ə/, /e/, /a/.

2.3. Quadro geral dos fonemas

Excluindo os segmentos que ocorrem como variantes de fonemas, chegamos ao seguinte quadro geral dos fonemas da língua Tembé. A tabela 3 ilustra o sistema fonêmico consonantal e a tabela 4, o vocálico. Vê-se um total de 21 fonemas da língua, sendo 14 fonemas consonantais e sete fonemas vocálicos.

Tabela 3: fonemas consonantais

	bilabial	alveolar	velar	velar	glotal
oclusivas	p	t d'	k	kw	ʔ
fricativas		s			
vibrantes simples		r			
nasais	m	n	ŋ	ŋw	
glides	w				h

Tabela 4: fonemas vocálicos

	anterior	central	posterior
alta	i	ɨ	u
média	e	ə	o
baixa	a		

2.4. Ortografia usada

Com base nos fonemas da língua, tem-se adotado uma ortografia cujo objetivo principal é facilitar o trabalho de alfabetização realizado pelos índios nas aldeias e o de elaboração de textos da literatura oral. A ortografia atual é uma adaptação para a língua Tembé da ortografia Guajajára. Os grafemas utilizados são os seguintes:

- (i) consoantes: p, t, k, ', m, n, g, gw, k, kw, z, x, h, r, w
- (ii) vogais: a, e, i, o, u, y, à

Os grafemas que diferem dos símbolos fonológicos usados nas tabelas 3 e 4 são os seguintes: **g** e **gw** que correspondem, respectivamente, ao fonema velar /ŋ/ e ao labiovelar sonoro /ŋw/; **z**, correspondente ao fonema oclusivo alveolar /d/ e todos os seus variantes fonéticos; **e x**, equivalente ao fonema fricativo alveolar /s/ e todos os seus variantes. Por último, os grafemas vocálicos **y** e **à** representam, respectivamente, o fonema vocálico central alto /ɨ/ e ao central médio /ə/.

2.5. Diferenças entre o sistema atual e o sistema fonêmico elaborado por Boudin

Comparando a descrição fonológica elaborada por Boudin (1966) com o sistema atual, vê-se que algumas modificações ocorreram desde a publicação do dicionário. Uma destas diferenças se refere à pronúncia das palavras com o fonema fricativo alveolar /s/. Na época de Boudin, este fonema era realizado [ts ~ tʃ], não ocorrendo a variante fonética [s]. Em palavras como os verbos 'ver' e 'entrar', o advérbio 'aqui', o adjetivo 'branco' e o substantivo 'tximbo', a transcrição que encontramos no dicionário de 1966 é a seguinte:

<i>aetsak</i>	'eu vejo'
<i>aitse</i>	'eu entro'
<i>ise</i>	'aqui'
<i>tʃiŋ</i>	'branco'
<i>tʃimo</i>	'tximbo'

Os dados atuais, entretanto, diferem destes, já que o segmento africado alveolar [ts] passa a ocorrer em variação livre com o segmento fricativo alveolar [s]. As palavras acima, exceto as duas

últimas, podem ser pronunciadas de duas maneiras: ora com [ts], ora com [s], dependendo do falante.

Outra diferença se refere às realizações do fonema /d/. Na análise de Boudin (1978), este fonema se realiza como um fricativo alveolar sonoro [z], semelhante ao som fricativo da palavra portuguesa 'trazer' e como glide alveolar [j]. Ele nos fornece os seguintes exemplos com as duas realizações:

-zuka	'matar'
ɪəpwɛj	'casa'

Entretanto, no sistema atual, podemos verificar que a realização de [z] muda dependendo dos falantes. Encontramos para o verbo 'matar' e para o substantivo 'gato do mato' as seguintes realizações fonéticas para este fonema:

-zuka ~ duka ~ dʒuka	'matar'
marakaʒa ~ marakada	'gato do mato'

Observa-se, portanto, que as realizações dos fonemas /d/ e /s/, na época da publicação do dicionário, eram diferentes se comparadas com as realizações atuais. Naquela época, o que correspondia ao fonema /d/ tinha apenas as realizações [z ~ j], e o que correspondia ao fonema /s/ tinha apenas as realizações [tʃ ~ ts].

NOTA

¹ Para o Guajajára, o símbolo fonêmico correspondente ao fonema /d/ é /z/, o qual é adotado nos trabalhos produzidos por Bendor-Samuel (1972) e Harrison (1986).

Capítulo 3

Morfossintaxe dos Sintagmas Suboracionais

Com este capítulo, temos por objetivo apresentar uma análise dos principais aspectos da estrutura morfossintática dos sintagmas de nível suboracional. Investigamos a expressão da quantificação de NPs simples e complexos; a ordenação dos constituintes que compõem o sintagma determinante, doravante DP, com ênfase na posição de demonstrativos e adjetivos em relação ao núcleo do NP. Buscamos ainda identificar possíveis razões que expliquem o porquê de o dêitico *a ?e* “ele, ela” e o quantificador *wə* geralmente figurarem flutuando em posição final de sentenças. Em seguida, apresentamos a estrutura dos sintagmas possessivos e das posposições. Veremos que tanto a posposição quanto o nome possuído exibem marcas morfológicas da relação sintática que mantêm com os seus complementos. Começamos então com a descrição da expressão das noções de quantificação e de intensidade no interior do sintagma nominal.

3.1. A expressão da quantificação e da intensidade

Em Tenetehára, a manifestação da quantificação do nome, núcleo do NP, pode ocorrer por meio de diferentes processos gramaticais, envolvendo tanto o componente morfológico quanto o sintático. Nesta seção, discutirei especificamente a sua indicação no

componente morfológico. Em geral, adiciona-se o sufixo flexional -kwer/-wer¹, para codificar a idéia de coletividade/plural aos substantivos. Para tanto, vejamos os exemplos a seguir:

(1a) awa	“homem”
(1b) awa-kwer	“homens (conjunto de homens)”
(2a) kudə	“mulher”
(2b) kudə-ŋwer	“mulherada”
(3a) kunumi	“menino”
(3b) kunumi-kwer	“meninada, petizada”
(4a) kwaharer	“guri”
(4b) kwaharer-kwer	“a gurizada”
(5a) ure	“nós _{exclusivo} ”
(5b) ure-kwer	“nós _{exclusivo} = a nação; os tenetehára”

Além dos mecanismos acima, os substantivos, núcleos do NP, podem ainda co-ocorrer com o quantificador wə, o qual, quando se junta a um substantivo, denota existência de mais de uma entidade nominal (coletiva), participante do evento denotado pelo predicador, conforme indicamos pelas traduções sugeridas entre parênteses abaixo.

(6) kudə-ŋwer wə	“a mulherada (possivelmente, mais de um conjunto de mulherada)”;
(7) kunumi-kwer wə	“a petizada, rapaz, adolescente (possivelmente, mais de um conjunto de petizada)”;
(8) kwaharer-kwer wə	“gurizada (possivelmente, mais de um conjunto de gurizada)”.

Além da utilização do sufixo {-kwer ~ -ŋwer ~ -wer}, existe ainda a possibilidade de indicarmos a quantificação (categoria de número (plural)) por meio da reduplicação do tema nominal, conforme vemos a seguir:

(9a) iwi	“terra”
(9b) iwi.iwi	“terras (mais de uma terra)”

(10a) ita	“pedra”
(10b) ita.ita	“pedras (mais de uma pedra)”
(11a) ma?e	“coisa”
(11b) ma?e.ma?e	“coisas (mais de uma coisa)”

Quando o nome vem constituído por mais de uma sílaba, observa-se perda de material fônico, provocando muitas vezes redução da última consoante da sílaba ou de parte da raiz/tema nominal, conforme se vê nos exemplos a seguir:

(12a) miar	“caça”
(12b) mia.miar	“caças”
(13a) pira?i	“peixinho”
(13b) pira.pira?i	“peixinhos (= vários na lagoa)”

Já o sufixo nominal {-a?i ~ -?i} é utilizado para expressar a noção de diminutivo nos nomes, conforme abaixo:

(14a) taw	aldeia
(14a) taw-a?i	aldeia pequena
(15a) awa	homem
(15b) awa-?i	homem pequeno
(16a) tapi?ir	anta
(16b) tapi?ir-a?i	anta pequena
(17a) awa	homem
(17b) awa-?i	homem pequeno
(18a) pira	peixe
(18b) pira-?i	peixe pequeno

O sufixo {-a?u ~ ?u} ocorre em geral para denotar intensificação de uma propriedade intrínseca de um adjetivo, de um advérbio ou de um substantivo, como se vê nos exemplos abaixo:

(19a) uhu	grande
(19b) uhu-a?u	grande mesmo (enorme)
(20a) tete	muito
(20b) tete-a?u	muito mesmo

(21a) erew	depois
(21b) erew-a?u	logo depois
(22a) maniku por	paneiro cheio
(22b) maniku por-a?u	paneiro bem cheio

O sufixo [-uhu ~ -hu], por sua vez, marca intensificação de uma propriedade que é intrínseca ao núcleo do sintagma nominal, conforme abaixo:

(23a) mod ²	cobra
(23b) mod-uhu	cobra grande
(24a) awa	homem
(24b) awa-(u)hu	homem grande
(25a) kudə	mulher
(25b) kudə-(u)hu	mulher grande

Já o sufixo [-ete] denota intensidade de uma propriedade semântica de um substantivo ou de um adjetivo, conforme abaixo:

(26)	<i>o-por-rəm</i>	<i>deham-ete-har</i>	<i>kuri</i>		
	ela-pular-INTC	verdade-INTS-NOML	então		
	“(Ela = a moça) vai pular o que é verdadeiro mesmo”.				
(27)	(..) <i>kon</i>	<i>u-hem</i>	<i>o-ho</i>	<i>kwarahi-ete</i>	<i>mehe (...)</i>
	quando	3-chegar	3-ir	SOL-INTS	COMP
	“(...) quando chegar tempo de sol mesmo (...)”.				

3.2. Ordenação dos constituintes no D/NP

A língua Tenetehára não exhibe artigos definidos ou indefinidos como ocorre, por exemplo, nas línguas românicas. Contudo, o substantivo, núcleo do sintagma nominal, pode vir acompanhado de adjetivos; demonstrativos; pronomes e nomes possuidores; do dêitico *a?e* e dos quantificadores *wə* e *upaw*. Com base nas possibilidades de ordenação desses elementos, pudemos averiguar, até o momento, as seguintes combinações sintáticas, no interior do sintagma determinante, doravante DP, conforme indico pelos exemplos a seguir:

DEMONSTRATIVO-NOME

- (28) *amo* *tadahu*
 outro porcão
 "outro porcão"
- (29) *ko* *awa*
 este homem
 "este homem"
- (30a) *kwed* *awa*
 aquele homem
 "aquele homem (visível ou próximo)"
- (30b) *akwed* *awa*
 aquele homem
 "aquele homem (invisível ou longínquo)"

NOME-ADJETIVO

- (31) *tekohaw* *piahu*
 aldeia nova
 "aldeia nova"
- (32) *dawar* *pinim*
 onça pintada
 "onça pintada"

DÊITICO a?e-NOME

- (33) *a?e he³* *r-imiriko*
 ela minha POSS-esposa
 "ela, a minha esposa (de quem está se falando)".
- (34) *a?e* *Siba*
 ele Siba
 "ele, o Siba (de quem está se falando)".
- (35) *a?e* *kwarahi*
 ele sol
 "ele, o sol (de que está se falando)".

- (36) *aʔe he r-u*
 ele meu POSS-pai
 "Ele, o meu pai (de quem está se falando)".

Vejam que, de (33) a (36), embora a ordem seja [DÊITICO-NOME], existe ainda a opção de que o dêitico *aʔe* apareça separado do substantivo para o qual tem escopo orientado. Isso acontece particularmente nos contextos em que os D/NPs figuram na função sintática de sujeito. Nessas situações, o dêitico *aʔe* costuma vir flutuando numa posição mais baixa na estrutura, possivelmente na posição sintática interna ao sintagma verbal [i.e. v-VP], conforme se nota pelas sentenças abaixo:

- (37) *w-erur he r-imiriko amo maniku por aʔu*
 3-trazer minha POSS-esposa outro panela cheio muito

aʔe-a no
 ela-ARG também
 "Ela, minha esposa, trouxe um panela muito cheio também".

- (38) *a-duka amo kaʔi nehe*
 1-matar outro macaco FUT

Siba u-duka-rəm amo-a aʔe no.
 Siba 3-matar-FUT outro-ARG ele também
 "(Eu) matarei um macaco e ele, Siba, matará outro também".

- (39) *kon kwarahi u-hem ur iko aʔe*
 quando sol 3-chegar 3-vir estar ele
 "Quando ele, o sol, estiver saindo".

- (40) *he r-u u-duka imətəʔi aʔe*
 meu POSS-pai 3-matar caítu ele
 "Ele, o meu pai, matou caítu".

Nesses dados, nota-se que o dêitico *aʔe*, embora flutue em posição final de oração, mantém escopo sintático-semântico orientado para o substantivo que vem na função de sujeito da sentença, o que parece sugerir que os NPs, de (37) a (40), são gerados dentro do DP, antes de serem elevados para a posição sintática de sujeito da oração, conforme a seguir:

(41) [DP *aʔe* [NP *he rimiriko*]

(42) [DP *aʔe* [NP *Siba*]

(43) [DP *aʔe* [NP *kwarahi*]

(44) [DP *aʔe* [NP *he ru*]

Minha hipótese é que os DPs [*he rimiriko*], [*Siba*], [*kwarahi*] e [*he ru*], quando são elevados para a posição gramatical de sujeito da sentença, i.e., SPEC-IP⁴, deixam para trás o dêitico *aʔe*, o qual fica retido na posição em que é gerado, ou seja, em Spec-vP.

Além dos demonstrativos, dos adjetivos e dos dêiticos, o substantivo, núcleo do NP, pode ainda vir acompanhado do quantificador *wə*, com o qual forma o sintagma quantificador QP, conforme se vê pela configuração sintática proposta abaixo.

(45) [QP [NP] [Q *wə*]]

Verifica-se, ainda, que o quantificador *wə* pode manter escopo quantificacional orientado tanto a um NP simples, conforme (45b), como a um sintagma complexo, constituído de um NP e de um sintagma posposicional, conforme ilustra o exemplo (46).

(45a) *pira*
peixe
"peixe"

(45b) *pira wə*
peixe mais de um
"mais de um peixe"

(46) *tapiʔir dawsɪ r-ehe wə*
anta jabuti OBLIQ-COM PL
"eles, a anta e (=com) o jabuti "

(47) *upa(w) awa-kwer wə*
todos homem-COL mais de um
"todos os homens (i.e., mais de um; o conjunto de homens)".

Assim como acontece com o dêitico *aʔe*, o quantificador *wə* também pode vir separado do(s) NP(s) com o(s) qual(is) mantém

escopo quantificacional. É o que acontece nos exemplos (48) e (49) em que os NPs [_{NP} *pira*] e [_{NP} *tapiʔir*] vêm na posição gramatical de sujeito, enquanto o quantificador *wə* figura numa posição mais baixa na estrutura sintática⁵.

(48) *kon u-hem o-ho kwarahi-ete mehe*
 quando 3-chegar 3-ir sol-INTS COMP
 "Quando chega a época de sol"

pira u-pita paw.ran pupe wə kuri
 peixe 3-fica poços dentro de mais de um então.
 "Mais de um peixe fica dentro dos poços".

(49) *Purutu w-esak maʔe r-emiʔu no*
 Puruto 3-viu animais POSS-comida também
 "Puruto também viu a fruteira."

aʔe pe tapiʔir w-iko dawsɨ r-ehe wə
 ele em anta 3-estar jabuti OBLIQ-com PL
 "nela (fruteira), a anta e (=com) o jabuti estavam".

Semanticamente, nota-se que a ocorrência do quantificador *wə*, nas orações (48) e (49), implica a interpretação de que mais de um participante está envolvido na ação/evento expresso pelo predicado.

3.3. O sintagma possessivo

A indicação da relação genitiva no sintagma nominal dá-se por meio da anteposição do NP POSSUIDOR ao NP POSSUÍDO, conforme indica a representação sintática em (50a-b):

(50a) [_{DP} POSSUIDOR-POSSUÍDO]

(50b) *karaiw r-eko-haw*
 branco POSS-lugar-NOML
 "lugar do homem branco"

Ao contrário dos sintagmas nominais de (28) a (32), em que o núcleo do NP não exhibe marca flexional para indicar a adjacência do determinante, em (50b), verifica-se que o NP POSSUÍDO *-ekohaw* "lugar" precisa tomar o prefixo {r-}. Este morfema tem a função de assinalar

que o POSSUIDOR vem imediatamente adjacente ao NP POSSUÍDO. Com base na alomorfia desses prefixos, costuma-se, no estudo das línguas da família Tupi-Guarani, subdividir os temas nominais, os temas posposicionais e os temas verbais em classe I e classe II. Os temas da classe I são os que recebem os alomorfes /ø-/ e /i-/ e os da classe II, os que tomam os alomorfes /r-/ e /h-/, conforme sugere a tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Marcadores relacionais

	adjacência do complemento	não-adjacência do complemento
classe I	ø-	i-
classe II	r-	h-

No entanto, quando o POSSUIDOR não ocorre imediatamente adjacente ao POSSUÍDO, porque está omitido, o núcleo do sintagma genitivo toma o prefixo [i- ~ h-]. Comparem os exemplos (51a) e (52a) com (51b) e (52b).

(51a) [_{NP} POSSUIDOR-POSSUÍDO]
karaiw r-eko-haw
 branco POSS-lugar-NOML
 "lugar de homem branco"

(51b) [_{NP} POSSUÍDO]
h-eko-haw
 POSS-lugar-NOML
 "lugar dele (= homem branco)"

(52a) [_{NP} POSSUIDOR-POSSUÍDO]
Purutu ø-ho-haw
 Purutu POSS-ir-NOML
 "a ida de Purutu"

(52b) [_{NP} POSSUÍDO]
i-ho-haw
 POSS-ir-NOML
 "a ida dele (= Purutu)".

Além dos contextos acima, o prefixo { \emptyset - ~ r-} também é usado quando a relação [POSSUIDOR-POSSUÍDO] dá-se por meio dos pronomes pessoais clíticos, ocorrentes na tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Pronomes pessoais clíticos

pronomes pessoais	significado
he	'eu'
dane	'nós _{inclusivo} '
ure	'nós _{exclusivo} '
ne	'tu'
pe	'vós'

Note que, em (53) e (54), a ocorrência do prefixo { \emptyset - ~ r-} é exigida para marcar a relação de adjacência entre os pronomes pessoais, na função de possessivo, e os substantivos *-wirapar* e *-apid*.

TEMA NOMINAL DA CLASSE I

(53)	<i>he</i>	\emptyset - <i>wirapar</i>	"meu arco"
	<i>dane</i>	\emptyset - <i>wirapar</i>	"nosso _{inclusivo} arco"
	<i>ure</i>	\emptyset - <i>wirapar</i>	"nosso _{exclusivo} arco"
	<i>ne</i>	\emptyset - <i>wirapar</i>	"teu arco"
	<i>pe</i>	\emptyset - <i>wirapar</i>	"vosso arco"

TEMA NOMINAL DA CLASSE II

(54)	<i>he</i>	r- <i>apid</i>	"minha casa"
	<i>dane</i>	r- <i>apid</i>	"nossa _{inclusivo} casa"
	<i>ure</i>	r- <i>apid</i>	"nossa _{exclusivo} casa"
	<i>ne</i>	r- <i>apid</i>	"tua casa"
	<i>pe</i>	r- <i>apid</i>	"vossa casa"

3.4. As posposições

Os sintagmas posposicionais da língua Tenetehára, doravante PPs, apresentam a ordem sintática [COMPL [NÚCLEO]], diferentemente da ordem sintática verificada nos PPs das línguas românicas, os quais

apresentam sistematicamente a ordem [NÚCLEO [COMPL]]. A posposição, núcleo do sintagma pospositivo, pode tomar os prefixos { \emptyset - ~ r-}, os quais indicam que o complemento vem adjacente à posposição, conforme se vê em (55a) e (56a).

COMPLEMENTO DA POSPOSIÇÃO ADJACENTE

(55a) *ko* \emptyset -*pupe*
 roça OBLIQ-PSP
 "dentro da roça."

(56a) *ko* r-*ehe*
 roça OBLIQ-PSP⁶
 "na roça."

A posposição pode ainda tomar o prefixo {i- ~ h-} para indicar que o complemento *ko* "roça" não está adjacente, já que foi omitido da sentença, conforme é a situação dos exemplos abaixo.

COMPLEMENTO DA POSPOSIÇÃO NÃO-ADJACENTE

(55b) *i-pupe*
 OBLIQ-PSP
 "dentro dela (roça)".

(56b) *h-ehe*
 OBLIQ-PSP
 "nela (roça)".

Além das posposições *-ehe* e *-pupe*, há ainda outras que codificam diferentes nuances de significado, como direção, companhia, movimento etc. Em (57), listo a raiz de algumas posposições que são bastante recorrentes nas narrativas colhidas durante o trabalho a campo.

(57)	-aikwera:	atrás de
	-upi:	dentro de, com
	-kutir:	em direção a
	(-pe ~ -me):	em
	-iruramo:	junto de; na companhia de
	-wi:	originário de

NOTAS

¹ O curioso é o fato de que este sufixo é homônimo ao morfema que indica tempo passado nos DPs, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- | | | |
|-------|-------------------------|--|
| (i) | <i>temi-apo-kwer</i> | "o que foi feito, cumprido" |
| (ii) | <i>ma ?e-kwer</i> | "a coisa já tida/ocorrida" |
| (iii) | <i>akəŋ-wer</i> | "caveira" |
| (iv) | <i>ma ?e ro ?o-kwer</i> | "carne (o que foi carne de algo=animal ou ser humano)" |

² Foneticamente, o fonema /d/ equivale ao fone [j], quando em final de palavra, conforme indica a transcrição [moj + #]. Contudo, a aproximante [j] modifica-se para [d ~ z], nos contextos intervocálicos, conforme: [moj]+[uhu] → [mod+uhu] ~ [moz+uhu]

³ A relação possessiva é indicada pela ocorrência dos pronomes pessoais clíticos juntos aos nomes: [PRONOME + NOME]. Os pronomes e os nomes não variam em gênero.

⁴ Na verdade, seria o movimento apenas dos NPs para a verificação do Caso nominativo e dos traços- ϕ ocorrentes no núcleo finito I°/T°

⁵ Conforme a análise que desenvolvemos no capítulo 10, o comportamento flutuante do quantificador *wə* e do dêitico *a ?e* nos serve como teste para a delimitação da fronteira entre o TP e o VP.

⁶ PSP é a abreviatura para posposição.

Capítulo 4

Codificação dos Argumentos Nucleares

Na língua Tenetehára, pode-se afirmar que as orações principais constituem-se dos seguintes elementos: verbo, sujeito, objeto, sintagma oblíquo, emergindo neste caso a estrutura [VSO IO], que exhibe a ordem não-marcada e mais recorrente nos textos narrativos colhidos. Conforme veremos adiante, distinguem-se pelo menos três tipos de verbos, a saber: os transitivos, os intransitivos (inacusativos e inergativos) e os descritivos. Adotando a terminologia proposta por Dixon (1979, p.59-138), usaremos, no decorrer deste trabalho, o termo (A) para fazer referência ao sujeito do verbo transitivo (de ação), o termo (Sa) ao sujeito do verbo intransitivo (inergativo e inacusativo), o termo (So) ao sujeito do verbo descritivo e o termo (O) ao objeto do verbo transitivo. Assim como em outras línguas da família lingüística Tupi-Guarani, os sintagmas nominais na língua Tenetehára não recebem desinências de Caso para distinguir os D/NPs na função sintática de sujeito e de objeto. Estas funções são codificadas por meio da série de prefixos nominativos e absolutivos e por meio de pronomes pessoais que, em geral, vêm proclíticos ao verbo. Tais prefixos e pronomes podem ser visualizados nas três tabelas a seguir.

Tabela 1: Marcadores nominativos e pronomes pessoais

peessoas	pronomes pessoais independentes	pronomes pessoais clíticos	prefixos pessoais nominativos
eu	ihe	he	a-
nós _{inclusivo}	dane _{inclusivo}	dane _{inclusivo}	si- ~ da-
nós _{exclusivo}	ure _{exclusivo}	ure _{exclusivo}	uru- ~ oro-
tu	ne	ne	re-
vós	pe	pe	pe-
ele	-	-	u- ~ o- ~ w-

Tabela 2: Marcadores nominativo-acusativos

peessoas	prefixos pessoais nominativo-acusativos
1 → 23	apu-
13 → 23	urupu-

Tabela 3: Marcadores relacionais

classes temáticas	adjacência do argumento	não-adjacência do argumento
classe I	ø-	i-
classe II	r-	h-

No âmbito dos estudos sobre a família lingüística Tupi-Guarani, considera-se que os prefixos relacionais da tabela 3 indicam a relação gramatical que se estabelece entre o núcleo de um sintagma (nominal, posposicional e verbal) e o seu complemento. Conforme Grannier (2005, p.139), esses prefixos assinalam “relações entre os núcleos e seus argumentos. Embora não indiquem nem distinção de pessoas nem as funções que desempenham, do ponto de vista da estrutura interna do constituinte, eles marcam uma função argumental”. Uma maneira de captarmos essa importante intuição, no âmbito do quadro teórico da gramática gerativa, é adotarmos a hipótese de que esses prefixos são, ao final das contas, a manifestação na morfologia da

atribuição dos Casos absolutivo/acusativo, genitivo e oblíquo, dependendo se o núcleo é um verbo, um nome possuído ou uma posposição. Nessa linha de raciocínio, assumirei, no decorrer deste trabalho, que, quando os prefixos { \emptyset - ~ r-} figuram no núcleo do sintagma, é sinal de que a atribuição de Caso estrutural se dá na relação SPEC-HEAD, conforme a configuração abaixo:

$$(1) \quad [_{XP} DP \quad [_{X^{\circ}} \emptyset\text{-HEAD}]]$$

$$(2) \quad [_{XP} DP \quad [_{X^{\circ}} r\text{-HEAD}]]$$

Já, quando são os prefixos {i- ~ h-} que aparecem no núcleo dos sintagmas verbal, genitivo e pospositivo, isso é indicativo de que o DP (complemento) não vem imediatamente adjacente ao núcleo, mas situado em outra posição na estrutura oracional, conforme mostramos pelas configurações abaixo:

$$(3) \quad [_{YP} DP_i \dots\dots\dots [_{XP} t_{DP} \quad [_{X^{\circ}} i\text{-HEAD}]]]$$

$$(4) \quad [_{YP} DP_i \dots\dots\dots [_{XP} t_{DP} \quad [_{X^{\circ}} h\text{-HEAD}]]]$$

Será a ocorrência desses prefixos no núcleo verbal que poderá engatilhar (i) o sistema de marcação cindida nas orações independentes e (ii) o sistema (ergativo)-absolutivo em orações subordinadas, conforme veremos nos capítulos (5) e (6). A cisão na marcação dos argumentos dependerá muitas vezes se o DP, na função sintática de sujeito ou de objeto, carrega o traço [+PESSOA] ou se o predicado monoargumental é de natureza estativa ou não.

Passemos, assim, na próxima seção, a apresentar a codificação dos argumentos nucleares, ou seja, o sujeito e o objeto, nas orações com verbos transitivos, intransitivos e descritivos estativos.

4.1. Nos verbos transitivos das orações independentes

Em Tenetehára, usa-se em geral o prefixo { \emptyset - ~ r-} para os contextos em que o objeto é um pronome proclítico imediatamente adjacente ao verbo. Em geral, este pronominal vem realizado por meio das formas de primeira ou segunda pessoa, singular ou plural, situações nas quais pode emergir a ordem sintática [O_{clítico pronominal}-VS], conforme se vê nos exemplos a seguir.

Tema verbal da classe I

- (5) *he.ø-duka-rəm* *dawar*
me.ABS-matar-FUT onça
"A onça me matará".
- (6) *ne.ø-duka-rəm* *dawar*
te.ABS-matar-FUT onça
"A onça te matará".
- (7) *dane_{inclusivo}.ø-duka-rəm* *dawar*
nos_{inclusivo}.ABS-matar-FUT onça
"A onça nos_{inclusivo} matará".
- (8) *ure_{exclusivo}.ø-duka-rəm* *dawar*
nos_{exclusivo}.ABS-matar-FUT onça
"A onça nos_{exclusivo} matará".
- (9) *pe.ø-duka-rəm* *dawar*
vos.ABS-matar-FUT onça
"A onça vos matará".

Tema verbal da classe II

- (10) *he.r-aro-rəm* *Purutu*
me.ABS-esperar-FUT Purutu
"Purutu me esperará".
- (11) *ne.r-aro-rəm* *Purutu*
te.ABS-esperar-FUT Purutu
"Purutu te esperará".
- (12) *dane_{inclusivo}.r-aro-rəm* *Purutu*
nos_{inclusivo}.ABS-esperar-FUT Purutu
"Purutu nos_{inclusivo} esperará".
- (13) *ure_{exclusivo}.r-aro-rəm* *Purutu*
nos_{exclusivo}.ABS-esperar-FUT Purutu
"Purutu nos_{exclusivo} esperará".
- (14) *pe.r-aro-rəm* *Purutu*
vos.ABS-esperar-FUT Purutu
"Purutu vos esperará".

Já nos contextos em que o sujeito vem representado por um pronome de segunda pessoa, e o objeto, por um pronome de primeira pessoa, o verbo recebe o prefixo absolutivo {ø- ~ r-}, ou seja, a codificação se dá com o pronominal mais alto na hierarquia de pessoa, conforme se vê pelos exemplos abaixo.

TEMA VERBAL DA CLASSE I

- (15) *ne he.ø-kutuk-rəm*
 tu me.ABS-cutucar-FUT
 "Tu me cutucarás".

TEMA VERBAL DA CLASSE II

- (16) *ne he.r-aro-rəm*
 tu me.ABS-esperar-FUT
 "Tu me esperarás".

Contudo, quando o DP na função de sujeito do verbo transitivo é o agente (A) e vem manifesto por meio de pronomes pessoais não-clíticos, registra-se então a ocorrência dos prefixos nominativos, conforme se vê pelos exemplos abaixo.

- (17) *ihe a-duka-rəm amo-a*
 eu eu-matar-FUT outro-ARG.
 "Eu vou matar outro (= o macaco)."
- (18) *ne re-duka-rəm amo-a*
 tu tu-matar-FUT outro-ARG.
 "Tu vais matar outro (= o macaco)."
- (19) *ure_{exclusivo} uru-duka-rəm amo-a¹*
 nós_{exclusivo} nós_{exclusivo}-matar-FUT outro-ARG.
 "Nós_{exclusivo} vamos matar outro (= o macaco)."
- (20) *dane_{inclusivo} si-duka-rəm amo-a*
 nós_{inclusivo} nós_{inclusivo}-matar-FUT outro-ARG.
 "Nós vamos matar outro (= macaco)."
- (21) *aʔe u-duka-rəm amo-a*
 ele 3-matar-FUT outro-ARG
 "Ele vai matar outro (macaco)".

Vejam que o contraste entre os dados de (5) a (16), por um lado, e de (17) a (21), por outro, sinaliza a existência de um sistema cindido de codificação dos argumentos quanto ao sistema de Caso e concordância presente nos verbos transitivos, ou seja, no primeiro conjunto de dados ocorre a codificação do D/NP objeto pronominal (O) e no segundo conjunto vigora a codificação do sujeito (A) do verbo transitivo. Percebe-se ainda que o acionamento de um ou outro tipo de codificação dos argumentos nucleares está intimamente correlacionado à hierarquia de pessoa (cf. DUARTE, 1997), segundo a qual o prefixo de Caso que aparece no verbo transitivo, nas orações independentes, é determinado pelo DP que carrega o traço [+PESSOA], esteja ele ocupando a função de sujeito (A) ou de objeto (O). Por isso, nos exemplos de (17) a (21), vemos que o verbo toma os prefixos nominativos *a-*; (*e*)*re-*; *uru-*; *si-* e *u-*, enquanto, nos exemplos de (5) a (16), o verbo carrega o prefixo absolutivo [\emptyset ~ *r-*]. Este último sinaliza que o objeto, quando se realiza como um pronominal de natureza clítica, deve hospedar-se adjungido ao verbo, de maneira que as sentenças (15) e (16), repetidas abaixo como (22) e (23), terão a derivação sintática indicada nas representações em (22b) e (23b).

Tema verbal da classe I

(22a) *ne he.∅-kutuk-rəm*
 tu me.ABS-cutucar-FUT
 "Tu me cutucarás".

(22b) [_{TP} *ne* [_{VP} *he* [_v *∅-kutuk-rəm* [_{VP}]]]]

Tema verbal da classe II

(23a) *ne he.r-aro-rəm*
 tu me.ABS-esperar-FUT
 "Tu me esperarás".

(23b) [_{TP} *ne* [_{VP} *he* [_v *r-aro-rəm* [_{VP}]]]]

Por sua vez, nos contextos não-marcados², ordem VSO e SVO, em que tanto o sujeito quanto o objeto são um D/NP não-pronominal de primeira e segunda pessoas, a codificação do sujeito dá-se por meio do prefixo nominativo [*u-*], conforme o exemplo (24) a seguir:

- (24) *u-ʔu teko upaw pira*
 3-comer a gente todo o peixe
 "A gente comeu todo o peixe".

Além disso, em orações declarativas absolutas, cinco ordens são possíveis: VSO, SVO, VOS, SOV e OSV, conforme mostram os exemplos abaixo:

ORDEM VSO

- (25) *w-ekar teko wakari ita r-ehe*
 3-procurar a gente acari pedra OBLIQ-em
 "A gente procura acari na pedra".

ORDEM SVO

- (26) *he-hi u-m-ur maʔe r-oʔo-kwer ha-we*
 1-mãe 3-fazer-*vir* coisa POSS-carne-PASS 1-DAT
 "Minha mãe deu carne para mim".

ORDEM VOS

- (27) *w-api ko teko kuri*
 3-queimar roça a gente então
 "A gente queima a roça então".

ORDEM SOV

- (28) *Pedro_j i_j-kihaw u_j-dusi*
 Pedro_j POSS_j-rede 3-amarrar
 "Pedro_j amarrou a rede dele_j (de outra pessoa)".

ORDEM [PP [OSV]

- (29) *aʔe pe ko teko u-dapo kuri*
 3 em roça a gente 3-fazer então
 "Lá, roça, a gente faz".

ORDEM [OSV]

- (30) *ɛwɛra teko u-mu-ʔi*
 madeira a gente 3-CAUS-partir
 "A madeira, a gente partiu".

As duas primeiras ordens são mais produtivas e, na maioria das vezes em que o sujeito e o objeto estão presentes, nota-se que a ordem predominante é VSO³, em orações principais, e OV_{transitivo}/SV_{intransitivo}, em orações encaixadas que apresentam o complementizador em posição final.

4.2. Nos verbos intransitivos das orações independentes

Já a codificação do argumento na função sintática de sujeito dos verbos intransitivos inacusativos (como *ir*, *chegar*, *vir* etc.) e dos intransitivos inergativos, (como *caminhar* e *correr* etc.) dá-se indistintamente pela série de prefixos nominativos, conforme se vê pelos exemplos abaixo:

(31) *ihe a-diwir kwehe ?i apir kutir*
 eu eu-*vir* DPASS rio cabeceira em direção a
 "Eu vim em direção à cabeceira do rio".

(32) *ere re-ho kwehe ?i apir kutir*
 tu tu-*ir* DPASS rio cabeceira em direção a
 "Tu foste em direção à cabeceira do rio".

(33) *ure (u)ru-wata kwehe sibir diwir a?e mehe*
 nós_{exclusivo} nós_{exclusivo}-*caminhar* DPASS tibir beira esse dia
 "Nós caminhamos para a beira do igarapé tibir nesse dia".

(34) *a?e u-hid kwehe sibir diwir a?e mehe*
 ele 3-*correr* DPASS tibir beira esse dia
 "Ele correu para a beira do igarapé tibir nesse dia".

Nos contextos em que o sujeito não vem lexicalmente realizado por um pronome, mas pelo DP *Purutu*, a codificação também se dá por meio do prefixo nominativo {u-}, conforme o exemplo em (35) a seguir:

(35) *Purutu u-diwir kwehe ?i apir kutir*
 Purutu 3-*vir* DPASS rio cabeceira em direção a
 "Purutu veio em direção à cabeceira do rio".

Já com verbos estativos do tipo de *ser forte*, *estar com sono*, etc., a codificação dá-se por meio dos prefixos absolutivos {ø- ~ r-} e {i- ~ h-}, conforme mostramos a seguir:

Tema verbal da classe I

- (36) *he ø-kən*
eu ABS-ser forte
"Eu sou forte".
- (37) *ne ø-kən*
tu ABS-ser forte
"Tu és forte".
- (38) *i-kən*
ABS-ser forte
"(Ele) é forte".

Tema verbal da classe II

- (39) *he r-upihid*
eu ABS-estar com sono
"Eu estou com sono".
- (40) *ne r-upihid*
tu ABS-estar com sono
"Tu estás com sono".
- (41) *h-upihid*
ABS-estar com sono
"(Ele) está com sono".

Vê-se, nos dados de (31) a (41), a existência de um sistema de marcação de Caso cindido, o qual é condicionado pela natureza semântica do predicado. Ou seja, os verbos inacusativos estativos de (36) a (41) recebem o prefixo de Caso absolutivo, enquanto os inacusativos de movimento e os inergativos agentivos de (31) a (35) recebem o prefixo de Caso nominativo. Nesse sentido, a marcação de Caso nos verbos intransitivos em Tenetehára apresenta parcialmente as características de um sistema de tipo ativo-estativo. Sendo assim, a distinção sintático-semântica que há entre inacusativos e inergativos nem sempre é inteiramente codificada no âmbito do componente morfológico⁴, na língua Tenetehára. Uma prova disso vem do fato de que os prefixos absolutivos não ocorrem nos verbos inacusativos de processo como o verbo *-mano* "morrer" e

o verbo estativo *-iko*⁵ "estar". Estes verbos, embora envolvam um DP tema/afetado, não tomam o prefixo de Caso absolutivo, como era de se supor se a distinção entre predicados ativos e predicados estativos/inativos fosse plenamente codificada por meio dos prefixos nominativos e absolutivos. Assim sendo, os verbos *-mano* "morrer" e *-iko* "estar" recebem o prefixo de Caso nominativo {u-}, conforme mostramos abaixo:

(42) *w-iko* *Purutu* *aʔe* *pe*
 3-estar Purutu lá em
 "Purutu está/vive lá"

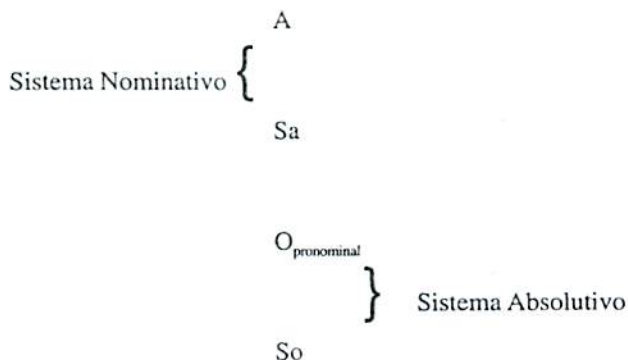
(43) *iwira* *u-mano*
 madeira 3-morrer
 "A madeira morreu (=secou)"

Uma pesquisa futura deverá investigar se há algum outro diagnóstico, no componente gramatical, que nos permita distinguir as duas classes de verbos intransitivos: os ativos (=inergativos) e os estativos/não-ativos (inacusativos).

4.3. Resumo do capítulo

Por fim, ao compararmos o sistema de codificação dos argumentos nos predicados transitivos e intransitivos, concluímos haver um sistema híbrido de codificação dos argumentos que lembra muito o sistema cindido proposto por Dixon (1994). Em síntese, a codificação do sujeito agente (A) do verbo transitivo e do sujeito agente (Sa) do verbo intransitivo dá-se por meio dos prefixos nominativos e a codificação do objeto pronominal (O) e do sujeito (So) dos verbos descritivos estativos ocorre por meio dos prefixos absolutivos. Este sistema pode ser visualizado pelo diagrama proposto a seguir.

(44) Sistema cindido de codificação dos argumentos nucleares em orações independentes



NOTAS

¹ Notem que o objeto aqui, embora esteja adjacente ao verbo, não está numa relação SPEC-HEAD e nem aciona o prefixo de Caso absoluto { \emptyset - ~ r-} no verbo *-duka* "matar". A razão disto deve-se ao fato de que estamos a considerar que a ocorrência do prefixo de adjacência { \emptyset - ~ r-} sinaliza que o argumento move-se de sua posição de base para a posição de SPEC da categoria funcional que lhe atribui Caso estrutural, (=absolutivo, na literatura tipológica).

² Estamos considerando marcados aqueles contextos em que, por exemplo, o objeto é elevado para a periferia esquerda da oração, alterando assim a ordem básica, como acontece no seguinte exemplo:

- (i) *uʔu teko upaw pira*
3-comer a gente todo o peixe
"A gente comeu todo o peixe".
- (ii) *upaw pira_i teko i_i-ʔu-n_i*
todo o peixe a gente ABS-COMER-DESLC
"Todo o peixe, a gente comeu".

A hipótese que defenderemos no capítulo referente à estrutura da periferia esquerda da sentença é a de que a presença do prefixo {i-} e do sufixo {-n} aponta para o fato de que objeto *upaw pira* é deslocado para uma posição A-barra, no domínio do sistema CP.

³ Segundo Harrison (1986, p.408), “although Guajajara is verb-final in dependent clauses (...), the dominant order in independent clauses is VSO, in the rare cases where both S and O third person nominals are present”.

⁴ No âmbito da literatura gerativista, distinguem-se duas classes de verbos monoargumentais: os inacusativos e os inergativos. Em consonância com Levin e Rappaport (1995, p.3):

“an unergative verb takes a D-structure subject and no object, whereas an unaccusative verb takes a D-structure object, be it clausal or a simple NP – and no subject. Thus, the members of the two classes are associated with the D-Structure syntactic configurations”

As duas configurações são mostradas em (ia-b) abaixo:

- (ia) Unergative verb: DP [_{VP} V]
(ib) Unaccusative verb: ___ [_{VP} V DP/CP]

Por exemplo, Levin e Rappaport (1995, p.35-39) mostram que construções resultativas só podem ter escopo sobre DPs sujeitos de verbos inacusativos, mas nunca sobre DPs sujeitos de verbos inergativos, conforme mostra o contraste em (ii) e (iii) abaixo.

- (ii) *Dora_i [_{VP} t_i [_v shouted hoarse].
(iii) The river_i [_{VP} ___ [_v froze [_{sc} t_i solid]]].

Notem que o XP resultativo *hoarse* não pode predicar do sujeito agente *Dora*, em (ii), mas o XP resultativo *solid* pode predicar do sujeito superficial *the river*, em (iii), situação que evidencia que o DP *the river* é gerado como complemento do verbo inacusativo *froze*, conforme a configuração em (iv) abaixo:

- (iv) [_{VP} froze [_{sc} The river solid]]].

Já em (ii), o DP *Dora*, por ser gerado em Spec-VP, não pode formar com o XP resultativo *hoarse* uma *small clause*, conforme a estrutura em (v).

- (v) * [_{VP} shouted [_{sc} Dora hoarse]]].

⁵ Conforme Boudain (1978), o verbo *iko* “origina-se da pré-raiz *-ko*, que implica uma noção de vivência”.

Capítulo 5

Construções de Gerúndio

O objetivo deste capítulo é apresentar o sistema de codificação dos argumentos (A), (Sa), (So) e (O) nas orações de gerúndio da língua Tenetehára, e verificar se este sistema coincide com o sistema do dialeto Guajajára e com o de outras línguas da família lingüística Tupi-Guarani, em especial a língua Tupinambá. Além da codificação dos argumentos, investigam-se também as condições sintáticas de correferência do sujeito encaixado com o da oração principal.

5.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTÍCULA *pə*

Em geral, identificam-se as orações de gerúndio pela ocorrência da partícula *pə*, que sempre vem posposta ao verbo da oração [[OV] *pə*]. Segundo Rodrigues, em comunicação pessoal, há indícios de que a língua Tembé também indicava o gerúndio por meio de um sufixo verbal tal como no Tupinambá. Por razões diacrônicas, este afixo transformou-se na atual partícula [*pə*].

Essa hipótese se fundamenta no fato de que, no Tupinambá, o verbo da oração de gerúndio recebia o sufixo *-aβo* que tinha as seguintes variações morfofonêmicas:

- (a) após vogal alta (V^{alta}) / ____, o sufixo tomava a forma $-a\beta o$;
- (b) após vogal baixa (V^{baixa}) / ____, o sufixo tomava a forma $-\beta o$;
- (c) após consoantes (C) / ____, ele tomava a forma $-a$;
- (d) precedida por consoante bilabial fricativa, esta transformava-se em oclusiva surda homorgânica: $(-\beta > p)$ -a

A hipótese sugerida é que a partícula $p\alpha$ do Tembê deve ter-se originado a partir da situação descrita em (d).

5.2. Características gerais

As orações subordinadas de gerúndio correspondem aproximadamente ao que as gramáticas tradicionais do português classificam como sendo orações reduzidas de gerúndio e de infinitivo. Elas podem exprimir “um processo realizado simultaneamente com outro processo (gerúndio contemporâneo)”, “a finalidade ou propósito do processo indicado por outro verbo (gerúndio final)” e “um processo realizado pelo mesmo sujeito que já realizou outro processo, mas sem simultaneidade (gerúndio aditivo)” (cf. Rodrigues, 1953, p.126).

As relações sintáticas, nestas orações, são orientadas para referir-se ao sujeito ou ao objeto, dependendo do tipo de construção sintática na qual o verbo e seus argumentos ocorrem. Nas construções transitivas, codifica-se o objeto, e nas intransitivas, o sujeito. A referência a estes argumentos está relacionada a fatores tais como:

- (i) a contigüidade, ou não, do objeto (O) em relação ao verbo transitivo e do sujeito (So) em relação ao verbo descritivo;
- (ii) os prefixos nominativos que ocorrem nos verbos intransitivos para codificar (Sa).

Esses fatores determinarão, como veremos adiante, um sistema de marcação de caso cindido: em parte, (ergativo)-absolutivo, em parte, nominativo-acusativo. Averiguemos inicialmente como o sistema (ergativo)-absolutivo se realiza nas orações de gerúndio com verbos transitivos.

5.3. Construções transitivas

Os verbos transitivos fazem referência somente ao sintagma nominal na função sintática de objeto. O sintagma nominal na função de sujeito (A) é, em geral, correferente com o sujeito (A) ou (Sa) da oração principal. Os marcadores verbais que ocorrem para codificar o objeto estão associados aos seguintes fatores:

- (i) a classe temática à qual pertence o verbo;
- (ii) a posição do objeto em relação ao verbo transitivo da oração de gerúndio.

5.3.1. Objeto contíguo ao verbo

Os predicados que têm o objeto contíguo ao verbo designam esta relação por meio do prefixo de Caso absoluto { \emptyset - ~ r-}. Os exemplos (1), (2), (3) e (4) ilustram a ocorrência deste prefixo nas duas classes de temas verbais transitivos.

Temas verbais da classe I

Gerúndio final

- (1) *upaw* *kwehe* *oro-ho* *a?e* *mehe*
todos DPASS nós_{exclusivo}-ir esse COMP

pira \emptyset -*pihik* *pə*
peixe ABS-pegar GER

"(Nós) todos fomos nesse dia para pegar peixe."

Gerúndio Contemporâneo

- (2) *i-katu* *ru?u* *da-iko* *nadewe*
3-bom Q nós_{inclusivo}-estar assim

dane \emptyset -*de?ey* \emptyset -*mu-kidim* *pə?*
nós_{inclusivo} POSS-fala ABS-CAUS-perder-se GER

"Será bom nós estarmos perdendo a nossa língua assim?"

Temas verbais da classe II

Gerúndio final

- (3) *a-ha kaʔi r-esak pə kuri.*
1-ir macaco ABS-Ver GER RES
“(Eu) fui para ver o macaco então.”

Gerúndio contemporâneo

- (4) *o-mono maniʔok r-itik pə kuri.*
3-colocar mandioca ABS-jogar GER RES
“A gente coloca jogando a mandioca.”

Veja-se, nos exemplos acima, que os alomorfes do prefixo de Caso absolutivo { \emptyset ~ r-} alternam-se, quando o objeto está contíguo ao verbo. Os temas verbais da classe I -*pihik* ‘pegar’ e -*mukidim* ‘perder’ recebem o alomorfe / \emptyset -/, que faz referência aos sintagmas *pira* e *dane \emptyset -deʔen*, e os da classe II -*esak* ‘ver’ e -*itik* ‘jogar’, o alomorfe /r-/, que faz referência aos sintagmas *kaʔi* e *maniʔok*.

No Guajajára, assim como no Tembé, codifica-se o objeto (O) por meio do prefixo de Caso absolutivo { \emptyset ~ r-}, como no exemplo (5), retirado de Bendor-Samuel (1972, p.141). Neste exemplo, o tema verbal transitivo -*ika* “quebrar” pertence à classe I.

Gerúndio final

- (5) *o-ho wəhu \emptyset -ika pə*
3-ir côco ABS-quebrar GER
“(Ele) foi para quebrar côco.”

Dados retirados de Rodrigues (1953, p.130), também confirmam a existência do mesmo tipo de referência na língua Tupinambá. Os seguintes exemplos, ambos com o gerúndio final, apresentam temas verbais das classes I e II. Neles, a referência a O se faz por meio do prefixo relacional { \emptyset ~ r-}.

Tema verbal da classe I

Gerúndio final

- (6) *o-úr kunumi \emptyset -kuáp-a*
3-vir menino ABS-conhecer-GER
“(Ele) veio para conhecer o menino.”

Tema verbal da classe II

Gerúndio final

- (7) *o-úr kunumi r-epják-a*
3-vir menino ABS-VER-GER
“(Ele) veio para ver o menino.”

5.3.2. Objeto não-contíguo

Há outros contextos em que o objeto, seja porque foi omitido por razões discursivas, como nos exemplos (8) e (10), seja porque foi mencionado anteriormente na sentença, como nos exemplos (9) e (11), não ocorre em posição sintática contígua ao verbo. Nesses contextos, o prefixo de Caso absolutivo { i- ~ h-} de não-adjacência é o que ocorre.

Tema verbal da Classe I

Gerúndio final

- (8) *upaw kwehe oro-ho a?e mehe*
todos PASS nós_{exclusivo}-ir esse quando

i-pĩhík pə.
ABS-pegar GER.

“(Nós) todos fomos nesse dia para pegá-lo (= peixe).”

- (9) *u-pĩhík tre pira o-mono dapepo pupe*
3-pegar três peixes 3-coloca panela dentro de

i-mimud pə.
ABS-cozinhar GER

“A gente pega três peixes e coloca dentro da panela para cozinhá-los.”

Tema verbal da classe II

Gerúndio final

- (10) *a-ha h-esak pə kuri.*
1-ir ABS-VER GER RES
“(Eu) fui para vê-lo (= o macaco) então.”

Gerúndio aditivo

- (11) *u-pihik* *pira* *tete-a?u* *teko*
 3-pegar peixe muito-INTS a gente
h-erur *pə* *kuri*
 ABS-trazer GER RES

"A gente pega muito peixe e os traz agora."

Em (8) e (10), os prefixos absolutivos {i- ~ h-} referem-se, respectivamente, aos sintagmas *pira* 'peixe' e *ka?i* 'macacos', que foram omitidos das sentenças (1) e (3). Em (9) e (11), os NPs *tre pira* 'três peixes' e *pira* 'peixe', mencionados nas orações anteriores [*u-pihik tre pira*] e [*u-pihik pira tete-a?u teko*], são referidos, na oração de gerúndio, pelos mesmos prefixos.

Como veremos na próxima seção, a estratégia de codificação de (O), nas orações acima, partilha semelhanças com a usada para a codificação de (So) dos verbos descritivos. Ambas as estratégias têm, em comum, o fato de usarem os prefixos de Caso absoluto e subordinarem-se ao critério de adjacência. Comparando os dados do Guajajara e do Tupinambá com os do Tembé acima, verifica-se que as três línguas apresentam o mesmo tipo de codificação para os contextos de não-contigüidade do objeto.

O exemplo (12) do dialeto Guajajara (cf. BENDOR-SAMUEL, 1972, p.143) e os exemplos (13) e (14) da língua Tupinambá (cf. RODRIGUES, 1953, p.130) confirmam esta semelhança. A codificação do objeto, nessas duas línguas, é realizada por meio dos mesmos marcadores. No dialeto Guajajara, eles tomam a mesma forma que no dialeto Tembé {i- ~ h-}, e na língua Tupinambá, eles tomam a forma {i- ~ s-}.

Tema verbal da classe II

Gerúndio final (exemplo do Guajajara)

- (12) *o-ho* *i?-zar_i* *h?-etsak* *pə*
 3-ir GEN-proprietário ABS-ver GER
 "O proprietário (dele) foi para vê-lo."

descritivos e muito semelhante à do objeto nos verbos transitivos, já que ambas as estratégias utilizam os mesmos marcadores, i.e., os prefixos de Caso absoluto. Nos exemplos de (15) a (17), a codificação é realizada pela ocorrência, no tema verbal *-uriwete*, do alomorfe /r-/, para marcar a adjacência do sujeito (So). Em (15) e (16), (So) é representado pelos pronomes: *he* 'eu' e *ne* 'você', e, em (17), pelo sintagma nominal *Siba*.

Gerúndio aditivo

- (11) *u-pihik* *pira* *tete-a?u* *teko*
3-pegar peixe muito-INTS a gente
- h-erur* *pə* *kuri*
ABS-trazer GER RES

"A gente pega muito peixe e os traz agora."

Em (8) e (10), os prefixos absolutivos {i- ~ h-} referem-se, respectivamente, aos sintagmas *pira* 'peixe' e *ka?i* 'macacos', que foram omitidos das sentenças (1) e (3). Em (9) e (11), os NPs *tre pira* 'três peixes' e *pira* 'peixe', mencionados nas orações anteriores [*u-pihik tre pira*] e [*u-pihik pira tete-a?u teko*], são referidos, na oração de gerúndio, pelos mesmos prefixos.

Como veremos na próxima seção, a estratégia de codificação de (O), nas orações acima, partilha semelhanças com a usada para a codificação de (So) dos verbos descritivos. Ambas as estratégias têm, em comum, o fato de usarem os prefixos de Caso absoluto e subordinarem-se ao critério de adjacência. Comparando os dados do Guajajára e do Tupinambá com os do Tembé acima, verifica-se que as três línguas apresentam o mesmo tipo de codificação para os contextos de não-contigüidade do objeto.

O exemplo (12) do dialeto Guajajára (cf. BENDOR-SAMUEL, 1972, p.143) e os exemplos (13) e (14) da língua Tupinambá (cf. RODRIGUES, 1953, p.130) confirmam esta semelhança. A codificação do objeto, nessas duas línguas, é realizada por meio dos mesmos marcadores. No dialeto Guajajára, eles tomam a mesma forma que no dialeto Tembé {i- ~ h-}, e na língua Tupinambá, eles tomam a forma {i- ~ s-}.

Tema verbal da classe II

Gerúndio final (exemplo do Guajajára)

- (12) *o-ho* *i_f-zar_i* *h_f-etsak* *pə*
3-ir GEN-proprietário ABS-ver GER
- "O proprietário (dele) foi para vê-lo."

Tema verbal da classe I

Gerúndio final (exemplo da língua Tupinambá)

- (13) *o-úr* *i-kuap-a*
3-vir ABS -conhecer-GER
“(Ele) veio para conhecê-lo.”

Tema verbal da classe II

Gerúndio final (exemplo da língua Tupinambá)

- (14) *o-úr* *s-epják-a*
3-vir ABS-ver-GER
“(Ele) veio para vê-lo.”

Conclui-se, portanto, pela apresentação feita nas duas seções anteriores, que o sistema de codificação de (O) nas orações de gerúndio no dialeto Tembê preserva as mesmas características sintáticas básicas que as da língua Tupinambá e do dialeto Guajajara, tal como descrito em Rodrigues (1953) e Bendor-Samuel (1972).

Além da semelhança na codificação do objeto (O), observa-se ainda que, nas orações de gerúndio com verbo transitivo, conforme exemplos de (1) a (14), o sujeito é sempre correferente com o da oração principal, seja ele o argumento na função de sujeito (A) de verbo transitivo ou na função de sujeito (Sa) de verbo intransitivo.

5.4. Construções com verbos descritivos

Os verbos descritivos expressam, em geral, conceitos referentes a cores, tamanho, aparência, estados da mente, forma, largura etc. e equivalem ao que a gramática gerativa define como verbos inacusativos. A estratégia de codificação do sujeito (So) nos verbos descritivos é muito semelhante à do objeto nos verbos transitivos, já que ambas as estratégias utilizam os mesmos marcadores, i.e., os prefixos de Caso absoluto. Nos exemplos de (15) a (17), a codificação é realizada pela ocorrência, no tema verbal *-urivete*, do alomorfe /r-/, para marcar a adjacência do sujeito (So). Em (15) e (16), (So) é representado pelos pronomes: *he* ‘eu’ e *ne* ‘você’, e, em (17), pelo sintagma nominal *Siba*.

Temas da classe I

Gerúndio final

- (15) *a-ha he r-uriwete pə*
1-ir 1 ABS-alegre GER
“(Eu) fui para eu ficar alegre.”

Gerúndio final

- (16) *re-ho ne r-uriwete pə*
2-ir 2 ABS-alegre GER
“(Você) foi para você ficar alegre.”

Gerúndio final

- (17) *a-ha Siba r-uriwete pə*
1-ir Siba ABS-alegre GER
“(Eu) fui para Siba ficar alegre.”

Entretanto, se omitirmos o sintagma nominal *Siba*, em (17), produziremos a sentença (18), ilustrativa das situações sintáticas nas quais o argumento (So) não vem contíguo ao tema verbal descritivo. Neste caso, substitui-se o alomorfe do prefixo de Caso absolutivo /r-/ pelo de não-adjacência /h-/.

Tema da Classe II

- (18) *a-ha h-uriwete pə*
1-ir ABS-alegre GER
“(Eu) fui para ele (=Siba) ficar alegre.”

Nesse contexto, como o tema verbal descritivo - *uriwete* ‘ficar alegre’ pertence à classe II, ele recebe o alomorfe /h-/. Temas da classe I, como por exemplo -*katu* ‘ficar bom’, recebem o alomorfe /i-/, também de não-contigüidade, caso ocorram no mesmo contexto sintático que o tema -*uriwete*. O exemplo (19) ilustra a ocorrência do tema descritivo -*katu*:

Tema da Classe I

- (19) *a-ha i-katu pə*
1-ir ABS-bom GER
“(Eu) fui para ele (=Siba) ficar bom.”

Vimos que o gerúndio dos verbos transitivos, exemplos de (1) a (14), estabelece correferencialidade do seu sujeito com o da oração anterior. Entretanto, o gerúndio dos verbos descritivos permite duas alternativas:

- (i) correferência do seu sujeito com o sujeito da oração anterior, exemplos de (15) e (16);
- (ii) ausência de correferência com o sujeito da oração anterior, exemplos de (17) a (19).

5.5. Semelhanças na codificação de (O) e (So)

Nos exemplos de (1) a (19), há um estreito paralelismo na maneira como o verbo transitivo e o verbo descritivo codificam os argumentos (O) e (So). Conforme foi mostrado nas seções anteriores, (O) e (So) são referidos no verbo pelos mesmos marcadores: os prefixos de Caso absolutivo. Diante deste paralelismo, nota-se que a codificação de (O) e (So), nas orações de gerúndio analisadas até aqui, equivale ao que Dixon (1979) classifica como sendo um sistema (ergativo)-absolutivo, conforme a representação abaixo.

Sistema de codificação dos argumentos
nucleares em orações de gerúndio

O
 }
So } Sistema Absolutivo

Não obstante, o mesmo não se verifica no gerúndio dos verbos intransitivos. Como veremos adiante, a codificação de (Sa) é realizada por meio de uma outra série de marcadores, os prefixos pessoais nominativos.

5.6. Construções com verbos intransitivos

As construções com verbos intransitivos, na maioria dos casos, descrevem atos volicionais ou desejados: rir, assentar, trabalhar,

entrar, andar, caminhar etc., e certos processos corporais involuntários: dormir, tossir, espirrar etc. (cf. PONTES, 1986, p.80). Antes de apresentarmos a codificação de (Sa) na língua Tembé, vejamos como a mesma se realiza na língua Tupinambá.

5.6.1. Codificação de (Sa) na língua Tupinambá

Na língua Tupinambá, a codificação de (Sa) se realiza por um inventário específico de prefixos que 'só desempenham a função subjetiva (= nominativa), e têm seu uso limitado ao gerúndio dos verbos intransitivos' (RODRIGUES, 1953, p.125). Esses prefixos formam um paradigma à parte, se comparados com os prefixos de Caso absolutivo usados para codificar (O) e (So) e com os prefixos nominativos usados para fazer referência ao sujeito dos verbos transitivos (A) e ao sujeito dos verbos intransitivos (Sa), nas orações principais. Os prefixos do Tupinambá são os seguintes:

Tabela 1: Marcadores de pessoas exclusivos no gerúndio dos verbos intransitivos em Tupinambá

Pessoas	prefixos de gerúndio
1 singular	wi-
12 inclusivo	ya-
13 exclusivo	oro-
2 singular	e-
23 plural	pe-
3	o-

O exemplo (20) ilustra o paradigma de ocorrência dos prefixos de gerúndio no verbo intransitivo *-puka* 'rir'. Está implícito neste paradigma que o sujeito do gerúndio é correferente com o da oração principal.

- (20) *wi-puka-βo* 'para eu rir'
ya-puka-βo 'para nós (inclusivo) rirmos'
oro-puka-βo 'para nós (exclusivo) rirmos'
e-puka-βo 'para você rir'
pe-puka-βo 'para vocês rirem'
o-puka-βo 'para ele(s) rir(em)'

Estes prefixos têm, assim, a função exclusiva de codificar (Sa) nas orações de gerúndio, à diferença dos prefixos de Caso absoluto que são usados para codificar (O) e (So).

5.6.2. Codificação de (Sa) na língua Tembé

A língua Tembé, entretanto, diferencia-se da língua Tupinambá, pois não faz uso de um inventário de prefixos pessoais exclusivos para o gerúndio dos verbos intransitivos. Ao contrário, os marcadores usados para codificar (Sa) são os prefixos pessoais nominativos, que também ocorrem nas orações principais para codificar (A) e (Sa):

<i>a-</i>	'eu'
<i>re-</i>	'você'
<i>da-</i>	'nós _{inclusivo} '
<i>uru-</i>	'nós _{exclusivo} '
<i>pe-</i>	'vocês'
<i>u- ~ o- ~ w-</i>	'ele(s) ou ela(s)'

A ocorrência destes prefixos não é condicionada pelo critério de contigüidade, nem varia de acordo com as classes temáticas dos verbos, como se observou para os prefixos de Caso absoluto. O paradigma em (21) ilustra as ocorrências destes prefixos para codificar (Sa) na língua Tembé. Nestes exemplos, as orações de gerúndio apresentam o sujeito correferente ao da oração principal; e são classificadas como gerúndio contemporâneo, já que exprimem uma ação simultânea a outra:

Gerúndio Contemporâneo

(21) <i>a-ha a-sew pə</i>	'Eu fui entrando.'
<i>re-ho re-sew pə</i>	'Você foi entrando.'
<i>da-ha da-sew pə</i>	'Nós (inclusivo) fomos entrando.'
<i>oro-ho ru-sew pə</i>	'Nós (exclusivo) fomos entrando.'
<i>pe-ho pe-sew pə</i>	'Vocês foram entrando.'
<i>o-ho u-sew pə (wə)</i>	'Ele(s) foi/foram entrando.'

5.6.3. Correferência dos sujeitos

Vimos que o gerúndio do verbo transitivo nas três línguas implica a correferência entre seu sujeito e o da oração principal. Esta condição

se realiza também para o gerúndio dos verbos intransitivos na língua Tembé, conforme se observa nas orações (22) e (23b).

Sujeitos Correferentes

Gerúndio Contemporâneo

(22) *a_i-ha* *avião* *pupe* *a_i-sew* *pə* *kuri*
 1-ir *avião* *dentro de* 1-entrar GER RES
 "(Eu) fui entrando para dentro do avião então."

(23a) *si!* *w_i-apik* *o_i-ho*
 puxa! 3-assentar 3-ir

(23b) *u_i-mano* *o_i-ho* *?i* *pipe* *w_i-apik* *pə* *kuri*
 3-morrer 3-ir *água* *dentro de* 3-assentar GER RES
 "Puxa! (Ele) afundou, ele vai morrer no fundo da água, está afundando agora."

No entanto, assim como o gerúndio dos verbos descritivos, exemplos de (17) a (19), o gerúndio dos verbos intransitivos permite ainda que o seu sujeito seja correferente, além de (A) e (Sa), com outros constituintes das orações precedentes, por exemplo com o objeto (O), sejam estas orações principais ou não.

Na oração em (24c), o sujeito (Sa) da oração de gerúndio, referido no verbo pelo prefixo *o-*, não é correferente com o sujeito (A), mas com objeto (O) *ka?i* 'macaco' da oração principal (24a). Além disto, observa-se que ele é ainda correferente com o sujeito (S) da oração temporal, embora esta não seja a principal.

Gerúndio Contemporâneo

(24a) *a_i-esak* *ka?i*
 1-ver *macaco*

(24b) *t_i-ur* *mehe* *w_i-iko*
 ABS-VIR COMP 3-AUX

(24c) *o_i-por* *pə* *he* *ə-kutir* *kuri*
 3-pular GER 1 OBLIQ-em direção a RES
 "(Eu) vi o macaco, quando ele estava vindo, pulando na minha direção."

No exemplo abaixo, outra situação sintática é verificada. Desta vez, o sujeito (Sa) do gerúndio aditivo é correferente com o objeto (O), expresso pelo sintagma *Tenetehára*, da oração (25b), e não com o sujeito *Pedro* da oração (25a).

Gerúndio Aditivo

(25a) *Pedro*, *u_f-sew* *o_f-ho* *típíd* *pupe*
 Pedro 3-entrar 3-ir casa dentro de

(25b) *w_f-esak*
 3-ver

(25c) *Tenetehara*, *u_f-dimuŋita* *pə* *wə*
 tenetehara 3-conversar GER PL
 "Pedro entrou para dentro da casa e viu os índios
 Teneteháras conversando".

O último exemplo que se segue contrasta com os dois acima por permitir que a correferência desta vez ocorra com o objeto *wira* 'pau' da oração subordinada temporal (26a):

Gerúndio Final

(26a) *kon* *upaw* *iwira*, *teko*, *i_i:haw-ə* *kuri*
 quando todo pau a gente ABS-CORTAR-DELOC RES

(26b) *w_f-edar* *pitəd* *dahi* *katu* *kuri*
 3-deixar uma lua completa RES

(26c) *u_i-siniŋ-rəm* *pə* *kwarahi* *r-upi* *kuri*
 3-secar-INTC GER sol OBLIQ-em RES
 "Quando, toda a madeira, a gente corta, a gente a deixa
 um mês completo para (ela) secar no sol".

Vê-se, então, que o sujeito do verbo intransitivo, nas orações de gerúndio, pode ser correferente não só com o sujeito, mas também com o objeto da oração anterior, seja esta principal ou subordinada. A correferência de (Sa) com constituintes de orações anteriores parece depender de qual está em foco no contexto.

5.7. Resumo do capítulo

Com base nos dados analisados nas seções anteriores, pode-se constatar uma diferença na maneira como os diferentes gerúndios operam a correferencialidade com os elementos sintáticos das orações que os antecedem. Enquanto o gerúndio dos verbos intransitivos indica a correferencialidade com o sujeito ou com o objeto da oração anterior, conforme exemplos de (24) a (26), seja esta principal ou não, o gerúndio dos verbos transitivos só a indica com o sujeito, (A) ou (Sa), da oração anterior, conforme os exemplos de (1) a (19). Além disto, as orações de gerúndio operam com um sistema cindido: um em que se codifica (So) e (O) por meio dos prefixos absolutivos, constituindo-se em um sistema (ergativo)-absolutivo, e outro em que se codifica (Sa), por meio dos prefixos pessoais nominativos. Observa-se também que a função (A) não é marcada nas orações de gerúndio. O quadro abaixo resume o sistema de codificação dos argumentos nas orações de gerúndio.

Sistema codificação dos argumentos nucleares em orações de gerúndio

Sa } Sistema Nominativo

O
} Sistema Absolutivo

So

Capítulo 6

Codificação dos Argumentos nas Orações Temporais

O objetivo deste capítulo é mostrar o sistema de codificação dos argumentos nas orações subordinadas temporais dos dialetos Tembé e Guajajara e averiguar se o sistema de codificação dos argumentos, nos dois dialetos, coincide plenamente ou se diverge em algum ponto em relação ao sistema de Caso e concordância da língua Tupinambá. Para tanto, comecemos com a análise da codificação dos argumentos nucleares em Tupinambá.

6.1. Codificação dos argumentos nas orações temporais da língua Tupinambá

Os dados disponíveis que temos das orações subordinadas temporais em Tupinambá [cf. JENSEN 1990, p.123; e RODRIGUES 1953, p.133-134)] mostram que essas orações se caracterizam pelo seguinte:

- (i) apresentam um sistema (ergativo)-absolutivo em que o objeto (O) de verbos transitivos e o sujeito (S) de verbos intransitivos (inacusativos e inergativos) são codificados por meio de prefixos absolutivos;
- (ii) a marcação de Caso do único argumento nuclear (S) dos verbos monoargumentais não é sensível ao fato de o sujeito desses verbos ser um DP agente ou um DP tema/afetado;

- (iii) não permitem a ocorrência dos prefixos pessoais nominativos no tema verbal;
- (iv) ausência da hierarquia de pessoa;
- (v) o complementizador figura, em geral, após o predicado, emergindo a ordem [(S)OV [COMP]] rígida.

Os exemplos que se seguem consistem de orações subordinadas temporais com temas verbais intransitivos e transitivos da classe I. Por falta de dados, não serão arrolados, nesta parte, exemplos com verbos descritivos. Na oração temporal em (1), vê-se que o sujeito (S) está adjacente ao verbo inacusativo *-so* 'ir' e vem realizado por meio do pronome de primeira pessoa *sye* 'eu'; em (2), por sua vez, esse sujeito vem manifesto pelo sintagma nominal *pajé* 'pajé', ambos na função (S).

(1) *sye* \emptyset -*só-reme*
 1 ABS-ir-COMP
 "Se eu for."

(2) *pajé* \emptyset -*só-reme*
pajé ABS-ir-COMP
 "Se o pajé for."

Já em (3) e (4), o objeto ocorre adjacente ao verbo transitivo e vem representado respectivamente pelo pronome *syé* 'eu' e pelo sintagma nominal *ma'e-asý-bór-a* 'o doente', ambos na função sintática de objeto (O).

(3) *sye* \emptyset -*monó-reme-mo* *a-só-mo*
 1 ABS-mandar-COMP 1-ir-COMP
 "Se ele me mandasse, eu iria."

(4) *pajé* *ma'e-asý-bór-a* \emptyset -*subán-eme*
pajé coisa-dor-NOM-NC ABS-chupar-COMP
 "Se o pajé tratar o doente."

Vê-se que, nos exemplos de (1) a (4), o marcador verbal usado para codificar os DPs na função sintática de (S) e (O) é o alomorfe / \emptyset -/ do prefixo de Caso absoluto. Por sua vez, nos contextos em que (O) e (S) estão omitidos da oração temporal ou deslocados para outra posição na sentença, o prefixo absoluto utilizado é o da série

(i- ~ s-). É o que se verifica, por exemplo, em (5), em que o alomorfe /i-/ assinala o fato de o sintagma nominal *pajé* estar omitido, e em (6), em que o sintagma nominal objeto *ma'e-asý-bór-a* 'o doente' está deslocado para antes do sujeito.

(5) pro_i *i-só-reme*
 ABS-ir-COMP
 "Se ele for."

(6) *ma'e-asý-bór-a*_i *pajé* *i-subán-eme*
 coisa-dor-NOM-NC pajé ABS-chupar-COMP
 "Se o pajé tratar o doente."

Nota-se, pelos dados acima, que o sistema de codificação dos argumentos no Tupinambá trata os argumentos na função sintática (S) e (O) da mesma maneira, ao codificá-los por meio da série de prefixos absolutivos, constituindo assim um sistema (ergativo)-absolutivo. Na próxima seção, averiguamos a codificação dos argumentos nucleares no dialeto Guajajára.

6.2. Codificação dos argumentos nas orações temporais do dialeto Guajajára

De acordo com a análise de Bendor-Samuel (1972, p.115) e de Harrison (1986), as orações temporais na língua Guajajára apresentam as seguintes características sintáticas:

- (i) funcionam como uma unidade hierarquicamente dependente (*down-ranked sentence*), e os constituintes têm uma ordem fixa. Nas orações transitivas, o objeto precede o verbo, ordem OV;
- (ii) verbos auxiliares, partículas de aspecto, de modo e de tempo vêm à direita do complementizador, ordem sintática [.....[OV [COMP [AUXPART]]]], de sorte que nada pode quebrar a adjacência entre o verbo e o complementizador;
- (iii) os marcadores de Caso nos verbos são os prefixos absolutivos [ø- ~ r-] e [h- ~ i-]. Estes codificam o objeto (O), nos verbos transitivos, e o sujeito (S), nos verbos de um argumento, resultando, desta forma, em um sistema de codificação (ergativo)-absolutivo. A hierarquia de pessoa é irrelevante nessas orações;

- (iv) não há ocorrência dos prefixos nominativos, visto que estes ocorrem exclusivamente nas orações independentes e principais para codificar (A) e (Sa);
- (v) o predicado da oração subordinada vem seguido pela partícula complementizadora *mehe*.

Os dados disponíveis da língua Guajajara confirmam a existência do sistema (ergativo)-absolutivo. Bendor-Samuel (1972, p.141), por exemplo, apresenta a seguinte oração temporal com o sujeito (S) adjacente ao tema verbal intransitivo (inergativo) *-ze?eŋ* 'falar' da classe I. Nessa oração, o DP na função sintática de sujeito (S) é codificado pelo alomorfe /ø-/.

- (7) *he r-enu he ø-ze?eŋ mehe*
 me ABS-ouvir me ABS-falar COMP
 "(Ele) me ouviu, quando eu falei."

Harrison (1986, p.432) nos fornece outra oração temporal, exemplo (8), desta vez com o objeto (O) contíguo ao tema verbal *-esak* 'ver' da classe II, situação em que o prefixo absoluto {r-} é acionado para marcar a adjacência do objeto em relação ao verbo:

- (8)*dane* *r-esak mehe*
*nós_{inclusivo}* ABS-ver COMP
 ".....quando (ele) nos viu".

Para os contextos em que os argumentos (O) e (S) estão omitidos, Bendor-Samuel (1972, p.143-144) apresenta as seguintes orações temporais com verbo intransitivo e com verbo transitivo. Em (9) e (10), os temas verbais são, respectivamente, *-?əm* 'estar em pé' da classe I e *-erur* 'trazer' da classe II:

- (9) *a-esak pro_i i-?əm mehe*
 1-ver ABS-estar em pé COMP
 "(Eu) o vi, quando (ele) estava em pé".
- (10) *se tipiz me pro h-erur mehe*
 aqui casa em ABS-trazer COMP
 "Quando (ele) o trouxe aqui em casa".

A ausência da contigüidade de (O) e (S), nestes exemplos, explica a ocorrência do alomorfe /i-/ para codificar a não-adjacência do DP na função sintática de sujeito em (9) e do alomorfe /h-/ para codificar a não-adjacência do DP na função sintática de objeto do verbo transitivo *-erur* em (10). Nossa hipótese é a de que, nesses contextos, o Caso atribuído é o absolutivo.

Vê-se que as orações temporais no Tupinambá e no Guajajara apresentam propriedades sintáticas muito semelhantes, pois possuem em comum (i) a ocorrência do sistema (ergativo)-absolutivo; (ii) partículas subordinantes pospostas ao predicado; (iii) neutralização da hierarquia de pessoa; (iv) codificação indiferenciada do sujeito (S) dos verbos inacusativos e inergativos, conforme sugere a representação abaixo:

(11)

Sistema de codificação dos argumentos
nucleares em orações temporais

O
 } Sistema Absolutivo
S

Pelo sistema acima, observa-se que o argumento (A) não é codificado por meio de prefixo de Caso no verbo transitivo, e a distinção semântica entre sujeito agente (Sa) e sujeito tema/afetado (So) de verbos monoargumentais não é relevante no sistema de Caso e concordância das orações subordinadas do Tupinambá e do dialeto Guajajara. Passemos à análise do sistema de codificação dos argumentos nucleares em orações temporais no dialeto Tembê.

6.3. Codificação dos argumentos nas orações temporais do dialeto Tembê

No dialeto Tembê, as orações temporais podem ser divididas em dois subtipos: um em que a partícula subordinativa *mehe* aparece posposta ao verbo, conforme a representação [PRED [COMP] e outro em que a partícula subordinativa *kon* aparece preposta ao predicado, conforme a representação [COMP [PRED]]. No primeiro tipo, verifica-se

que a codificação (ergativa)-absolutiva alterna com a nominativa, e no segundo, a codificação é cindida, semelhante ao sistema de codificação dos argumentos nucleares das orações independentes. Nas duas próximas subseções, apresento os dados com a codificação dos argumentos nucleares nos dois subtipos de oração temporal no dialeto Tembé. Começamos então com as orações que trazem o complementizador *mehe* posposta ao predicado.

6.3.1. Orações temporais com a partícula subordinativa posposta *mehe*

As orações com o complementizador *mehe* apresentam dois sistemas de codificação dos argumentos nucleares: o sistema (ergativo)-absolutivo, por um lado, e o sistema nominativo-acusativo, por outro. No sistema (ergativo)-absolutivo, ocorrem os prefixos absolutivos, e apenas os argumentos na função sintática de objeto (O) e na função de sujeito de intransitivos (S) são codificados nos verbos. No sistema nominativo, o verbo pode codificar os DPs na função sintática de sujeito de verbo transitivo (A) e na função de sujeito de intransitivos (Sa). Os dois sistemas alternam entre si, haja vista que, durante as eliciações e produção de textos narrativos, os informantes, especialmente os falantes mais jovens dos Teneteháras habitantes do rio gurupi, produzem ora orações com a codificação (ergativo)-absolutiva, ora com a codificação nominativo-acusativa. Apresentamos a seguir os dados de cada um dos dois sistemas.

Nos exemplos de (12) a (15) abaixo, o verbo transitivo da oração subordinada codifica o objeto (O), que vem contíguo. Em (12) e (14) ele é representado pelo pronome pessoal *he* 'eu/me' e, em (13) e (15), pelo sintagma nominal *kaʔi* 'macaco'. Notem que ambos são codificados pelo prefixo absolutivo [ø- ~ r-].

Tema verbal da Classe I

(12) *Sérgio w-esak dawar he ø-pihik mehe*
 Sérgio 3-ver onça me ABS-apanhar COMP
 "Sérgio viu a onça, quando ela me apanhou."

(13) *w-enu Siba dawar kaʔi ø-duka mehe*
 3-ouvir Siba onça macaco ABS-matar COMP
 "Siba ouviu a onça, quando (ela) matou o macaco."

Tema verbal da classe II

(14) *Sérgio w-esak dawar he r-aro mehe*
Sérgio 3-ver onça me ABS-esperar COMP
"Sérgio viu a onça, quando (ela) me esperava".

(15) *w-esak Sérgio tapi?ir ka?i r-aro mehe*
3-ver Sérgio anta macaco ABS-esperar COMP
"Sérgio viu a anta, quando (ela) esperava o macaco".

Os exemplos (16) e (17), por sua vez, apresentam situações nas quais o objeto não vem contíguo ao verbo transitivo da oração subordinada, por ter sido omitido. Nesses contextos, o prefixo relacional de não contigüidade é, então, o que ocorre. Os exemplos (16) e (17) são a versão dos exemplos (13) e (15) acima. Neles, o alomorfe /i-/ e o alomorfe /h-/ referem-se ao sintagma nominal *ka?i*.

Tema verbal da Classe I

(16) *w-enu Siba dawar pro; i-duka mehe*
3-ouvir Siba onça ABS-matar COMP
"Siba ouviu a onça, quando ela o (= o macaco) matou".

Tema verbal da Classe II

(17) *w-esak Sérgio tapi?ir pro; h-aro mehe*
3-ver Sérgio anta ABS-esperar COMP
"Sérgio viu a anta, quando ela o (= o macaco) esperava".

Nas orações temporais com verbo transitivo, a ordem dos constituintes é fixa, estando o objeto sempre anteposto ao verbo (ordem OV rígida). Entretanto, esta ordem contrasta com a das orações temporais com a partícula *kon*. Nestas, conforme veremos mais a frente, ocorre a flexibilização na posição sintática do objeto e do verbo.

Quando o sistema de codificação é o (ergativo)-absolutivo, não há distinção morfológica dos verbos de um argumento. Deste modo, o sujeito (S) do verbo descritivo e do intransitivo é referido no verbo pelos prefixos de Caso absoluto, os mesmos que ocorrem para codificar (O) nas orações transitivas acima. Os dados abaixo ilustram a ocorrência desses verbos. Neles, os temas verbais arrolados

pertencem à classe I e o sintagma nominal na função de sujeito (S) vem contíguo ao verbo. Ele é codificado pelo alomorfe /ø-/, que marca a adjacência do DP sujeito a temas verbais da classe I.

- (18) *Sérgio w-esak kaʔi*
 Sérgio 3-ver macaco
he ø-ho mehe
 1 ABS-ir COMP
 "Sérgio viu o macaco, quando eu ia".

- (19) *w-enu he r-imiriko*
 3-ouvir 1 ABS-esposa
kaʔi ø-deʔeŋ mehe kwəd ʔi wad r-ehe
 macaco ABS-falar COMP aquele rio lado OBLIQ-de
 "A minha esposa ouviu, quando o macaco assobiava daquele lado do rio".

- (20) *o-ho Sérgio he ø-katu mehe*
 3-ir Sérgio 1 ABS-estar bem COMP
 "Sérgio foi-se, quando eu estava bem".

No exemplo (21), versão de (19) acima, a relação é de não-adjacência, sendo o DP na função sintática de sujeito (S) codificado pelo alomorfe /i-/, o qual faz referência ao sintagma nominal *kaʔi*.

- (21) *w-enu he r-imiriko*
 3-ouvir 1 POSS-esposa
 pro, *i-deʔeŋ mehe kwəd ʔi wad r-ehe*
 ABS-falar COMP aquele rio lado OBLIQ-de
 "A minha esposa ouviu quando (o macaco) assobiava daquele lado do rio".

O exemplo (22) a seguir ilustra outra situação sintática, diferente da de (21). Desta vez, o DP sujeito (S), representado pelo sintagma *dawar pinim* 'onça pintada', não vem omitido do contexto, mas sim mencionado na oração principal (22a), que antecede a oração temporal. Como o sujeito (S) ocupa uma posição sintática não-contígua ao tema verbal *-ekon* 'estar' da classe II, o prefixo de Caso absolutivo que ocorre é o alomorfe /h-/:

(22a) *w-esak* *Siba* *dawar* *pinim;*
 3_{nominativo}-ver *Siba* onça pintada

(22b) *h,-ekon* *mehe*
 3_{absolutivo}-estar COMP
 “Siba viu a onça pintada quando ela estava (lá no lugar referido)”.

O sistema (ergativo)-absolutivo das orações de (12) a (22) acima preserva essencialmente as mesmas características das orações temporais da língua Tupinambá e do dialeto Guajajára. Assim sendo, conclui-se que, no Tupinambá e nos dialetos Guajajára e Tembé, faz-se uso dos prefixos absolutivos para codificar O e S, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1: Sistema (ergativo)-absolutivo ocorrente nas orações temporais com *mehe*.

funções sintáticas	marcadores das relações sintáticas	
	prefixos nominativos	prefixos absolutivos
A	-	-
S/O	-	+

Contudo, os verbos transitivos e os intransitivos nas orações com *mehe* admitem ainda que a codificação verbal se dê com os DPs na função sintática de sujeito (Sa) e (A), oposto ao que vimos acima no sistema de Caso do Tupinambá, do Guajajára e do próprio Tembé, em que a codificação verbal se dá obrigatoriamente com O e S. A inovação que se observa aqui é a presença dos prefixos nominativos, que não ocorrem nos verbos das orações temporais do Tupinambá e do Guajajára.

As orações temporais abaixo retiradas de textos narrativos e de elicitções mostram os prefixos nominativos em verbos intransitivos. Em (23) e (24), os sintagmas nominais *pira* ‘peixe’ e *kudətə?i* ‘moça’, ambos na função de sujeito de verbos intransitivos, são referidos no verbo da oração temporal pelo prefixo nominativo (*u-*):

(23) *u-pihik pira [pro, u_i-ka lu mehe] kurɛ*
 3-pegar peixe 3-ficar bêbado COMP agora
 "A gente apanha o peixe quando ele (=o peixe) fica bêbado".

(24) *a-mume lu-rəm kurɛ maʔe nadewe*
 1-contar-INTC então coisa assim
[kudətəʔi, u_i-de-munɛʔar mehe]
 moça 3-CAUS-ter a primeira menstruação COMP
 "(Eu) vou contar então ... a coisa é assim ... quando a moça tem a primeira menstruação".

As orações (25) e (26), por sua vez, ilustram a ocorrência dos prefixos nominativos em verbos transitivos para codificar o sujeito (A). Nessas orações, o sujeito vem codificado no verbo pelos prefixos {*a-*'eu' e {*re-*'tu':

(25) *Sérgio w-esak dawar [pro, a_i-duka mehe]*
 Sérgio 3-ver onça 1-matar COMP
 "Sérgio viu a onça quando/que (eu) a matei".

(26) *Sérgio w-esak dawar [pro, re_i-duka mehe]*
 Sérgio 3-ver onça 2-matar COMP
 "Sérgio viu a onça quando/que tu a mataste".

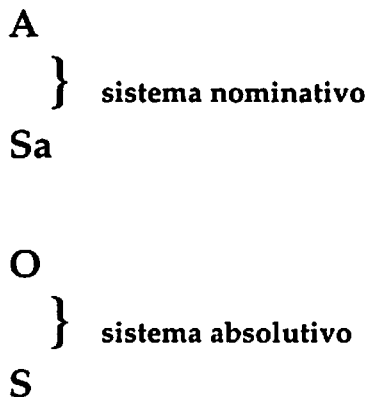
Portanto, o que distingue os exemplos de (23) a (26) dos exemplos de (12) a (22) é que, naqueles, a codificação se realiza com (A) e (Sa), enquanto, nestes, a codificação se realiza com (O) e (S). A tabela 2 abaixo indica os tipos de marcadores verbais ocorrentes no sistema nominativo.

Tabela 2: Sistema nominativo ocorrente nas orações temporais com *mehe*

funções sintáticas	marcadores das relações sintáticas	
	prefixos nominativos	prefixos absolutivos
A	+	-
Sa	+	-

Em suma, com base nos dados e na tabela acima, averiguamos que as orações temporais com o complementizador *mehe* exibem um padrão alternante de codificação dos argumentos nucleares. No momento sincrônico, aciona-se o sistema nominativo-abolutivo, conforme mostra a representação abaixo:

(27) Sistema alternante de codificação dos argumentos nucleares em orações temporais com *mehe* em Tembé



6.3.2. Orações subordinadas temporais com a partícula kon

As sentenças temporais com a partícula subordinativa *kon* exibem um sistema de codificação cindida diferente do das orações com *mehe* por ser muito semelhante ao das cláusulas principais. Não nos foi possível confirmar até o momento a existência da hierarquia de pessoa, razão pela qual só arrolamos dados em que a codificação é realizada com os DPs não-pronominais na função sintática de (A), (Sa) e (So). As orações com *kon* distinguem-se das orações com *mehe* porque apresentam as seguintes características:

- (i) ocorrência do sistema cindido (o verbo codifica A e Sa por meio dos prefixos nominativos e So por meio dos prefixos abolutivos);
- (ii) uso da partícula subordinativa *kon* em posição inicial;
- (iii) distinção morfológica dos verbos monoargumentais.

Nos exemplos (28) e (29), os verbos transitivos são respectivamente *-esak* e *-dapo*. O sintagma na função de sujeito (A) do verbo transitivo,

em ambos os exemplos, é *teko*. Notem que este DP vem expresso na oração principal (28b) e, em (29), apesar de vir na oração temporal, ele ocorre antes da partícula subordinativa *kon*:

(28a) *kon* *pro*_i *w_i-esak* *kaʔa* *te-a* *kurɿ*
 COMP 3-ver mato INT-ARG RES

(28b) *aʔe* *pe* *ko* *teko* *u-dapo* *kurɿ*
 mato em roça a gente 3-fazer RES
 "Quando a gente acha o mato verdadeiro, a gente faz a roça nele".

(29) *teko* *kon* *u-dapo-rəm* *tɿpɿd* *nadewe*
 a gente COMP 3-fazer-INTC casa assim
 "A gente quando vai fazer casa é assim".

Observa-se, ainda, que, nas orações (28a) e (29), o objeto ocorre após o verbo, emergindo a ordem [COMP [VO]], diferindo, assim, da ordem rígida [OV [COMP]] das orações temporais com a partícula *mehe*. Já os verbos de um argumento se distinguem pelo tipo de marcador de pessoa que recebem. Em (30), o tema verbal intransitivo *-kad* 'queimar' recebe o prefixo nominativo *u-*, e, em (31), o tema verbal descritivo *-pɿw* 'amolecer' recebe o prefixo relacional *i-*, que marca a não-adjacência do sintagma nominal *maniʔok* 'mandioca'.

(30) *kon* *upaw* *u-kad* *kurɿ*
 COMP tudo 3-queimar RES

u-tɿm *manɿʔɿw* *teko* *o-ho* *i-pupe* *kurɿ*
 3-plantar maniva a gente 3-ir OBLIQ-dentro de RES
 "Quando tudo queima (inteiramente), a gente planta maniva dentro dela (a roça)".

(31) *kon* *ɿ-pɿw-katu* *maniʔok*_i *kurɿ*
 COMP ABS-amolecer-INTS mandioca RES
 "Quando a mandioca amolece bem agora".

A tabela 3 a seguir mostra os tipos de marcadores usados para codificar (A)/(Sa) e os usados para codificar (So) nas orações temporais com *kon*.

Tabela 3: Sistema cindido das orações temporais com *kon* na língua Tembé

funções sintáticas	marcadores das relações sintáticas	
	prefixos nominativos	prefixos absolutivos
A/Sa	+	-
So	-	+

6.4. Resumo do capítulo

Conclui-se que as orações temporais do dialeto Tembé diferem em vários pontos das orações temporais do dialeto Guajajára e da língua Tupinambá. Enquanto o Tembé usa duas partículas subordinantes *kon* e *mehe*, o Tupinambá e o Guajajára usam somente uma, o sufixo *-reme* e a partícula *mehe*, respectivamente. O uso da partícula *kon* em posição pré-verbal constitui, portanto, uma inovação gramatical em Tembé. Uma segunda diferença refere-se ao sistema de codificação dos argumentos. Nas orações temporais com *mehe*, na língua Tembé, ocorrem dois sistemas: o (ergativo)-absolutivo e o nominativo. O Tupinambá e o Guajajára, entretanto, apresentam unicamente o sistema (ergativo)-absolutivo. Outra diferença com o Tupinambá e o Guajajára refere-se ao sistema cindido ocorrente nas orações temporais com *kon*. Segundo as descrições de Rodrigues, Bendor-Samuel e Harrison, a língua Tupinambá e o dialeto Guajajára não apresentam codificação cindida dos argumentos nucleares em orações subordinadas.

Capítulo 7

Ordem de Constituintes

Este capítulo tem por objetivo analisar a ordenação dos constituintes em sentenças independentes e encaixadas. Para tanto, tomarei como ponto de referência a abordagem elaborada por Harrison (1986) para o dialeto Guajajára. O foco principal é identificar as posições sintáticas que o verbo ocupa em relação aos seus argumentos, a posição de complementizadores no sistema CP em orações encaixadas e interrogativas e, por fim, o comportamento dos advérbios sentenciais e mediais.

7.1. Ordem dos constituintes no dialeto Guajajára

Harrison (1986, p.408-409) verificou que, no dialeto Guajajára, a ordem do verbo em relação a seus argumentos nucleares nas orações principais difere da ordem destes nas orações subordinadas. Segundo Harrison (1986), a ordem predominante nas orações independentes é VSO, nos raros exemplos em que o sujeito e o objeto estão presentes. De um total de 200 páginas de textos gravados, foram encontradas 19 orações apresentando a ordem VSO, 4 com a ordem VOS, 3 com a ordem SVO e 2 com a ordem SOV. Nessa amostra, as ordens OVS e OSV, nas quais o objeto precede o sujeito, não foram encontradas. O exemplo (1) ilustra a ocorrência da ordem VSO¹ no dialeto Guajajára:

- (1) *u-munik t-azir² i-petim heraha i-zupe a?e*
 3-acender G-filha POSS-cigarro levar OBLIQ-para ela
 "Ela, a filha, acendeu o cigarro (dele) (levando) para ele".

Conforme Harrison, se a determinação do sujeito e do objeto nas orações principais não envolver possibilidade de ambigüidade semântica, a ordem torna-se então mais livre. Este é o caso do exemplo (2) em que somente o sintagma nominal *kuzə* é interpretado como sendo o agente. A única interpretação semântica possível para o sintagma nominal *məŋ* 'manga' é a de que ele recebe o papel temático tema (afetado). Nesses contextos, verifica-se que o sujeito pode vir antes ou depois do objeto, conforme (2a) e (2b), possibilitando a ocorrência das ordens VSO e VOS.

- (2a) *u-?u kuzə məŋ* VSO
 3-comer mulher manga
 "A mulher comeu manga".

- (2b) *u-?u məŋ kuzə* VOS
 3-comer manga mulher
 "A mulher comeu manga".

Não obstante, em orações do tipo *João matou Bill, matou Bill João* etc., em que ambos os sintagmas nominais pertencem a uma mesma subclasse semântica, i.e. [+HUMANO, +ANIMADO], a ordem é fator determinante para se identificar os DPs com os papéis temáticos [+AGENTE] e [+PACIENTE], não havendo, pois, possibilidade de variação na ordem destes. Assim, nos contextos de ambigüidade, o sujeito (agente) deve preceder ao objeto (paciente/afetado). Os exemplos (3), (4) e (5) evidenciam este fato.

- (3) *u-zuka Zuəw Pet* VSO
 3-matar João Pedro
 "João matou Pedro".

- (4) *Zuəw u-zuka Pet* SVO
 João 3-matar Pedro
 "João matou Pedro".

- (5) *Zuəw Pet u-zuka* SOV
 João Pedro 3-matar
 "João matou Pedro".

Nas orações subordinadas, todavia, a ordem dominante é aquela em que o objeto precede, via de regra, o verbo, ordem OV, não havendo, pois, a ocorrência do objeto após o verbo. A partícula subordinante temporal *mehe* é colocada sistematicamente após o verbo, ordem [[OV]COMP], e a codificação do objeto dá-se por meio do prefixo de Caso absolutivo {r-}, conforme nos mostram os exemplos (6) e (7) abaixo:

(6) ...*he*_i *r*_r-*esak* *mehe*
 me ABS-VER COMP
 "...quando ele me viu".

(7) ...*ne*_i *r*_r-*esak* *mehe*
 ...me ABS-VER COMP
 "...quando ele te viu".

Na próxima seção, discuto a ordem do sujeito e do objeto em relação ao verbo e o estatuto híbrido dos itens que preenchem o sistema CP no dialeto Tembé, visto que há complementizadores que aparecem em posição inicial e em posição final.

7.2. Ordem dos constituintes no dialeto Tembé

Uma amostra de 160 orações transitivas do dialeto Tembé, retiradas de textos narrativos e de elicitaciones feitas junto aos informantes, confirmou a existência de um total de 89 orações transitivas em que o sujeito e o objeto estão presentes, assim distribuídas: 39 com a ordem VSO, 21 com a ordem SVO, 17 com a ordem VOS, 6 com a ordem SOV e 6 com a ordem OSV. Registraram-se outras 71 orações em que, pelo menos, o sujeito ou o objeto estão ausentes, assim distribuídas: 50 com a ordem VO, 5 com a ordem SV, 3 com a ordem OV e 13 com a ordem VS. Nota-se que a ordem SVO, principalmente entre as gerações mais novas dos Tembé, começa a ocorrer com bastante frequência. Se levarmos em consideração apenas a posição do objeto nas orações, a tendência na língua é que ele ocorra após o verbo³, 133 orações de um total de 160. Os dados sugerem, com isso, que a ordem predominante do verbo e do objeto nas orações principais da língua Tembé coincide com a verificada por Harrison para a língua Guajajára. A ordem VO representa 83% do total. Adicionalmente, foi encontrada a possibilidade de

ocorrência da ordem OSV nas orações principais, como sugerem os exemplos (8) e (9):

ORDEM OVS

- (8) *iwira teko o-monoʔoŋ kuri*
 pau a gente 3-ajuntar então
 "O pau, a gente ajunta".
- (9) *wakari teko n-u-pihik-waw pina r-ehe*
 wakari a gente NEG1-3-pegar-NEG2 anzol OBLIQ-COM
 "O wakari, a gente não pega com anzol não".

Já, em orações subordinadas que apresentam complementizadores finais, notamos que a ordem é fixa, predominantemente [OV [mehe/pə]], e o predicado, que contém o verbo lexical, sistematicamente antecede os complementizadores -rer; mehe e pə, conforme se observa pelos exemplos de (10) a (12):

- (10) *Siba w-esak Tenetehar tapiʔir u-duka-rer*
 Siba 3-ver Tenetehar anta 3-matar-COMP
 "Siba viu o Tenetehára que matou a anta".

- (11) *Siba w-ata o-ho .iko*
 Siba 3-caminhar 3-ir PROG
w-esak tapiʔir arapoha u-duka mehe iko.
 3-ver anta veado 3-matar COMP AUX
 "Siba estava caminhando e viu a anta, quando ela estava matando o veado".

- (12) *o-mono maniʔok r-itik pə kuri*
 3-colocar mandioca ABS-jogar COMP então
 "A gente coloca jogando a mandioca".

Em outras línguas da família lingüística Tupi-Guarani, é também comum o complementizador ocorrer após o objeto e o verbo. Na língua Tupinambá, por exemplo, o predicado precede o complementizador e a ordem dos argumentos nucleares é [(S)OV[COMP]], conforme mostram os exemplos (13) e (14). Notem que, nesses contextos, o complementizador vem sob a forma do sufixo {-eme}:

- (13) *jawara jpeka_i o-juka s_i-ep jak-eme.*
 onça pato 3-matar ABS-ver-COMP
 "A onça matou o pato, quando ela o viu".
- (14) *pajé ma'e-asý-bór-a_i ø_i-subán-eme*
 pajé coisa-dor-NOML-ARG ABS-chupar-COMP
 "Se o pajé tratar o doente".

Conforme já apontado nos capítulos 5 e 6, a ordem predominante nas orações subordinadas temporais com *mehe* e nas construções de gerúndio com *pə* tem as seguintes características: (i) o objeto precede o verbo, ordem OV; (ii) a partícula subordinante ocorre posposta ao verbo [OV[COMP]]; (iii) o sistema de codificação dos argumentos é essencialmente (ergativo)-absolutivo.

Todavia, diferentemente dos complementizadores *pə* e *mehe*, existem ainda os itens *kon* e *aze* os quais ocupam a posição inicial da sentença, emergindo a ordem [COMP [PRED]] em sentenças temporais e concessivas, como em (15) e (16) abaixo:

ORDEM [COMP [IP]]

- (15) *kon kwarahi_i u_i-hem ur iko a?e_i*
 COMP sol 3-sair vir estar ele
 "Quando ele, o sol vem saindo agora".
- (16) *ade dawar ne ø-duka nehe*
 COMP onça te ABS-matar FUT
Tenetehar he anam_i u-dai?o-rəm wə_i
 Tenetehar meus parentes 3-chorar-INTC PL
 "Se a onça te matar, os meus parentes Teneteháras vão chorar".

Nota-se ainda que as orações introduzidas pelo complementizador *ade* e pelo operador temporal *kon* "quando" admitem que a ordem dos argumentos nucleares varie mais, opondo-se, assim, à ordem [OV [COMP]] rígida das orações temporais e de gerúndio que apresentam, respectivamente, os complementizadores *mehe* e *pə*. Possivelmente, esta será a razão pela qual ocorre maior flexibilização na ordem dos constituintes nessas orações, podendo o objeto ocorrer preposto, ordem OV, ou posposto ao verbo, ordem VO, como evidenciam os exemplos de (17) a (20) abaixo. Observem que a

codificação dos argumentos nucleares nessas sentenças segue o mesmo padrão que ocorre nas orações independentes, uma vez que o prefixo nominativo {u- ~ w-} é usado:

ORAÇÕES TEMPORAIS

(17) ORDEM [[KON [COMP]VO]]

kon *w-esak* *kaʔa* *te-a* *kuri*
 COMP 3-ver mato alto-ARG agora

aʔe *pe* *ko* *teko* *u-dapo* *kuri*
 mato em roça a gente 3-fazer agora

"Quando (a gente) achar o mato alto mesmo, a gente vai fazer a roça nele agora".

(18) ORDEM [[COMP]VO]]

teko *kon* *u-dapo-rəm* *tipid* *nadewe*
 a gente COMP 3-fazer-INTC casa assim

"Quando a gente vai fazer casa é assim".

ORAÇÕES CONDICIONAIS

(19) ORDEM [COMP]VO]]

ade *dawar* *u-duka* *kaʔi* *nehe*
 COMP onça 3-matar macaco FUT

Siba *u-pihik-rəm* *kaʔi* *o-ho* *i-duwi*
 Siba 3-pegar-INTC macaco 3-ir OBLIQ-para

"Se a onça matar o macaco, Siba vai pegar o macaco para ele".

(20) ORDEM [COMP [SOV]]

ade *dawar* *Pedro* *u-duka* *nehe*
 COMP onça Pedro 3-matar FUT

Tenetehar *he* *ø-anam* *u-daiʔo-rəm* *wə*
 Tenetehar me POSS-parentes 3-chorar-INTC PL

"Se a onça matar Pedro, os meus parentes Teneteharas vão chorar."

Com base nos dados acima, a hipótese que exploraremos é a de que a língua Tenetehára apresenta um sistema CP híbrido, fato que

permite que o complementizador *ade* e o operador temporal *kon* venham em posição inicial, ordem [COMP[PRED]], enquanto os complementizadores *pə* e *mehe* aparecem pospostos ao predicado, ordem [PRED[COMP]]. Essa hipótese é ainda mais reforçada pelo fato de que sintagmas-qu, partículas interrogativas como *ru ʔu* e *aipo*, e o verbo em perguntas sim/não podem vir em posição inicial. Na próxima seção, discuto a estrutura das orações interrogativas tipo-qu e sim/não.

7.3. Orações interrogativas

Na análise que se segue, averiguamos como se estruturam as perguntas SIM/NÃO e as construções interrogativas tipo-qu. Nosso objetivo é analisar a posição sintática dos operadores e de palavras interrogativas, a fim de mostrar que o sistema CP ocupa a posição inicial nessas orações. Começemos, então, pelas interrogativas SIM/NÃO.

As perguntas SIM/NÃO se caracterizam por trazerem a partícula dubitativa *ru ʔu* e a partícula interrogativa *aipo* em posições distintas dentro da oração. Além disto, nota-se que o verbo figura em primeira posição na sentença, conforme ilustram as sentenças de (21) a (23).

(21) *ne-katu ru ʔu?*
 2-estar bem DUB
 "Estás bem?"

(22) *u-ʔar ru ʔu dawar ʔi pe?*
 3-entrar DUB onça água em
 "A onça entrou na água?"

(23) *u-kir-rəm əmən aipo kuri?*
 3-chover-FUT chuva INTER então
 "A chuva choverá?"

Observe que a partícula dubitativa *ru ʔu* difere da partícula *aipo* pelo fato de que a primeira ocupa a segunda posição na sentença, conforme ilustram os exemplos (24) e (25), enquanto *aipo* ocorre em posição final, conforme (26):

(24) *u-kwaw ru ʔu aipo?*
 3-saber DUB INTER
 "Será que ele (o homem branco) sabe (falar a língua)?"

(25) *tirəm ruʔu pe-dapo iko?*
 farinha DUB vós-fazer estar
 "Farinha, vós estais fazendo?"

(26) *ere-dapo puhəd kaʔa r-upi har aipo?*
 tu-fazer remédio mato OBLIQ-em NOML INTER
 "(Tu) fazes remédio (que é) do mato?"

Todavia, quando não ocorre constituinte na periferia esquerda da oração, podem acontecer situações em que as partículas *ruʔu* e *aipo* aparecem em posição inicial. Nesses contextos, verificamos que a partícula *aipo* precede a partícula *ruʔu*, conforme se vê no exemplo (27):

(27) *aipo ruʔu he r-esakaʔu?*
 INTER DUB me ABS-ter saudades
 "Tens saudades de mim?"

Nota-se, ainda, que os pronomes interrogativos *maʔe* [-HUMANO] e *amo* [+HUMANO] podem combinar-se com posposições para formar palavras interrogativas derivadas, em geral de natureza oblíqua, locativa ou temporal, conforme os dados em (28a-b):

(28)

(a) interrogativos formados a partir de *maʔe* [-humano]

<i>maʔe</i>	"o que"
<i>maʔe pe</i>	"onde"
<i>maʔe mehe</i>	"quando"
<i>maʔe wi</i>	"de onde"
<i>maʔe rehe</i>	"sobre o que"
<i>maʔe iruramo</i>	"com o que"
<i>maʔe dewe</i>	"como é que é"

(b) interrogativos formados a partir de *amo* [+humano]

<i>amo</i>	"quem"
<i>amo pe</i>	"para quem"
<i>amo rehe</i>	"sobre quem"
<i>amo iruramo/rupi</i>	"com quem"

Além dos pronomes interrogativos acima, há ainda dois outros, a saber: o item *marədawe* e *mərən*, conforme se vê a seguir:

- (c) *marədəwe* “como, de que maneira, por que razão”
mərən “que, como, quantos, quantas”

Essas palavras introduzem orações interrogativas tipo-qu, o que nos permite assumir, de antemão, que o traço [QU], presente nas orações interrogativas, é satisfeito por meio do movimento sintático de todo o sintagma-qu para a posição de especificador de uma projeção FP, no domínio do CP, conforme o exemplo abaixo:

- (29) *maʔe* *te* *Siba* *u-piḥik* *o-hoʔ*
 que que Siba 3-pegar 3-ir
 “O que que Siba vai pegar?”

As palavras-qu podem vir acompanhadas das partículas *te*, *ruʔu* e *aipo*. Dentre essas, as duas primeiras ocorrem adjacentes às palavras interrogativas, conforme exemplos de (30) a (33), enquanto a partícula *aipo*, tal como acontece nas perguntas SIM/NÃO, figura em posição final, em geral, depois do objeto, conforme exemplo (34):

PALAVRAS INTERROGATIVAS SEGUIDAS DA PARTÍCULA *te*

- (30) *amo* *te* *u-piḥik* *tapiʔir* *neheʔ*
 quem que 3-pegar anta FUT
 “Quem que pegará anta?”
- (31) *maʔe* *mehe* *te* *u-diwir* *wəʔ*
 que tempo que 3-voltar mais de um
 “Quando que (eles) voltaram?”

PALAVRAS INTERROGATIVAS SEGUIDAS DA PARTÍCULA *ruʔu*

- (32) *maʔe* *ruʔu* *ne* *r-u* *u-duka* *aʔeʔ*
 o que Q teu POSS-pai 3-matar ele
 “O que ele, teu pai matou?”
- (33) *maʔe* *pe* *ruʔu* *Pedro* *i-ho-ni* *kuriʔ*
 que em Q Pedro ABS-ir-DESLOC então
 “Onde Pedro foi então?”

PARTÍCULA *aipo* APÓS O OBJETO

- (34) *mərədewe* *ere-petek* *ne* *ə-mimir* *aipo?*
por que 2-bater teu POSS-filho INTER
"Por que (tu) bateste em teu filho?"

Além das co-ocorrências observadas nos exemplos acima, verificamos que elementos deslocados para a periferia esquerda da oração, tais como D/NPs, seguem a partícula complementizadora *te* "que", como pode ser verificado no exemplo (35), em que o sintagma nominal *iwipo* "cipó" vem entre o sintagma-qu e o verbo.

NP DESLOCADO

- (35) *ma?e* *pe* *te* *iwipo* *ere-do?ok* *ne* *si?i?*
que em que cipó 2-tirar tu PART
"Onde que, cipó, tu tiraste?"

Em suma, as interrogativas tipo-qu diferem das perguntas SIM/NÃO porque somente nestas últimas o verbo pode vir em primeira posição. Adicionalmente, pudemos averiguar que o nível CP antecede o predicado, oposto ao que acontece nas sentenças encaixadas que exibem os complementizadores finais *pə* e *mehe*. Esses fatos nos ajudam a confirmar a hipótese de que o sistema CP possui natureza híbrida na língua Tenetehára, conforme indico pelas representações abaixo:

EM ORAÇÕES SUBORDINADAS COM *kon* E *ade* E EM INTERROGATIVAS

- (i) [..COMP..... [..... IP.....]]

EM ORAÇÕES SUBORDINADAS COM *mehe* E *pə*

- (ii) [[.....IP.....]COMP.....]

Na próxima seção, mostramos a ordem ocupada pelos advérbios temporais em relação aos demais constituintes da sentença.

7.4. Posição dos advérbios temporais

Antes de finalizar este capítulo, discutiremos a posição dos advérbios temporais em relação ao verbo e aos seus argumentos

nucleares. Os advérbios temporais tratados aqui são os itens *(de)kwehe*, que se refere a uma ação transcorrida num passado remoto; *kwed*, que sinaliza um evento realizado num passado recente, e *nehe*, utilizado geralmente para indicar o futuro virtual, conforme indicamos pela seguinte representação:

PASSADO REMOTO	PASSADO RECENTE	FUTURO VIRTUAL
X	X	X
kwehe	kwed	nehe

Além da diferença semântica, observa-se que esses advérbios não apresentam a mesma distribuição sintática no interior da oração. O advérbio *kwehe* ocupa uma posição mais alta na estrutura, ao passo que *nehe* e *kwed* vêm numa posição mais baixa na estrutura. Em geral, o advérbio *kwehe* ocorre no início da oração, conforme o exemplo em (36), ou logo depois do verbo, conforme o exemplo em (37).

(36) *kwehe* *Siba* *u-me?e* *kwəd* *ipaw* *wad*
 DPASS Siba 3-olhar outro lago lado
 "Siba olhou para o outro lado do lago".

(37) *u-me?e* *kwehe* *Siba* *kwəd* *ipaw* *wad*
 3-olhar DPASS Siba outro ago lado
 "Siba olhou para o outro lado do lago".

Tomando por base as posições sintáticas ocupadas por *kwehe*, nos exemplos acima, uma possibilidade é a de que ele seja um advérbio de tipo sentencial, gerado em adjunção ao TP, conforme a seguinte representação:

(38) [CP.....[TP *kwehe* [TP.....[VP.....]]]]

Quando o constituinte deslocado para a periferia esquerda da oração não é o verbo, mas um D/NP ou um sintagma posposicional, notamos que o advérbio *kwehe* segue-os, conforme indicam os dados a seguir:

PP OBLÍQUO DESLOCADO PARA ANTES DO ADVÉRBIO *kwehe*

- (39) *piki dipa pe kwehe ru-dapi-api a?e dawar.*
 Piki lago em DPASS nós^{exclusivo}-atirar-atirar ela onça
 "No lago do piki, (nós) atiramos nela, onça (ela, onça à que estamos nos referindo)".

NP SUJEITO DESLOCADO PARA ANTES DO ADVÉRBIO *kwehe*

- (40) *ku?em kwehe o-ho kuri*
 o dia DPASS 3-ir então
 "O dia veio então".
- (41) *a?e kwehe u-r iko w-ape rupi re?e.*
 ela DPASS 3-vir estar CORR-caminho em PART
 "Ela (a onça) estava vindo pelo caminho dela".

Já os marcadores *kwed* e *nehe* têm uma posição fixa na sentença transitiva, figurando em geral após o D/NP objeto, conforme os exemplos abaixo:

- (42) *w-aro Txina?i (*nehe) dawar pinim nehe*
 3-esperar Txina?i FUT onça pintada FUT
 "Txina?i esperará a onça pintada".
- (43) *Txina?i u-duka (*kwed) dawar pinim kwed*
 Txina?i 3-matar IPASS onça pintada IPASS
 "Txina?i matou a onça pintada". [lit. acabou de matar]

Há situações em que *kwed* pode vir antes do objeto, conforme (44). Contudo, neste caso, a interpretação não é a mesma da obtida em (43) acima, haja vista que *kwed* será entendido, não como marcador temporal, mas como pronome demonstrativo:

- (44) *Txina?i u-duka kwed dawar pinim*
 Txina?i 3-matar aquela onça pintada
 "Txina?i matou aquela onça pintada".

Além de não poderem vir antes do objeto, verifica-se que esses marcadores contrastam com o advérbio *kwehe* porque não podem vir no início do predicado, nem imediatamente depois do verbo, conforme ilustram os dados a seguir:

(45) (*nehe) Txina ʔi (*nehe) waro (*nehe) dawar pinim nehe

(46) (*kwed) Txina ʔi (*kwed) uduka (*kwed) dawar pinim kwed

As restrições apontadas acima parecem, portanto, relacionar-se ao fato de que os advérbios temporais *kwed* e *nehe* são gerados em posições mais baixas na estrutura, possivelmente em adjunção ao complexo v-VP⁴, não podendo, por isso, figurar em outras posições na oração, conforme ilustra a representação abaixo:

(47) [_{CP} *nehe/kwed ... [_{IP} *nehe/kwed ... [_{IP} ... [_{v-VP} ... nehe/kwed ...]]]]

7.5. Resumo do capítulo

A análise nos permitiu averiguar que a língua Tenetehára apresenta um sistema CP híbrido, visto ser possível a ocorrência dos itens *kon* e *ade* em posição inicial e a ocorrência dos complementizadores *pə*, *mehe* e *-rer* em posição final. Além disso, constatamos que o dialeto Tembé permite algumas inovações gramaticais, se comparado com o dialeto Guajajára, tais como (i) a ocorrência da ordem OSV; (ii) a codificação dos argumentos nucleares, nas orações subordinadas com os complementizadores *kon* e *aze*, por meio de um sistema cindido de marcação de Caso; e (iii) flexibilização na ordem do objeto, permitindo o surgimento das ordens OV e VO nas orações subordinadas que exibem o complementizador em posição inicial.

NOTAS

¹ Uma das maneiras para explicar a derivação da ordem VSO nas orações principais em Tembé e Guajajára seria postular que a ordem de base é SVO e que o verbo se desloca para antes do sujeito e do objeto, para fins de verificação de traços formais no domínio do CP/TP. Para mais detalhes desta análise, remeto o leitor ao capítulo 9 para a discussão que apresento sobre as possíveis razões gramaticais que engatilham o movimento do verbo de V^o → T^o → C^o.

² Manteremos aqui o símbolo fonêmico /z/ adotado por Harrison (1986), para transcrever os dados do Guajajára, em vez do símbolo /d/ que estamos a usar para descrever os dados do dialeto Tembé falado pelos índios do rio Gurupi.

³ Conforme será mostrado nos capítulos referentes à análise gerativa, há boas evidências para se postular que o DP objeto move-se para verificar Caso estrutural (absolutivo/acusativo) em Spec-vP.

⁴ Estamos adotando nesse trabalho a proposta de Bobaljik e Jonas (1996, p.212) de que advérbios são gerados em adjunção a projeções máximas, i.e., XP. De acordo com esta teoria, advérbios sentenciais podem vir em adjunção a TP e advérbios mediais ocorrem em adjunção ao complexo v-VP.

Trabalho de Letras

PARTE 2
Estudos Gerativos

Capítulo 8

Suporte Teórico para a Análise Gerativa

Neste capítulo, temos por objetivo fazer uma breve revisão de alguns dos pressupostos teóricos do programa minimalista que serão assumidos durante a análise nos capítulos subseqüentes. Por isso, nas próximas seções, apresentamos considerações sobre o modelo gramatical, a teoria de verificação, a teoria de movimento, as condições de economia (cf. CHOMSKY, p.1995) e a hipótese anti-simétrica proposta por Kayne (1994).

8.1. O modelo gramatical

Com o programa minimalista, houve uma redução drástica do aparato formal da gramática, já que, dos diversos níveis de derivação sintática do modelo de regência e ligação, como a estrutura-S e a estrutura-D, restaram apenas o sistema de interface LF e PF. Esse sistema dá conta do fato de que a faculdade de linguagem humana utiliza mecanismos da mente/cérebro, como o sistema *conceptual-intencional* e o sistema articulatório-perceptual. O primeiro sistema tem como interface com a gramática a LF, e justifica-se no fato de que as expressões lingüísticas produzidas numa determinada língua precisam de determinados tipos de “representações semânticas”. Já

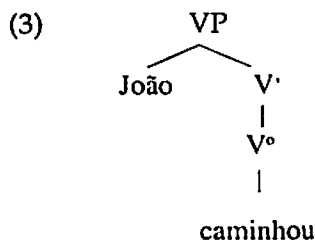
o sistema articulatório-perceptual é responsável para que as expressões lingüísticas possuam representação fonética.

Chomsky (1995) assume ainda que a faculdade da linguagem consiste de um léxico e de um sistema computacional, o qual é essencialmente derivacional. O léxico especifica os itens que entram no sistema computacional e suas propriedades idiossincráticas. O sistema computacional organiza esses itens de maneira tal a formar uma expressão lingüística constituída de (π, λ) , em que π é a representação fonética e λ , a representação semântica dessa expressão. Se π e λ satisfizerem a interpretação plena no sentido de que sejam legíveis nas interfaces PF e LF, a derivação converge, caso contrário, a derivação fracassa. Para que os itens π e λ sejam uma expressão lingüística bem formada, é necessário que um conjunto de itens seja retirado do léxico e inserido na *numeração*. Nesse sentido, a *numeração* é a lista de todos os itens a partir da qual a derivação inicia para formar representações sintáticas legítimas em PF e LF. A título de exemplificação, vejamos como acontece a derivação da sentença (1). Primeiramente, retiramos do léxico os itens que irão participar da derivação sintática e os agrupamos na numeração, conforme (2).

(1) João caminhou.

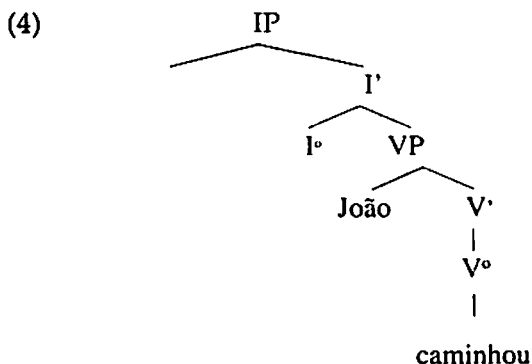
(2) {João₍₁₎, caminhou₍₁₎, I +TENSE₍₁₎, +AGR₍₁₎}

Em seguida, utilizamos o verbo *caminhou* e o NP *o João* por meio da operação SELECIONAR (SELECT) e os juntamos, de modo a formar o sintagma verbal, conforme indicado no diagrama em (3).

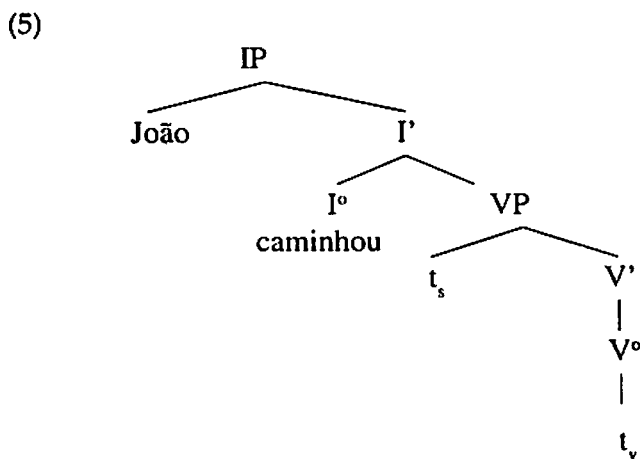


No âmbito do programa minimalista, assume-se que os itens lexicais já entram na derivação com seus traços flexionais associados a eles. Todavia, embora entrem na derivação, já flexionados, os itens

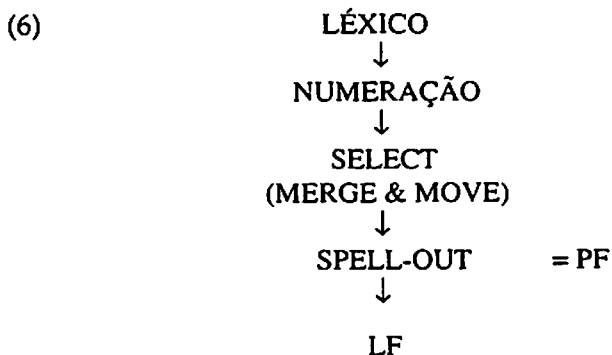
lexicais têm de verificar esses traços nas posições funcionais apropriadas. Por isso, o Caso nominativo do DP *o João* e o traço de CONCORDÂNCIA e o TEMPO (=TENSE) do verbo necessitam ser verificados nas posições funcionais apropriadas. Para que isso aconteça, na etapa seguinte da derivação, o núcleo I^0 , após ser selecionado da numeração e introduzido na computação sintática, combina-se com o VP pela operação JUNTAR¹ e projeta a categoria funcional IP que carrega os traços flexionais da sentença, produzindo a estrutura X-barra complexa, conforme o diagrama em (4).



Na etapa final da derivação, o NP *João* sobe para [SPEC, IP] e o verbo *caminhou* move-se para núcleo de IP, de modo a obter seus traços flexionais licenciados na estrutura sintática, dando origem, assim, à representação do diagrama em (5):



Conforme se vê pela derivação ilustrada de (2) a (5), as sentenças, no âmbito do programa minimalista, são construídas passo a passo a partir de duas operações elementares: a operação JUNTAR (MERGE), que retira os elementos da numeração e junta-os na estrutura sintática, e a operação MOVER (MOVE), que desloca constituintes os quais já estão na estrutura sintática para outras posições dentro da sentença. JUNTAR e MOVER são assim as operações básicas na computação sintática, sem as quais as sentenças não seriam formadas. No momento em que essas duas operações finalizam, a estrutura em (5) precisa, então, ser submetida ao *Spell-Out*. Consoante Chomsky (1995, p.269, tradução de Raposo, 1999), *Spell-Out* é a operação que “efetua a ligação para a componente PF”, de modo a permitir que as estruturas sintáticas ganhem visibilidade. Assim sendo, no âmbito do programa minimalista, a derivação das sentenças de uma língua segue os passos representados abaixo:



Pela representação em (6), vemos que a derivação de uma expressão lingüística supõe um léxico, uma numeração, um sistema fonológico e duas operações computacionais fundamentais: JUNTAR (=MERGE) e ATRAIR (=MOVER). Uma derivação sintática não converge quando ocorre alguma operação ilícita ou quando a operação *selecionar* não se aplica na quantidade de vezes necessária para exaurir a numeração.

8.2. Verificação e interpretabilidade de traços formais

Um dos pressupostos teóricos centrais no âmbito do programa minimalista é o de que traços formais são objetos sintáticos que

participam da constituição interna dos itens léxicos e dos itens funcionais. Dentre esses traços, estão os traços formais N, D, V, os traços- ϕ (número, pessoa e gênero) e o traço de Caso dos nomes.

Esses traços diferem entre si quanto ao fato de poderem ou não receber interpretação em LF. Por exemplo, um traço de Caso não recebe interpretação semântica, enquanto traços- ϕ (gênero, número e pessoa) recebem interpretação se fizerem parte de um nome, mas não se fizerem parte do verbo, por isso, os traços formais podem ser [+/-interpretáveis]. Os traços formais ininterpretáveis são o traço de Caso dos NPs, o traço de atribuição de Caso de T, e os traços- ϕ dos verbos e adjetivos. Já os traços formais interpretáveis são os traços categoriais N, D e V e os traços- ϕ dos nomes. Enquanto os traços interpretáveis apresentam efeitos semânticos, já que sempre apresentam um significado que lhes é intrínseco, os traços ininterpretáveis não têm interpretação em LF, nem precisam ser expressos em PF. A sua principal característica é que não podem ser interpretados em LF.

De acordo com Chomsky (1995)², os núcleos das categorias funcionais possuem traços N(ominal) e V(erbais) que podem variar quanto ao fato de ser [+/-forte]. O traço N de um núcleo funcional, por exemplo, determina o movimento dos sintagmas nominais para a posição de especificador, enquanto o traço V engatilha o deslocamento do verbo para a posição de núcleo das categorias funcionais.

Quando um traço flexional de uma categoria funcional é forte, ele deve ser verificado antes de a expressão lingüística ser enviada a Spell-Out. Já os traços fracos podem ser verificados em LF. O postulado de que as operações de movimento são engatilhadas para satisfazer a verificação de traços fortes de projeções funcionais foi formulado por meio da condição de último recurso (do inglês *last resort*), conforme (7) abaixo:

- (7) *"Move F raises F to target K only if F enters into a checking relation with a sublabel of K"* (cf. CHOMSKY, 1995, p.280)

A operação *mover F* pode envolver a elevação apenas de traços ou de toda a categoria fonológica, o que dependerá das propriedades do componente fonológico. Assim sendo, a operação *mover F* pode envolver a elevação apenas do traço *F* ou o deslocamento de toda a categoria lexical para o domínio de verificação de uma categoria

funcional. Nesse último caso, o movimento visível implica elevação do traço relevante combinado com o *pied-piping* generalizado da categoria lexical. O movimento manifestamente visível dá-se em virtude da pobreza do sistema sensorimotor, que é incapaz de “pronunciar” ou “ouvir” traços isolados separados dos itens lexicais dos quais são partes.

Em suma, a verificação de traços fortes dá-se quando traços formais de itens lexicais são atraídos para o domínio de verificação de uma categoria funcional. A verificação de um traço forte acontece se os traços dos itens lexicais e das categorias funcionais forem do mesmo tipo. Nesta linha de raciocínio, ATRAIR F é uma operação intimamente relacionada ao fato de uma categoria funcional carregar ou não traços ininterpretáveis. Conforme Chomsky (tradução de LOBATO, 1998, p.53-57):

A importância da distinção entre traços formais interpretáveis e ininterpretáveis não foi reconhecida até muito recentemente, no curso da atividade do programa minimalista. Ela parece ser central à configuração geral da linguagem. (...) traços formais ininterpretáveis são de fato o mecanismo que implementa a propriedade de deslocamento. (...) são exigidos como um mecanismo para satisfazer as condições de legibilidade impostas pela arquitetura geral da mente/cérebro, pelas propriedades do aparato de processamento e pelos sistemas do pensamento.

Nessa perspectiva, o traço de Caso dos nomes apaga-se quando eles participam de relações de concordância no domínio de verificação das categorias funcionais. Os traços interpretáveis diferem dos traços ininterpretáveis pelo fato de que, embora sejam acessados em operações de verificação, no decorrer da computação sintática, não podem ser apagados. Sobre isso, Chomsky (1995, p.284) afirma o seguinte:

Uma vez que os traços-phi e o traço categorial dos DPs permanecem acessíveis mesmo após já terem verificado esses traços, enquanto o traço de Caso não fica disponível, um mesmo DP pode entrar em mais de uma operação de concordância e de satisfação a EPP, mas não pode participar em mais de uma relação de verificação de Caso (estrutural)³

Em suma, as operações de verificação ocorrem para apagar os traços formais ininterpretáveis⁴ que as categorias funcionais

carregam. Além disto, apagamento de traços exige uma relação local entre um traço [-interpretável] de uma sonda e um traço [+interpretável] do alvo. Isto pode ser evidenciado pelo fato de que os traços- ϕ de I, por serem [-interpretáveis], concordam com os traços- ϕ interpretáveis de um DP que esteja acessível para efetuar a operação de apagamento do traço ininterpretável presente em I. Essa operação se realiza por meio de uma relação sintática local ou remota, produzindo muitas vezes o efeito superficial de concordância sujeito-verbo.

8.3. Condições de economia

Chomsky (1995) propõe que condições de economia devem atuar durante a computação sintática para restringir os movimentos de constituintes, de maneira que ATRAIR F é uma operação que se aplica somente para satisfazer propriedades morfológicas de categorias funcionais. Uma dessas condições é a noção de que uma derivação convergente tem de ser a mais econômica. Raposo (1999, p. 31) propõe a seguinte condição de economia:

- (8) se numa etapa *i* da derivação existir uma opção entre Compor (i.e., Juntar) e Mover, escolher Compor.

A formulação em (8) pode ser bem compreendida quando averiguamos o mecanismo sintático que deriva as estruturas de alçamento (9a) e (9b) a seguir:

(9a) *there*_i seems [*t*_i to be a man in the room.]

(9b) there seems [a man_i to be *t*_i in the room.]

Em (9a), utiliza-se apenas um elemento da numeração, i.e. o expletivo *there*, para a verificação do EPP da oração infinitiva encaixada e da oração principal. Já em (9b), esse traço é verificado por meio de duas operações distintas: (i) a operação *MOVER* que desloca o NP *a man* para Spec-IP encaixado, e (ii) a operação *JUNTAR* que seleciona o expletivo *there* da numeração e o introduz em SPEC-IP matriz. Observa-se que (9b) é a operação mais complexa que (9a).

Segundo Raposo (1999, p.32), o funcionamento da economia derivacional deve obedecer às seguintes generalizações:

- (10a) Uma derivação convergente mais econômica bloqueia uma derivação convergente menos econômica;

(10b) Uma condição de economia pode ser violada para satisfazer a convergência.

Vê-se, então, que a generalização (10a) é capaz de dar conta da diferença entre (9a) e (9b) e justificar a estranheza de (9b). Já PROCRASTINAR é a condição que prevê que movimentos invisíveis são mais econômicos que movimentos na sintaxe visível. Assim sendo, procrastinar manda “minimizar o número de operações na sintaxe visível” [cf. RAPOSO, 1999, p. 32]. Concretamente, essa condição de economia é responsável pela diferença entre o movimento do verbo no Francês e no Inglês, conforme os exemplos abaixo:

(11) Jean pense souvent sur cela.

(12) John often thinks about that.

Em Francês, como INFL em I^o é forte, a subida de V→I é uma operação que deve ser efetuada antes de *Spell-Out*, em violação a PROCRASTINAR, o que é condizente com a generalização (10b). Já em inglês, como INFL em I^o é fraco, não existe violação a PROCRASTINAR, de maneira que a elevação de V→I dá-se somente no componente da sintaxe não-visível, i.e, em LF.

Outra condição de economia é o princípio da Cobiça (=Greed⁵), segundo o qual o movimento de constituintes é motivado para satisfazer necessidades do próprio constituinte e não de algum outro elemento, conforme a formulação proposta por Chomsky (1995, p.261), repetida em (13):

(13) A operação *mover* eleva α somente se propriedades morfológicas de α não forem satisfeitas de outra maneira no curso da derivação sintática.⁶

É de responsabilidade desse princípio, por exemplo, excluir sentenças como (14b) abaixo:

(14a) seems [(that) John is leaving.]

(14b) * John seems [(that) t is leaving.]

A agramaticalidade de (14b) deve-se ao fato de que o DP *John*, uma vez tendo já verificado seu traço de Caso e os traços- ϕ do I encaixado, não está autorizado a mover-se para verificar os mesmos

traços do I da oração matriz. Assim sendo, a única maneira de verificar os traços- ϕ e o EPP do I principal é por meio da operação que seleciona o expletivo *there* da numeração e o insere na posição de sujeito da oração principal, conforme (15):

(15) There seems [that John is leaving.]

A condição de elo mínimo, doravante MLC⁷, é outro princípio de economia derivacional que capta o fato de que, dentre diferentes derivações sintáticas, converge aquela que for a mais econômica, aqui estipulada como a que implica passos mais curtos. Mais precisamente, um elo mais comprido de α até K não pode ser constituído, se existir um elo legítimo mais curto de β até K. Por exemplo, é este princípio que exclui a sentença (16b):

(16a) Will John t_v have left by the time we get there?

(16b) *Have John will t_v left by the time we get there?

A agramaticalidade da sentença (16b) deve-se ao fato de o auxiliar *will* constituir o elo que está mais próximo de C e que é capaz de satisfazer o traço [QU-_{forte}] da sentença interrogativa e que, por isso, conta como um núcleo interveniente sobre o qual o item *have* não pode cruzar.

Uma vez expostas as condições de economia acima, passemos à análise de Kayne (1994) sobre a linearização de constituintes.

8.4. Lca e a hipótese de base universal

Kayne (1994) propõe um axioma de correspondência linear (LCA) que restringe bastante as relações entre os constituintes na oração. Para elaborar esse axioma, o autor chama a atenção para a relação de dominância entre nódulos terminais e não-terminais no âmbito da teoria X-barras. O axioma (LCA) é formulado da seguinte maneira:

(17) *Linear Correspondence Axiom*

$d(A)$ é uma ordenação linear de T

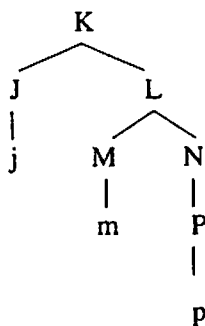
De acordo com esse axioma, d é a relação de dominância entre os nódulos terminais e não-terminais e A representa a projeção

máxima que contém todos os pares de nós não-terminais tal que o primeiro assimetricamente c-comanda o segundo. Nesse sentido, o autor propõe a seguinte noção de c-comando assimétrico:

- (18) *X assimetricamente c-comanda Y se e somente se X c-comanda Y e Y não c-comanda X.*

Já *T* se relaciona com a ordenação dos nós terminais. Assim sendo, esse axioma prevê que a relação entre o sujeito e o complemento, no interior das sentenças, é sempre uma relação anti-simétrica. Na prática, o LCA funciona da seguinte maneira, conforme vemos pelo diagrama em (19):

(19)



Tomando por base a configuração em (19), podemos considerar que os pares de nós não-terminais que estão numa relação de dominância assimétrica são os seguintes:

- (20) $\langle J, M \rangle$, $\langle J, N \rangle$, $\langle J, P \rangle$ e $\langle M, P \rangle$

Segundo o autor, uma vez que *J*, *M*, *N* e *P*, que são nós intermediários, dominam elementos terminais *j*, *m*, *p*, conclui-se que a relação de dominância estabelecida pela noção de c-comando assimétrico e pelo axioma de correspondência linear [(*Linear Correspondence Axiom* (LCA))] é a seguinte:

- (21) $d(A) \langle j, m \rangle$; $\langle j, p \rangle$; $\langle m, p \rangle$

Kayne (1994) sugere ainda que, para o LCA atuar, é necessário que a ordem da estrutura seja transitiva, total e assimétrica. Transitiva no sentido de que *se x precede y e y precede z, então x precede z*. Total no sentido de que *para todos os pares de x e y, ou x precede y ou y precede x*.

A ordem linear deve ser assimétrica no sentido de que é *impossível* que *x* preceda *y* e *y* preceda *x* ao mesmo tempo. As formulações do LCA propostas por Kayne (1994) trazem duas importantes conseqüências para a linearização dos constituintes no âmbito da teoria X-barra:

- (i) nenhum núcleo pode ter outro núcleo como seu complemento;
- (ii) cada nóculo não-terminal precisa ter um único núcleo.

Vê-se que a proposta de Kayne é bastante restritiva, já que o c-comando assimétrico e o LCA invariavelmente estabelecem precedência linear entre os nóculos não-terminais e terminais (T). Uma das conseqüências dessa formulação, em termos da linearização dos constituintes, é que (i) complementos devem sempre seguir o núcleo e (ii) a teoria X-barra manifesta uma gama de propriedades anti-simétricas na estrutura dos constituintes.

Por meio dessas formulações, o autor propõe que, na estrutura de constituintes, o especificador e o complemento sempre vão ocupar posições opostas em relação ao núcleo. Disso, resulta o fato de que, das seis permutações possíveis de S (especificador), H (núcleo) e C (complemento), somente duas seriam, em tese, permitidas: S-H-C e C-H-S. Desse modo, a ordem S-C-O (SOV), em que o complemento precede o núcleo, só é possível se a interpretamos como sendo o reflexo de movimento do objeto à esquerda, para a posição de especificador da projeção vP.

Conquanto haja apenas duas possibilidades de linearização: S-H-C e C-H-S, consoante o critério da precedência linear, o autor nos chama a atenção para o fato de que a primeira possibilidade é significativamente mais plausível do que a segunda pelo simples fato de ela ser mais recorrente do que a segunda, nas línguas. Não obstante, considerar apenas a ordem relativa de núcleo e complemento não é suficiente para se chegar a uma conclusão firme em relação ao c-comando assimétrico. Todavia, se levarmos em consideração a ordem relativa do especificador e do núcleo, vê-se que essa é uma relação mais visivelmente assimétrica, conforme:

A ordem relativa do especificador e do núcleo é visivelmente mais assimétrica, pelo seguinte: embora possa haver algumas categorias na quais as ordens do especificador e do núcleo possam variar, há outras categorias em que a ordem especificador-núcleo fortemente

predomina. Não conheço nenhuma categoria na qual a ordem núcleo-especificador seja a ordem predominante. (KAYNE, 1994, p.35)⁸

Tomando por base o LCA e o c-comando assimétrico, o autor propõe que especificador-núcleo-complemento é a única ordem possível para os subcomponentes do sintagma, e não o contrário. Por isso, não haveria sentido de se falar em variação paramétrica, já que todas as línguas teriam, no fundo, a mesma ordem linear: S-H-C. Assim, para explicar o fato de que há línguas nas quais o complemento precede o seu núcleo, ordem OV, Kayne supõe que é necessário que tenha havido movimento do complemento à esquerda, para uma posição de especificador mais alto. Da mesma maneira, numa dada língua em que IP precede o CP, a explicação é que IP deve ter se movido à esquerda para [SPEC-CP]. Com a formulação da hipótese de base universal, a variação na ordem dos constituintes terminais SOV, VSO, OSV, VOS e OVS fica, portanto, reduzida à interação do movimento do sujeito, do objeto e do verbo.

Nos próximos capítulos, tomando por base as considerações teóricas apresentadas aqui, investigamos a estrutura das sentenças em Tenetehára, no intuito de compreender, entre outras coisas, como se dá a linearização das sentenças que apresentam as ordens [VSO], [VSO-Aux] e [[OV]-COMP].

NOTAS

¹ Na literatura, encontramos outras traduções para o termo MERGE. Neste texto, porém, adotaremos o termo JUNTAR para a tradução de merge.

² Nesse trabalho, não adotaremos o modelo de derivação sintática baseado em fases, conforme proposto por Chomsky (1999).

³ Since the categorial and ϕ -features of DP remain accessible after checking while the Case feature does not, a single DP can enter into multiple satisfaction of the EPP and multiple agreement, but not multiple Case relations.

⁴ Sobre traços ininterpretáveis, Gelderen (1999, p.5) assinala o seguinte:

(...) it is not only strong features that must be checked before LF is reached, but all Non-Interpretable features since only Interpretable features are visible at LF (...).

⁵ Tradução do termo Inglês *greed* (enlightened self-interest).

⁶ Move raises α only if morphological properties of α itself would not otherwise be satisfied in the derivation.

⁷ Esta condição prevê o seguinte:

“ α pode ser elevado tomando K como alvo, apenas se não houver uma operação legítima mover β tomando K como alvo, em que β está mais próximo de K [cf: Chomsky, 1995:405, tradução de Raposo]”.

⁸ The relative order of specifier and head is much more visibly asymmetric, in the following sense: although there may be some categories for which both orders are widespread, there are other categories where specifier-head order strongly predominates. I know of no categories for which head-specifier is the cross-linguistically predominant order.” (Kayne, 1994, p. 35)

Capítulo 9

A Posição do Verbo nas Orações Não-Encaixadas

Este capítulo tem por objetivo delimitar a posição funcional que o verbo ocupa na estrutura das sentenças independentes (=não-encaixadas) da língua Tenetehára. Em orações declarativas afirmativas e interrogativas sim/não, é muito comum o verbo vir em primeira posição. Nesses contextos, o verbo finito situa-se, em geral, antes do sujeito e do objeto, fazendo emergir a ordem VSO, conforme ilustram os exemplos abaixo.

- (1) *u-haw teko iwira*
3-cortar a gente madeira
"A gente corta madeira".

- (2) *ere-dapo puhəd kaʔa r-upi har aipo?*
tu-fazer remédio mato OBLIQ-em NOML INTER
"(Tu) fazes remédio (que é) do mato?"

Nesse sentido, interessa-nos determinar se a ordem V(S)(O) resulta do movimento generalizado de $V \rightarrow I \rightarrow C$ ou se de $V \rightarrow \text{INFL}$ somente. Conforme veremos mais adiante, nossa hipótese é de que o Tenetehára exhibe movimento longo do verbo para o núcleo funcional C° , possivelmente em razão de traços flexionais

ininterpretáveis [μ F], relacionados ao traço de finitude das sentenças declarativas e ao traço [QU] de sentenças interrogativas sim/não. Isso parece particularmente ocorrer nas situações em que C° é um núcleo vazio, sem realização morfológica por meio de um complementizador. Contudo, conforme veremos, em orações independentes em que o núcleo C° vem preenchido pelos complementizadoras “te”, “ru?u”, “na?e”, “ta?e”, o verbo situa-se interno ao domínio funcional IP/TP, razão pela qual a ordem VSO não é tão produtiva nessas sentenças.

Um problema inicial que a ordem V(S)(O) coloca para nossa análise é como conciliá-la com a proposta de Kayne (1994), segundo a qual o verbo e seus argumentos são gerados internos ao VP em todas as línguas. Se, em consonância com Marantz [1984, p.23-31, citado por McCloskey (1997)], assumirmos que os complementos são argumentos internos do verbo, como dar conta da ordem V(S)(O), tendo em vista a assimetria refletida entre argumentos internos e externos, presentes em outras línguas? Tomando por base a hipótese de que a ordem inicial é SVO e as considerações sobre a atribuição de papel temático aos argumentos selecionados pelo verbo, discutiremos, nas próximas seções, a linearização da ordem VSO, tentando fornecer evidências empíricas que nos permitam compreender o sistema funcional C/TP das orações independentes.

9.1. Movimento do verbo finito para I^0

Vamos, inicialmente, supor que em Tenetehára o verbo e seus argumentos são gerados na ordem SVO, o que permitirá dar conta da assimetria semântica, conforme Marantz (1984, p.23-31). Na sentença (3) abaixo, o verbo aparece à esquerda do sujeito. Isso sugere, então, que a ordem SVO interna ao VP foi afetada pelo movimento do verbo:

- (3) *u-dapo* *awa* *tirəm*
 3-fazer homem farinha
 “O homem faz farinha”.

Desse modo, acompanhando a proposta de Kayne (1994) de que movimentos ocorrem à esquerda, a questão que se coloca para nossa análise é a seguinte: para qual posição o verbo foi movido na sentença acima?

Para derivar a ordem VSO, na sentença em (3), postulamos a existência de uma categoria funcional I/TP, localizada à margem esquerda da oração, cujo núcleo T° é dotado de um traço [μ F] ininterpretável que precisa ser valorado em algum momento, no curso da derivação sintática. Por hipótese, será, então, este o traço que torna obrigatória a elevação do verbo para fora do VP, fazendo emergir a estrutura sintática com o verbo em posição inicial, conforme (4):

$$(4) \quad [_{CP} C^{\circ} [_{IP} \text{pro} [_{I^{\circ}} \text{Verbo} [_{VP} S [_{V^{\circ}} t_{\text{verbo}} O]]]]]$$

A proposta de derivação, em (4), prevê a elevação do verbo, enquanto o sujeito e o objeto permanecem internos ao VP. Uma consequência dessa proposta é que o sujeito será elevado em LF para verificar seu traço de Caso nominativo em [SPEC, TP]. Desde 1981, diversos autores vêm propondo que movimento V→I é sensível à morfologia flexional rica para pessoa. Roberts (1993a), por exemplo, constata que o empobrecimento do rico sistema de concordância sujeito-verbo leva à perda do movimento do verbo no Inglês do século XVI. Além de Roberts (1993a), Vikner (1994, p.118-119) também nota uma tendência geral de que o verbo seja elevado para núcleo de IP sempre que ele carregar morfologia rica de pessoa. Para averiguar esta correlação, Vikner (1994) considerou o paradigma de conjugação do verbo *throw* "jogar, arremessar" em três línguas germânicas: o Islandês, o Faroese e o Dinamarquês.

(5) *throw*, infinitivo e presente do indicativo

	Islandês	Faroese	Dinamarquês.
	inf. kasta	kasta	kaste
SG.	1 ég kasta	eg kasti	jeg kaster
	2 tú kastar	tu kastar	du kaster
	3 hann kastar	hann kastar	han kaster
PL.	1 við köstum	vit kasta	vi kaster
	2 pið kastið	tit kasta	I kaster
	3 peir kasta	tey kasta	de kaster
TOTAL	4	3	1

No paradigma acima, o Islandês difere do Faroese e do Dinamarquês por apresentar morfemas de pessoa no singular e no plural. No Faroese, por exemplo, o verbo *kasta* "throw" apresenta

apenas as terminações *i-* (1sg) e *-ar* (2sg, 3sg), e nenhuma terminação para pessoa no plural. Segundo Vikner (1994), a forma *kasta* que ocorre no plural do presente do indicativo é idêntica à forma do infinitivo e do imperativo singular. Já, no Dinamarquês, a forma *kaster* é idêntica em todas as pessoas do discurso, tanto no singular como no plural. A terminação *{-er}* da raiz verbal é analisada como sendo manifestação de tempo no verbo, e não como marcação de pessoa. Conforme Roberts (1993), o movimento $V \rightarrow I^o$ está diretamente associado ao fato de a língua possuir ou não morfemas distintos de pessoa tanto no singular como no plural. Das três línguas constantes do paradigma em (5), apenas o Islandês permite elevação $V \rightarrow I^o$, visto que apresenta morfemas de pessoa para o singular e plural. Nesse aspecto, a língua Tenetehára se assemelha muito ao Islandês por apresentar flexão verbal rica para todas as pessoas, no singular e no plural. Isto pode ser observado se analisamos o paradigma de conjugação do verbo *-dapo* "fazer" em (6). Neste paradigma, observam-se seis prefixos pessoais distintos, três no singular e três no plural, que replicam o traço- ϕ [PESSOA_{nominativo}] do DP_{sujeito} no núcleo T^o 1:

(6) *-dapo*: fazer, presente do indicativo

	ihe	a-dapo	"eu faço"
SG.	ne	re-dapo	"tu fazes"
	aʔe	u-dapo	"ele faz"
	ure	uru-dapo	"nós _{exclusivo} fazemos"
PL.	dane	si-dapo	"nós _{inclusivo} fazemos"
	pe	pe-dapo	"vós fazeis"
	aʔe	u-dapo wə	"eles fazem"

Vejam que a existência de prefixos pessoais nominativos, no singular e no plural, favorece a proposta de estrutura oracional em (4), na qual os traços flexionais de T^o, por serem ininterpretáveis, engatilham elevação visível do verbo antes de Spell-Out. Outras evidências a favor de elevação $V \rightarrow T$ vêm do fato de que línguas de sujeito nulo, além de exibirem marcação morfológica de pessoa rica e transparente no verbo, permitem ocorrência de sujeitos nulos e extração-qu do sujeito encaixado sobre um complementizador visível, conforme sugerem os dados a seguir, retirados de Rizzi (1997, p.270-273).

(i) marcação morfológica de concordância de sujeito-verbo rica e transparente:

(a) It.: parl-o, parl-i, parl-a, parl-íamos, parl-ate, parl-ano

(b) Cat.: parl-o, parl-es, parl-a, parl-em, parl-eu, parl-en

(c) Fr.: parl, parl-ō, parl-é

(ii) sujeitos nulos com a interpretação referencial:

(a) ____parla.

(b) ____parle

(iii) extração-qu de um sujeito encaixado sobre um complementizador visível:

(a) Chi credi che ____ telefonerà?

(b) Qui creus que ____ telefonará?

Na representação proposta em (4), parece que o sujeito temático permanece *in situ*, ou seja, em [SPEC, VP], enquanto o verbo sobe para I°. A possibilidade de licenciar um sujeito temático em posição pós-verbal é uma das propriedades que caracterizam línguas de sujeito nulo. Nas orações (7a-b) e (8a-b) abaixo, podemos omitir o sujeito sem prejuízo para a gramaticalidade da frase, conforme os exemplos (7b) e (8b), o que mostra ser o Tenetehára uma língua de sujeito nulo.

(7a) *a-dapo-rəm* *tirəm* *ihe*
1-fazer-FUT farinha eu
"Eu farei farinha".

(7b) *a-dapo-rəm* *tirəm*
1-fazer-FUT farinha
"Farei farinha".

(8a) *u-mu-keʔe* *pira* *teko* *kuri*
3-fazer-moquear peixe a gente então
"A gente moqueia peixe".

(8b) *u-mu-keʔe* *pira* *kurɿ*
3- fazer-moquear peixe então
"(A gente) moqueia peixe".

É como se, nas línguas de sujeito nulo, a concordância morfológica forte possuísse um traço [+PRONOMINAL] que é capaz de verificar o traço-EPP do núcleo T°. Devido a esse traço flexional, línguas de sujeito nulo como o Tenetehára tendem a licenciar elevação visível do verbo para T° e a permitir sujeito pós-verbal. Assim, a estrutura de (7a) seria então (9) abaixo:

(9) [_{IP} pro [_I° adapo-rəm [_{XP} tirəm [_X [ihe t_{verbo}]]]

Se a configuração sintática em (9) estiver mesmo correta, segue-se, então, que o sujeito está *in situ*. Antes de explorarmos se a posição ocupada pelo sujeito e pelo objeto é essa mesma no sistema funcional das sentenças finitas não-encaixadas, averiguamos, na próxima seção, se há a possibilidade de movimento adicional do verbo de T° para o núcleo C°.

9.2. Evidências do movimento do verbo para o núcleo C°

Uma das evidências que possuímos a favor de considerar-se que verbos finitos se movem até o núcleo C° surge do fato de que geralmente antecedem os advérbios temporais (*zé*)*kwehe* e (*zé*)*kaipo*, os quais se referem a um evento transcorrido num passado distante (= doravante DPASS). Estes advérbios tendem a ocorrer em posição mais alta na sentença, mais precisamente entre o verbo e o sujeito, conforme elucidam as estruturas em (10):

(10a) Verb [zekwehe] Subject Object

(10b) Verb [zekaipo] Subject Object

Em Tenetehára, um evento transcorrido no passado pode ser entendido como sendo atestado ou não-atestado, o que dependerá de qual dos dois advérbios são acionados. Dessa maneira, (*de*)*kaipo* refere-se a um evento não-atestado (=DPASTU), ao passo que (*de*)*kwehe* é neutro em relação a esse ingrediente pragmático. O (pro)clítico [de.] é usado quando o evento realizado no passado não foi vivenciado, mas sim ouvido pelo narrador. Esses advérbios são muito usados em narrativas míticas e em histórias relatadas pelos mais velhos. Adicionalmente, averiguamos que o advérbio (*ze*)*kwehe* pode figurar em posição inicial absoluta ou simplesmente seguir o verbo finito que carrega a flexão nominativa, como podemos ver a seguir:

LÍNGUAS FINITAS NÃO-ENCAIXADAS

(11) *kwehe* *Siba* *u-me?e* *kwed* *ipaw* *waj*
 DPASS *Siba* 3-olhar outro lago lado
 "Siba olhou o outro lado do lago".

(12) *u-me?e* *kwehe* *Siba* *kwed* *ipaw* *waj*
 3-olhar DPASS *Siba* outro lago lado
 "Siba olhou o outro lado do lago".

Tomando por base as posições sintáticas do advérbio *kwehe*, nos exemplos acima, nossa hipótese será a de que esse advérbio é gerado em adjunção à projeção TP, conforme indica a configuração abaixo:

[CP.....[TP *kwehe* [TP.....[VP.....]]]]

Nos dados colhidos até o momento, esses advérbios não foram encontrados entre o sujeito e o objeto, nem após o DP na função sintática de objeto, conforme sugere a representação em (13):

(13) Verb Subject [??? *zekwehe*] Object [??? *zekwehe*]

Além do paradigma acima, observamos que, quando um DP ou um PP é movido para a posição inicial, o advérbio *kwehe* tende a vir após esses itens, como ilustram os dados abaixo.

(14) *piki dipa pe kwehe ru-dapi-api* *a?e dawar.*
piki lago em DPASS nós_{exclusivo}-atirar-atirar ela onça
 "No lago do piki, (nós) atiramos-atiramos (várias vezes) nela, a onça".

(15) *ku?em kwehe o-ho kuri*
 dia DPASS 3-ir então
 "O dia veio então".

(16) *a?e_i* *kwehe* *u_i-r* *iko*
 ela (=a onça) DPASS 3-*vir* estar

w_i-ape *rupi* *re?e.*
 CORR-caminho por PART
 "Ela_i (a onça) estava vindo pelo seu_i caminho".

Portanto, com base em exemplos como esses, a posição sintática do advérbio *kwehe* será usada como importante diagnóstico para estabelecermos o limite entre as projeções CP e TP. Consoante essa

análise, defenderemos que constituintes que ocorrem acima dos advérbios *kwehe/kaipo* situam-se no domínio do CP, possivelmente em projeções relacionadas à estrutura de foco e tópico. Se esta análise estiver mesmo correta, então, assumiremos que o verbo finito em Tenetehára move-se adicionalmente para o núcleo C^o nas estruturas cuja ordem linear é [V_{inicial} zekwehe/zekaipo S O].

Uma terceira evidência de que o verbo se move para o núcleo C^o advém de sentenças interrogativas sim/não, contextos nos quais o verbo muito freqüentemente situa-se em posição inicial absoluta. Nesses contextos, os verbos finitos geralmente co-ocorrem com as partículas interrogativas *ru?u* e *aipo*. A ocorrência desses marcadores de perguntas enfatiza a pressuposição de que o falante fornecerá uma resposta relevante à pergunta/indagação de seu interlocutor. Observem os exemplos abaixo:

- (17) *u-?ar ru?u dawar?*
 3-cair Q onça
 "Entrará a onça (no rio)?"

- (18) *ere-kwaw ru?u ?i pita-haw*
 2-conheces Q água permanecer-NOML
pepe tekoha(w) pipe?
 lá aldeia dentro de
 "Conheces (onde situa) o reservatório de água da aldeia?"

- (19) *u₁-kwaw ru?u aipo*
 3-conhece Q₁ Q₂
 "Sabe (o homem branco falar a língua Tenetehára)?"

Uma hipótese bastante plausível é a de que a ocorrência do verbo em posição inicial pode refletir o fato de que C^o possui um traço formal ininterpretável [μ Q], o qual contribui para a especificação de que a sentença é de natureza [+INTERROGATIVA]. Sendo assim, a elevação do verbo para o início da oração, de (17) a (19), pode estar refletindo a necessidade de verificação do traço ininterpretável [μ Q] de uma categoria funcional responsável pelo importe [+INTERROGATIVO] de sentenças sim/não. Chomsky (1995) argumenta que, quando esse traço é forte, ocorre um especificador ou um núcleo na sintaxe visível, para que haja convergência da estrutura sintática. Puskas (1997) formulou essa correlação em termos do critério-QU, conforme a seguir:

(20) Critério-QU (cf. PUSKAS, 1997, p.147)

- a. Um operador-QU deve estar numa relação local [SPEC, NÚCLEO], sendo que X^o carrega o traço [+QU];
- b. Um núcleo X^o com o traço [+QU] deve estabelecer uma relação local [SPEC, NÚCLEO] com um operador-QU.

Outra evidência empírica de que o movimento do verbo para C^o realmente ocorre fica reforçada pelo fato de que o verbo finito pode co-ocorrer com o clítico evidencial [-de]². De acordo com Boudin (1978, p.307), esse clítico significa “o dizer dele”, “diz(em) que”, “o dito dele” e é usado quando se pretende reportar o discurso proferido por outra pessoa, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(21) *na-i-katu-d³-de*

NEG1-ABS-ser bom-NEG2-diz que
 “Dizem que (isto) não presta”.

(22) *u-duka-de⁴ Siba dawar o-ho*

3-matar-diz que Siba onça 3-ir
 “Diz(em) que Siba vai matar a onça.”

O fato curioso é que o clítico [-de] parece não poder vir separado do verbo, pois até o presente momento não encontramos nenhum dado lingüístico em que esse item venha em posição inicial absoluta sem um núcleo funcional que o hospede, conforme o exemplo abaixo.

(23) *??de na-i-katu-d*

diz que NEG1-NC-ser bom-NEG2
 “Dizem que (isto) não presta”.

Mais uma evidência a favor da análise de que o verbo pode ocorrer em C^o surge do fato de que a ordem V_{inicial} não é permitida em orações subordinadas introduzidas pelo complementizador temporal *mehe* ou pelo complementizador *pə*, conforme podemos constatar pela agramaticalidade nos dados em (24b) e (25b):

(24a) *Sérgio w-esak [Pedro tapi?ir r-aro mehe]*
 Sérgio 3-ver Pedro anta ABS-esperar COMP
 ‘Sérgio viu quando/que Pedro esperava a anta.’

*(24b) *Sérgio w-esak [w-aro Pedro tapi?ir mehe]*
 Sérgio 3-ver 3-esperar Pedro anta COMP
 “Sérgio viu quando/que Pedro esperava a anta”.

(25a) *he-hi_i o-ho ko pe [akadu o_i-po?o pə]*
 1-mãe 3-ir roça PSP caju 3-tirar COMP
 “Minha mãe foi à roça para tirar caju”.

*(25b) *he-hi_i o-ho ko pe [o_i-po?o akadu pə]*
 1-mãe 3-ir roça a 3-tirar caju COMP
 “Minha mãe foi à roça para tirar caju”.

Vê-se que, nessas orações, o verbo e seus argumentos sistematicamente precedem o complementizador, ordem [(S)OV [COMP]], e a codificação dos argumentos nucleares dá-se por meio dos prefixos de Caso absolutivo. Se compararmos a ordem (S)OV das orações encaixadas acima com a ordem V(S)(O) das orações independentes, notamos uma interessante assimetria em relação às posições que o verbo pode ocupar, de sorte que sua ocorrência em posição inicial, ordem V(S)(O), parece ficar restrita aos contextos em que a posição do complementizador é vazio. Nessa linha de raciocínio, nossa suposição de que o movimento do verbo para fora do TP, em orações VSO, está associado a uma exigência de que o núcleo C° seja lexicalizado encontra uma nova evidência. Uma maneira de captarmos esse fato é estipularmos que, em orações declarativas VSO e interrogativas sim/não, tal como acontece nas orações subordinadas, o núcleo C° precisa ser preenchido. Assim sendo, a diferença reside na maneira como essa exigência é atendida nos dois tipos de cláusulas: em orações independentes, quando acontece a ordem VSO, C° vem lexicalizado pelo verbo, e, em subordinadas temporais e de gerúndio, C° é preenchido pelos complementizadores do tipo de *mehe* e *pə*, os quais figuram à direita do predicado⁵, conforme indicamos pelas representações sintáticas abaixo:

(26)[_{CP} [_{IP} *Pedro* [_I... [_{VP} *tapi?ir* [_V *r-aro*] [_{C°} *mehe*]...]]]]

(27)[_{CP} [_{IP} ... [_I ... [_{VP} *akadu* [_V *o-po?o*] [[_{C°} *pə*]...]]]]]

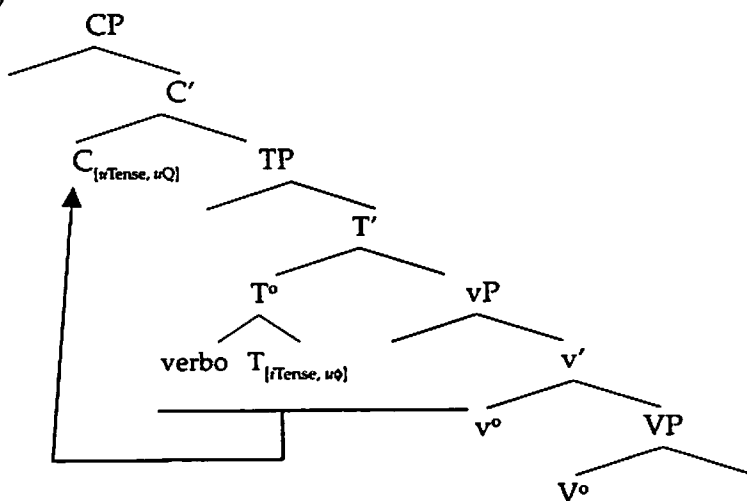
Por fim, falta-nos explicitar exatamente quais são os traços formais ininterpretáveis⁶, que provocam a elevação do verbo para C° nos dois tipos de cláusulas, ou seja, nas interrogativas sim/não e nas declarativas VSO. Uma possibilidade existe de que C°, nessas sentenças, seja dotado de um traço ininterpretável de tempo [*uT*], o qual é satisfeito se houver elevação de T→C. Segundo Peseteský (2001), será exatamente esse traço que engatilha a elevação de T→C

nas sentenças TIPO-QU do Inglês de Belfast. Nesse dialeto, como o núcleo T° vem realizado por meio de auxiliares, são esses itens que se movem de T° para C° da oração encaixada para valorar o traço de tempo ininterpretável [μ T] de C°, conforme abaixo:

- (28) Who did John hope [_{CP} would [_{TP} he [_{VP} see _____]]]?
- (29) What did Mary claim [_{CP} did [_{TP} they [_{VP} steal _____]]]?
- (30) Bill asked who [_{CP} had [_{TP} I [_{VP} seen _____]?
- (31) They wondered what [_{CP} had [_{TP} John [_{VP} done _____]]]?

Nessa linha de raciocínio, utilizaremos proposta semelhante para explicar a ocorrência do verbo em posição inicial em interrogativas sim/não e em declarativas simples na língua Tenetehára. Desse modo, como essa língua não disponibiliza um sistema rico de auxiliares como no inglês, o verbo lexical finito é que será, então, levado para C°. Uma maneira de implementarmos a derivação das sentenças com V_{inicial}(S)(O) em Tenetehára pode ser notada pela configuração abaixo. Nela, supõe-se que os traços ininterpretáveis [μ Tense] e [μ Q] do núcleo C° engatilham o movimento de T° para C° para que esses traços sejam valorados, de modo que a derivação sintática das orações interrogativas_{sim/não} possa convergir.

(32)



Contudo, observa-se que, quando o núcleo C° vem realizado fonologicamente por um complementizador, a ordem VSO não emerge. Tais contextos serão o objeto de nosso estudo na próxima seção.

9.3. Contextos em que o verbo não se move para C°

Além do movimento do verbo para C°, há ainda certos contextos nos quais este movimento não pode ocorrer, situações em que o verbo finito não ocupará a posição inicial absoluta. Isto se dá quando, por exemplo, os complementizadores não subordinativos *na?e*, *ta?e* e o marcador de pergunta *te* figuram em C°. O complementizador *na?e*, por exemplo, codifica o sentido de conclusão, conforme mostramos em (33); o complementizador *ta?e* equivale aos conectores “assim, em virtude de, por causa de”, como em (34); e a partícula *te* corresponde ao complementizador de orações tipo-qu, como em (35).

(33a) *na?e de-kaipo miar u-de?eŋ*
 então diz que-DIPASTU animal_i 3_i-falar
i-dupe a?e wə
 ele_j-para ele_i mais de um
 “(Eles dizem que) então eles_i, os animais_i, falaram a ele_j”.

(33b) [_{CP} *na?e* [_{TP} *ze-kaipo* [_{TP} *miar* [_T *uze?eŋ* [_{TP} *i-zupe* [_{VP} *a?e wə*.....]]]]]]]]]

(34a) *ta?e i-hi o-ho*
 por causa de dela_j-mãe_i 3_i-ir
wa n-uwi a?e kuri
 eles_k c-de ela_i então
 “Por causa disso, ela_i, sua_j, mãe_i, foi embora deles_j”.

(34b) [_{CP} *ta?e* [_{TP} *ihi* [_T *oho* [_{PP} *wa nuwi* [_{VP} *a?e*.... *kuri*]]]]]]]

(35a) *ma?e te Siba u-pihik o-ho?*
 o que que Siba 3-apanhar 3-ir
 “O que que Siba vai apanhar?”

(35b) [_{CP} *ma?e* [_{C°} *te* [_{TP} *Siba* [_T *u-pihik* [VP.....]]] [_{AUX} *o-ho* [...*t_{TP}*.....]]]]]]]

Notem que, nesses dados, a ordem dos constituintes é [C° [SV(O)]] e o verbo ocorre após o sujeito. Tomando por base esses

contextos, a hipótese que entreteremos é que o verbo não aparece em posição inicial, oposto ao que se observa nas orações cuja ordem é [V(zekwehe)SO], porque o núcleo C° já está foneticamente preenchido por complementizadores. Nessa linha de raciocínio, *na?e* e *ta?e* são itens que tipificam a força [+DECLARATIVA] das sentenças (33a) e (34a), ao passo que *te* assinala a força [+INTERROGATIVA] da sentença (35a).

Ao compararmos a ordem [C° [SV(O)]] das orações independentes de (33) a (35) com a ordem VS(O) das sentenças em (11) e de (17) a (19), observa-se uma interessante distribuição complementar, visto que a elevação do verbo para o domínio CP é restrita àqueles contextos em que C° é uma posição de núcleo vazio. Segundo este raciocínio, a hipótese de que o verbo se move para uma posição acima da projeção TP nas orações [V (kwehe/kaipo)SO] ganha suporte adicional. Conseqüentemente, argumentaremos a favor de que, em orações [VSO] e [C° [SV(O)]], C° é um núcleo que precisa ser preenchido. A diferença entre os dois tipos de orações reside na maneira como o traço [*u*Tense] de C° é satisfeito. Assim, em sentenças interrogativas e em declarativas [V zekaipo SO], o traço ininterpretável [*u*Tense] de C° é valorado por meio da elevação do verbo, enquanto nas sentenças [C° [SV(O)]], este traço é valorado pelos complementizadores não-subordinativos como *na?e*, *ta?e* e *te*.

Adicionalmente, observa-se que complementizadores como *na?e*, *ta?e*, *te* e XPs topicalizados e focalizados parecem restringir a ocorrência do verbo no núcleo de CP. Esta é a situação, por exemplo, da sentença (36), na qual um XP topicalizado e um XP focalizado co-ocorrem em uma mesma sentença. Vejam que, nesses contextos, o verbo carrega o prefixo de Caso absolutivo {*i-*}, o qual mantém correferência com o DP objeto *pako* "banana". Vejam que o verbo, naturalmente, ocupa uma posição mais baixa na estrutura, e o clítico sintático [-*de*] vem adjunto ao tópico *se* "aqui".

- (36) *se-de* *pako_i* *Ana* *i_i-?u-n_i*
aqui-diz que banana Ana FOC-COMER-DESLOC
“(Eles dizem que) é banana que Ana comeu aqui”.

Tomando por base a hipótese desenvolvida até aqui, pode-se ainda questionar como é possível que o Tenetehára exiba os complementizadores iniciais *na?e*, *ta?e*, *te*, à esquerda do verbo finito, embora estejamos a assumir que o Tenetehára é uma língua de núcleo

final, conforme foi mencionado no capítulo 7. Uma possibilidade é assumirmos que o núcleo C° de orações interrogativas e declarativas independentes é dotado de traços formais ininterpretáveis distintos daqueles que figuram no núcleo C° de orações subordinadas. Nos dados abaixo, visualizamos contextos em que aparecem os complementizadores subordinativas *pə* e *mehe*.

[FINAL COMPLEMENTIZER]

(37) *a-ha* [kaʔi r-esak pə] *kuri*
 1-ir macaco ABS-see COMP então
 “(Eu) fui ver o macaco então”.

(38) *w-enu he r-imiriko* [kaʔi ø-deʔeŋ *mehe*]
 3-ouvir minha POSS-wife macaco ABS-assobiar COMP
kwed ʔi wad r-ehe
 outro rio lado OBLIQ-de
 “Minha esposa ouviu o macaco assobiar do outro lado do rio”.

Pode ser que a assimetria observada quanto à posição de C°, nos dois conjuntos de cláusulas, esteja diretamente correlacionada ao fato de que, em orações encaixadas, o núcleo C° carrega um traço EPP ininterpretável de natureza [+PRED], enquanto este traço estaria ausente no sistema CP de orações independentes e sim/não. Seria então este o traço formal responsável por atrair todo o predicado à esquerda, mais precisamente para a posição de SPEC-CP em orações subordinadas, emergindo nesses contextos a ordem [...[_{CP} [_{IP} OV [_C C°]]]...]. Vejam que esta hipótese assemelha-se muito ao que Kayne (1994) postula para línguas que apresentam núcleo final (=strongly-final languages). Conforme Kayne (1994), nessas línguas, complementizadores e auxiliares finais teriam uma propriedade flexional que obrigaria o seu complemento a mover-se à esquerda⁷. Notem que, se essa proposta estiver mesmo correta, a natureza híbrida do núcleo de CP em Tenetehára seria, assim, reduzida à natureza do traço EPP_{+pred} de C° das orações subordinadas. A consequência dessa proposta é que o traço ininterpretável [*u*EPP_{pred}] estaria presente apenas em C° de orações subordinadas. Essa diferença explica então a razão pela qual o predicado ocorre sistematicamente à esquerda nas orações subordinadas, ordem [[_{IP} OV] COMP], mas à direita em orações independentes, ordem [COMP [_{IP} OV]].

9.4. Resumo do capítulo

Neste capítulo, os dados empíricos das orações interrogativas e declarativas $V_{\text{inicial}}(S)(O)$ apontam para o movimento longo do verbo finito para o domínio CP. Entretanto, a hipótese de que esse deslocamento deve-se aos traços ininterpretáveis $[\mu T]$, $[\mu Q]$ presentes no núcleo C° em orações interrogativas e ao traço $[\mu T]$ em orações declarativas simples. Assumimos, ainda, que o núcleo C° das orações encaixadas possuem o traço $[\mu EPP_{\text{pred}}]$, enquanto C° de orações independentes não apresentam este traço. Até aonde pudemos notar, seria a presença desse traço que explica o estatuto híbrido de C° em Tenetehára, permitindo complementizadores em posição inicial e em posição final.

No próximo capítulo, discutimos a posição que o sujeito e o objeto ocupam nas sentenças independentes. Para tanto, analisamos em detalhe o escopo sintático/semântico do dêitico *a ?e* e do quantificador flutuante *wə* e os contextos de movimento visível do objeto para SPEC-VP.

NOTAS

¹ Existe no curso do desenvolvimento do programa minimalista a idéia de que os traços- ϕ [$PESSOA_{\text{nominativo e acusativo}}$] exercem papel crucial na atribuição de Caso estrutural aos DPs na função sintática de sujeito e de objeto. A intuição é a de que, ao final das contas, Caso estrutural não é exatamente um traço das sondas T° e v° , mas sim um traço que é valorado, quando se dá o compartilhamento dos traços- ϕ das sonda T° com o alvo (goal), ou seja, o (D)NP_{nominativo}. De acordo com Chomsky (1999, p.3-4):

Structural Case is not a feature of the probes (T, v), but it deletes under agreement if the probe is appropriate — ϕ -complete (...)

E o mais curioso nessa proposta é que:

Case itself is not matched, but deletes under matching of ϕ -features.

Vejam que, segundo a proposta acima, a valoração do traço de Caso estrutural está diretamente correlacionada com o compartilhamento de traços- ϕ entre a sonda e o alvo.

² According to Bendor-Samuel (1972, p.150-151), "this clitic means the speaker is not an eyewitness".

³ Observe que /d/ é a representação fonêmica do fone /j/, cuja realização fonética ocorre somente antes de consoante ou em final de palavra, conforme a seguir:

- (i) /na-i-katu-j-de/
- (ii) /na-i-katu-j/

⁴ Veja que a presença desse clítico responde pelo importe [+DECLARATIVO] da sentença.

⁵ Contudo, esta não é a situação no Irlandês moderno. Nesta língua, diferentemente do que acontece com o Tenetehára, a ordem VSO é possível inclusive nas orações subordinadas em que o núcleo do CP vem lexicalmente preenchido pelo complementizador *go* “that”, ordem C-VSO, conforme sugere o dado abaixo, retirado de Carnie (2000, p.42):

- (i) *ceapaim* [*go bhfaca sé an madra.*]
 think.PRES.1S that see.PST he.NOM the dog
 “I think that he saw the dog”.

Nesse exemplo, observa-se que o verbo *bhfaca* “saw” ocorre adjacente ao complementizador *go*, situação que sugere que o verbo não se move para fora do IP em Irlandês moderno, permanecendo no núcleo de TP, conforme McCloskey (2000). Já, em Tenetehára, a impossibilidade da ordem [VSO], na subordinada, constitui uma nova evidência de que o movimento de V não é para T, mas para uma categoria acima.

⁶ No âmbito do programa minimalista, tem-se desenvolvido a idéia de que movimento de itens na sintaxe visível não é uma operação aleatória, mas sim fruto da existência de traços formais ininterpretáveis. De acordo com Pesetsky (2000, p.3):

“uninterpretable features play a key role in the triggering process. Uninterpretable features of a lexical item are properties of the item that make no semantic contribution. Examples include person and number on T (or wh on C). Person and number features (...) make a semantic contribution when they are found on DP(...), but make no semantic contribution on T”.

⁷ Consoante Kayne (1994, p.53), em línguas de núcleo final [COMPL-X⁰], para que ocorra a derivação do sintagma [YX], são necessárias as seguintes etapas:

- (ia) X [_{VP}.....Y ZP]
- ↓
- (ib) X [_{VP} ZP Y t_{ZP}]
- ↓
- (ic) [_{VP} ZP Y t_{ZP}] X t_{VP}.....

A derivação do sintagma [YX] dá-se por meio da interação de dois tipos de movimentos: em primeiro lugar, ocorre elevação de ZP para o

especificador de Y, e, em seguida, o deslocamento da projeção máxima [$_{YP}$ ZP Y t_{ZP}] para especificador de SpecXP. Kayne (1994, p.53) considera que a derivação de [YX] depende:

on both Y and X having the property of forcing their complements to move to their specifier position, and since that kind of property is dominant in the so called head-final languages, the expectation is that agglutinative YX (where Y originates below X) will primarily be found in strongly-final languages

Capítulo 10

A Posição do Sujeito e do Objeto

No capítulo anterior, buscamos motivar o movimento longo do verbo para o núcleo C° em virtude de traços formais ininterpretáveis existentes no sistema CP. Conforme vimos, tais traços parecem conectar-se com o tipo oracional das sentenças, ou seja, se interrogativas sim/não ou se declarativas. Assumimos ainda que os DPs que ocupam as posições sintáticas de sujeito e de objeto situam-se internos ao complexo v-VP, permanecendo, por isso, *in situ*, conforme mostra a estrutura a seguir:

- (1) [CP C° Verbo [TP dekkewehe/dekaipo [TP[T[v-VP St_{verbo} O]]]]

Contudo, neste capítulo, apresentaremos evidências empíricas contrárias à proposta em (1). Mais precisamente argumentaremos que o sujeito e o objeto se movem para fora da concha v-VP¹, para verificar os Casos estruturais nominativo e acusativo/absolutivo. Que o sujeito e o objeto realmente estão em posições acima do ponto na estrutura em que recebem papel temático pode ser notado tomando por base a posição ocupada pelo quantificador *wə* e pelo dêitico *aʔe*, os quais podem vir flutuando ao final da sentença, conforme vemos a seguir:

- (2) *w-erur kudə amo pira aʔe-a wə no*
 3-trazer mulher outro peixe ela-ARG PL DISC
 "Elas, as mulheres trouxeram outro peixe".
- (3) *w-erur he r-imiriko amo maniku por aʔu*
 3-trazer minha POSS-esposa outro paneiro cheio muito
aʔe-a no
 ela-ARG também
 "Ela, minha esposa, trouxe outro paneiro bem cheio também".
- (4) *u-dapo awa (u)paw tɛram aʔe wə*
 3-fazer homem tudo farinha ele PL
 "Eles, os homens, fizeram toda a farinha".
- (5) *awa u-dapo (u)paw tɛram wə*
 homem 3-fazer tudo farinha PL
 "Os homens acabaram de fazer a farinha". / "Os homens fizeram toda farinha".
- (6) *u-dapo awa (u)paw tɛram aʔe wə*
 3-fazer homem tudo farinha ele PL
 "Eles, os homens, fizeram toda a farinha".
- (7) *Fábio e Jô w-esak dawaruhu kaʔa r-upi wə*
 Fábio e Jô 3-ver onça selvagem rio OBLIQ-em PL
 "Fábio e Jô viram a onça selvagem no mato".
- (8) *wɛramiri w-iko ɛwɛra r-ehe wə*
 pássaro 3-estar árvore OBLIQ-em PL
 "Os pássaros estão nas árvores".
- (9) *Fábio e Jô w-iko wə*
 Fábio e Jô 3-estar PL
 Fábio e Jô estão (=vivem/permanecem em um lugar)".
- (10) *w_i-erur Bir_i amo maniku por*
 3-trazer Bir outro paneiro cheio
w_i-inir r-ehe aʔe_i-a wə_i
 CORR-irmã C-OBLIQ ele-ARG PL
 "Bira e/com sua irmã trouxeram outro paneiro cheio".

Vejam que, de (2) a (10), o dêitico *a?e* e o quantificador *wə* têm escopo semântico sobre o sujeito da oração. Por essa razão, a teoria que desenvolveremos é a de que essas partículas formam com o DP sujeito um constituinte maior, embora estejam flutuando em posição final. Dessa maneira, se assumirmos que o sujeito da oração em (2) é constituído pelo sintagma quantificador: $[_{QP} [_{DP} a?e \text{ kudə} [_{Q^{\circ}} wə]]]$, então, o DP *kudə* ocorre separado do dêitico *a?e* e do quantificador *wə*, em virtude de seu movimento para a posição de sujeito da sentença [ou seja, SPEC-TP], local em que recebe Caso nominativo. Por essa razão, o dêitico *a?e* e o quantificador *wə* ficam retidos em uma posição mais baixa na estrutura. Tomando por base esses dados, proporemos uma estrutura sintática em que esses dois itens marcam as posições temáticas a partir das quais o sujeito e objeto se movem. Assim sendo, uma hipótese plausível é a de que a sentença (2) tenha a derivação sintática em (11):

$$(11) \quad [_{C^{\circ}} \text{werur} [_{TP} \text{kudə} [_{T} t_v [_{VP} \text{amo pira} [_{VP} [_{QP} [_{DP} a?ea t_{sub} [_{Q^{\circ}} wə]]] [_v [_{VP} t_v t_{object}]]]]]]]]]$$

Nas próximas duas seções, apresentamos mais evidências a favor dessa análise. Começamos então com a discussão sobre a estrutura dos DPs que ocupam a posição sintática de sujeito.

10.1. Posição do sujeito

Para entendermos a sintaxe dos DPs_{sujeitos}, faz-se necessário delimitarmos a estrutura dos DPs que apresentam o quantificador *wə*. Nesse sentido, admitamos que esse quantificador seja um núcleo Q^o que projeta um sintagma quantificador, doravante denominado QP. Suponhamos que o núcleo Q^o c-seleciona um DP, formando com ele o QP em (12):

$$(12) \quad [_{QP} [Q^{\circ} [_{DP} DP]]].$$

Observem que a ordem verificada em (12), embora seja a ordem em que os constituintes são gerados numa etapa anterior, não é efetivamente observada na sintaxe. A razão pode estar relacionada ao fato de que o quantificador *wə*, quando retirado do léxico e inserido na numeração, carrega um traço ininterpretável de concordância [MAGR]. Esse traço terá de ser verificado antes de Spell-Out, já que,

por hipótese, traços ininterpretáveis são visíveis em PF e devem ser valorados para que a derivação aconteça. Suponhamos, assim, que a eliminação desse traço ocorra quando houver movimento visível do DP para [SPEC, QP], conforme indicamos pela derivação em (13b):

(13a) [_{QP} [_Q wə [_{DP} kudə]]

(13b) [_{QP} kudə [_Q wə [_{DP} ~~kudə~~]]

Se considerarmos que o sujeito da sentença, em (14a), é representado pelo QP [_{QP} kudə wə] e que esse QP é gerado na posição de [SPEC, v-VP], então, poderemos postular que o quantificador wə fica retido na posição temática de sujeito, interna ao v-VP, conforme ilustra a derivação em (14b):

(14a) *w-erur kudə amo pira a?e-a wə no*
 3-trazer mulher outro peixe ela-ARG PL DISC
 “Elas, as mulheres trouxeram outro peixe”.

(14b) [_C° werur [_{TP} kudə [_T t_v [_{VP} amo pira [_{VP} [_{QP} [_{DP} a?ea t_{sub} [_Q wə]]]
 [_v [_{VP} t_v t_{object}]]]]]]²

A retenção do quantificador flutuante em posição mais baixa na estrutura sinaliza assim as pegadas deixadas pelo sujeito kudə durante a derivação sintática. Dessa maneira, o DP kudə passa por, pelo menos, duas posições antes de mover-se para SPEC-TP: pela posição de complemento de Q° e pela posição de [SPEC, QP]. Por conseguinte, essa análise nos fornece uma boa justificativa contra a proposta formulada em (1), já que o sujeito não permanece interno ao v-VP. Que o quantificador wə realmente possui conexão sintática com o sujeito da oração pode ser notado pela possibilidade de ele vir imediatamente adjacente ao DP_{sujeito} com o qual mantém escopo quantificacional. É o que se observa nos exemplos a seguir:

(15a) *awa.wə u-si-u-si³ u-kihaw*
 homem.PL 3-amarrar-3-amarrar CORR-rede
 “Os homens estão amarrando a sua própria rede [várias vezes]”.

(16) *awa.wə u-dapo tihram*
 homem-PL 3-fazer farinha
 “Vários (mais de um) homens fazem farinha”.

- (17a) *awa.wə u-dapo o-ko*
 homem-PL 3-fazer CORR-roça
 "Os homens fazem sua própria roça".

Fato curioso é que o item *wə*, quando em posição final de sentença, tende a ter escopo quantificacional somente sobre o sujeito. Todavia, ele pode ter escopo orientado para o DP objeto, se houver outro quantificador figurando enclítico ao sujeito, conforme os exemplos a seguir.

- (15b) *awa.wə u-si-u-si u-kɨhaw wə*
 homem.PL 3-amarrar-3-amarrar CORR-rede PL
 "Os homens estão amarrando as suas próprias redes [várias vezes]".

- (17d) *awa.wə u-dapo o-ko wə*
 homem.PL 3-fazer CORR-roça PL
 "Os homens fazem suas próprias roças".

É digno de nota ainda o fato de os dois quantificadores não poderem co-ocorrer ao final da sentença, possivelmente por uma restrição do componente fonológico que impede uma sentença de ser pronunciada como em (18):

- (18) * *Fábio e Jô w-esak dawaruhu ʔi pe wə wə*
 Fábio e Jô 3-ver onça selvagem rio em PL PL
 "Fábio e Jô viram as onças selvagens no rio".

A sentença (18) será gramatical se eliminamos um dos quantificadores. Neste contexto, o DP_{sujeito} é que será pluralizado e não o DP_{objeto}, conforme (19):

- (19) *Fábio e Jô w-esak dawaruhu ʔi pe wə*
 Fábio e Jô 3-ver onça selvagem rio em PL
 "Fábio e Jô viram a onça selvagem no rio"

Uma segunda evidência de que o sujeito realmente ocorre fora do v-VP refere-se ao escopo do dêitico *a?e*. Conforme expusemos no capítulo 3, esse dêitico tem a função de chamar atenção do ouvinte, para lembrá-lo e insistir sobre *aquele de quem se fala*, que está distante do falante e do ouvinte, visível ou não, conforme o exemplo em (20):

- (20) *u-dapo aʔe awa tirəm*
 3-fazer ele homem farinha
 "Ele, homem, fez farinha".

Assim, em contextos como o de (21), assumirei a proposta de que o dêitico está interno ao v-VP, assinalando a posição de base em que o sujeito foi gerado, antes de ser elevado para fora do v-VP.

- (21) *u-dapo awa* [_{VP} *tirəm* [_v *aʔe* [_{VP} t_v t_{objeto}]]]
 3-fazer homem farinha ele
 "Ele, o homem, fez farinha".

Além disso, assumiremos que o dêitico *aʔe* é um determinante que c-seleciona o NP *awa* e, por essa razão, projeta o sintagma determinante [_{DP} *aʔe* [_{NP} *awa*]], doravante denominado DP, conforme a configuração em (22):

- (22) [_{DP} [_D *aʔe* [_{NP} *awa*]]

Por essa razão, o dêitico *aʔe*⁴ pode ainda vir junto ao sintagma nominal, conforme ilustra o exemplo em (23), contexto no qual figura entre o verbo *udapo* e o NP *awa*:

- (23) *u-dapo aʔe awa tirəm*
 3-fazer ele homem farinha
 "Ele, homem, fez farinha".

A proposta de que o dêitico *aʔe* ocorre numa posição interna ao v-VP, em (21), é reforçada pelo fato de ele poder receber o sufixo *-a*, que é a marca de que o constituinte é um argumento do predicado, conforme os exemplos a seguir:

- (24) *w-erur he r-imiriko amo maniku*
 3-trazer minha c-esposa outro panelo
por aʔu aʔe-a no
 cheio INTS ele-ARG também

"Ela, minha esposa, trouxe um panelo bastante cheio também".

- (25) *u-dapo awa tirəm aʔe-a*
 3-fazer homem farinha ele-ARG
 "Ele, homem, fez farinha".

De acordo com Rodrigues (1996, p.5):

o caso argumentativo é próprio dos argumentos do predicado, (...), como sujeito e objeto direto (...). Sua função é, pois, a de habilitar um nome ou um verbo como argumento ou actante em oposição aos circunstantes locativos.

Nesse sentido, a ocorrência do sufixo *-a* no dêitico *a?e*, em (24) e (25), nos fornece uma evidência adicional que favorece a análise de que esse dêitico está numa posição argumental, ou seja, [SPEC, vP]. Nota-se, assim, que o comportamento flutuante do dêitico *a?e* e do quantificador *wə* nos serve de evidências empíricas a favor da análise de que o sujeito se move para a posição de SPEC-TP. Na próxima seção, discutimos que o objeto também perfaz movimento para Spec-vP para receber Caso estrutural (=absolutivo/acusativo).

10.2. Posição do objeto

Assim como acontece com o sujeito, o objeto também precede o quantificador *wə* e o dêitico *a?e*. Dessa maneira, se essas partículas marcam a posição de base do sujeito, deveriam estar à esquerda do DP objeto, entretanto, ocorrem à sua direita. Ora, segue-se daí que então o objeto tem de estar numa posição derivada, fora do VP, mais precisamente em Spec-vP, conforme já explicitamos pela configuração em (14b), repetida em (26b)

(26a) *w-erur kudə amo pira a?e-a wə no*
 3-trazer mulher outro peixe ela-ARG PL DISC
 "Elas, as mulheres trouxeram outro peixe".

(26b) [_C^owerur [_{TP} kudə [_T t_v [_{vP} amo pira [_{vP} [_{QP} [_{DP} a?ea t_{sub} [_Q wə]] [_v [_{vP} t_v t_{object}]]]]].

Outra evidência a favor do movimento visível do objeto advém das construções em que o objeto vem manifesto pelo pronome clítico de primeira *he* "eu"; pelo de segunda pessoa, *ne* "tu" ou pelo de primeira de plural inclusivo *dane* "nós". Nesses contextos, o verbo *-aro* "esperar" sistematicamente recebe o prefixo de Caso acusativo/absolutivo (*r-*), para marcar a adjacência do objeto ao verbo transitivo, conforme verificamos nos exemplos a seguir:

- (27) *dawar he r-aro-rəm*
 onça me ABS-esperar.FUT
 "A onça me esperará".
- (28) *dawar ne r-aro-rəm*
 onça te ABS-esperar. FUT
 "A onça te esperará".
- (29) *dawar dane r-aro-rəm*
 onça nós_{inclusivo} ABS-esperar. FUT
 "A onça nos esperará".

Se adotarmos o pressuposto assumido no âmbito da gramática gerativa de que a atribuição de Caso ao objeto pode ser determinada pela relação local que se dá entre o DP e o núcleo de vP, segue-se, então, que a ocorrência do prefixo {r-} pode ser interpretada como sendo o reflexo dessa relação sintática.

Uma terceira evidência surge do fato de que o objeto pode ainda ocupar uma posição mais alta na estrutura, acima do advérbio aspectual perfectivo *kwed*, de PPs locativos e de argumentos dativos, emergindo, nesses contextos, a ordem

[V(S)⁵O [_{XP} kwez [_{XP} IO [_{XP} PP [...vP.....],

conforme se vê nos exemplos a seguir.

- (30) *n-w-esak-waw de-kwehe u-memir*
 NEG1-3_i-ver-NEG2 diz-que-DPASS CORR_i-filho

aʔe pe wə kuri
 lá em PL_i agora

"Eles (os pais dos filhos =os coelhos) não viram seus filhos".

- (31) *u-m-ur temetarer kwed ihe-we aʔe wə kuri*
 3_i-CAUS-*vir* dinheiro IPAST me-DAT ele_i PL_i agora
 "Eles me deram dinheiro".

- (32) *pīhewe w-esak-putar ne-r-emi-*apo-kwer**
 amanhã 3_i-ver-FUT tu-ABS-COMIT-fazer-PASS/ NOML

ne-r-eko-haw pe aʔe nehe
 tu-ABS-viver-NOML em ele_i FUT

"Amanhã ele (alguém conhecido no contexto) verá o que tu fizeste em sua aldeia".

Se nossa proposta de que o dêitico *aʔe* e o quantificador *wə* marcam a posição temática do sujeito estiver mesmo correta, então segue-se que teremos de estipular uma estrutura com múltiplos especificadores para derivar a ordem observada nos exemplos de (30) a (32). Essa análise implicará que, por exemplo, a sentença (32) possui a estrutura sintática em (33):

(33) [_{CP} umur.... [_{IP}..... [_{VP} temetarer [_{VP} kwed [_{VP} ihe-we
[_{VP} aʔe wə ...]kuri]]]]]]]

Contudo, adotar a configuração acima coloca o problema de como capturar as relações lineares e hierárquicas entre os múltiplos especificadores. Uma alternativa seria adotarmos uma proposta que preveja outras projeções funcionais no domínio entre TP e vP para abrigar o objeto, o dativo e os PPs locativos, conforme a seguir:

(34) [_{CP}.....[_{TP}.....[_{XP}.....[_{XP} [_{v-VP}.....]]]]]

Por limitação de espaço, não explorarei em detalhe o estatuto morfossintático das projeções XPs, propostas em (34), nem a razão por que o objeto pode vir acima dessas categorias. Deixarei a discussão dessa questão para uma pesquisa futura.

10.3. Resumo do capítulo

Neste capítulo, desenvolvemos uma análise sobre a posição ocupada pelo sujeito e pelo objeto. A teoria desenvolvida mostrou que esses argumentos não permanecem *in situ*, mas se movem para fora do complexo v-VP. Essa análise se sustenta no comportamento flutuante do dêitico *aʔe* e do quantificador *wə*, os quais servem como importante diagnóstico para delimitação da posição temática dos argumentos nucleares internos a v-VP. Além disso, notamos que o objeto pode realizar movimento longo para receber Caso estrutural em Spec-vP, podendo ainda figurar em posição funcional acima do argumento dativo; de PPs locativos e do marcador perfectivo *kwed*.

NOTAS

¹ Por limitação de espaço e tempo, não explorarei em detalhe as evidências empíricas que justificam a realização morfológica do verbo leve por meio do prefixo causativo {mu- ~ m-} em Tenetehára. Contudo, no decorrer da análise, assumirei que tal estrutura existe, visto que esse prefixo pode causativizar verbos estativos, inacusativos, inergativos e até mesmo transitivos (diretos e indiretos). Para uma análise mais apurada do escopo desse afixo em outra língua Tupi-Guarani, ver o trabalho de Duarte e Garcia (2006) para a língua Ka'apor.

² Essa derivação é semelhante à que ocorre no hebraico. De acordo com Shlonsky (1991:160), o quantificador *kul-* deve concordar com o DP quantificado em número e em gênero. Esta concordância é acionada toda vez que um DP quantificado é elevado para a posição de [SPEC, QP]. É esta exigência morfossintática que impede a ocorrência do quantificador flutuante *kol-*, sem a marca flexional de pessoa e número em (ii).

(i) ha-yeladim yafnu kul-am
 the-children slept all-[3MPL]
 "The children all slept".

(ii) *ha-yeladim yafnu kol
 the-children slept all
 "The children all slept".

Dessa maneira, o quantificador, quando é flutuante no hebraico, deve manifestar concordância com o DP complemento, fato que sugere que o DP, ao ser elevado para [SPEC, TP], passa antes pelo [SPEC, QP], conforme ilustra a derivação em (iii):

(iii) [_{TP} ha-yeladim [_T yafun [_{VP} [_{QP} t_{NP} [_{Q'} kul-am t_{NP}]] [_{V'} t_v]]].

Situação semelhante também ocorre no Francês em que o DP quantificado *les filles*, por precisar receber Caso nominativo, é elevado para a posição de especificador de TP, ocorrendo, assim, separado do quantificador *toutes* em (iv):

(iv) [_{TP} les filles [_T ont [_{VP} [_{QP} toutes t_{sujeito}] gagné le prix]].

³ A reduplicação aqui denota a quantificação do evento. Isso implica que a ação de amarrar repete várias vezes e envolve, portanto, mais de uma rede.

⁴ Note que o dêitico *a?e* difere do quantificador *wə* porque não exige a elevação do NP *awa* para Spec-DP.

⁵ Notem que o Tenetehára é uma língua *pro-drop*, permitindo sujeitos nulos.

Capítulo 11

Propriedades Morfossintáticas dos Auxiliares

Verbos auxiliares aspectuais [-iko, tini, -ereko] e de movimento [-ho, -ur] ocorrem, em geral, após o verbo principal. Uma das principais peculiaridades desses verbos é que, tal como os verbos lexicais¹, vêm marcados com a flexão de concordância nominativa, conforme mostram os dados de (1) a (5):

- (1) *u-ka?a-petek teko ko o-ho kuri*
3-mato-cortar a gente roça 3-ir então
"A gente vai cortar a roça então".
- (2) *u-?ar kwehe dawar ur ?i pe uri*
3-entrar DPASS onça 3-ir água em então
"A onça entrou na água então".
- (3) *a-mai?u t-ini a-pik pə*
1-comer 1-estar 1-sentar COMP
"Estou comendo (algo) sentado".
- (4) *uru-ekar tapi?ir uru-iko*
nós_{exclusivo}-procurar anta nós_{exclusivo}-estar
"(Nós exclusivo) estamos procurando anta".

- (5) *Puruto w-ekar tapiʔir iko*
 Puruto 3-procurar anta estar
 "Puruto está procurando anta".

Levando-se em consideração a posição sintática ocupada pelos auxiliares nessas construções, o objetivo deste capítulo é encontrar uma explicação unificada para as seguintes questões:

- (6)
- (a) como podem o verbo e seus argumentos ocorrer acima do auxiliar na ordem linear, considerando a abordagem anti-simétrica, no âmbito do programa minimalista, que estipula que a estrutura de base é [_{IP} Aux [_{VP} SVO]]?
- (b) em que ponto da derivação sintática, dá-se a verificação dos traços- ϕ de concordância do verbo lexical e do verbo auxiliar nas construções de (1) a (5)?
- (c) como pode o verbo lexical mover-se sobre o auxiliar sem violar a condição de elo mínimo?

Nas próximas seções, procuramos fornecer uma resposta unificada a essas questões. Na seção 11.1., apresentamos os dados que fundamentam a nossa análise. Na seção 11.2., sugerimos uma proposta de derivação das CTAs na língua Tenetehára, tomando por base a análise para as línguas germânicas elaboradas por Svenonius (2000) e Haegeman (2000). Na seção 11.3, discutimos como dar conta do fato de que itens com escopo sobre o sujeito venham após o auxiliar. Por fim, apresentamos as considerações finais.

11.1. Apresentação dos dados

Não só o verbo auxiliar como também o verbo lexical são marcados com a flexão de concordância nominativa. Todavia, o auxiliar *-iko* difere dos auxiliares de movimento *-ur e -ho*, pelo fato de apresentar flexão irregular para a primeira, a segunda e a terceira pessoa do singular, conforme indicam os paradigmas de conjugação verbal a seguir:

(7) FLEXÃO DO AUXILIAR *-iko*²

[cf. BOUDAIN, 1978, p.382]

a-puka	it-eko	estou rindo
ere-puka	ø-iko	estás rindo
u-puka	ø-iko	está rindo
da-puka	da-iko	estamos rindo (nós _{inclusivo})
uru-puka	uru-iko	estamos rindo (nós _{exclusivo})
pe-puka	pe-iko	estais rindo
u-puka	iko wə	estão rindo

(8) FLEXÃO DO AUXILIAR *-ho*

a-ro	a-ha	vou esperar (algo)
ere-aro	re-ho	vais esperar (algo)
w-aro	o-ho	vai esperar (algo)
si-aro	da-ha	vamos esperar (algo) (nós _{inclusivo})
uru-aro	uru-iko	vamos esperar (algo) (nós _{exclusivo})
pe-aro	pe-ho	ides esperar (algo)
w-aro	o-ho wə	vão esperar (algo)

Observa-se, ainda, que nos contextos em que o objeto vem manifesto por meio de clíticos pronominais de primeira e segunda singulares, apenas o verbo transitivo recebe o prefixo relacional (=absolutivo/acusativo). Esta é a situação no exemplo (9), uma vez que o verbo lexical toma o prefixo absolutivo/acusativo {r-} para marcar adjacência do clítico pronominal ao verbo transitivo, ao passo que o verbo auxiliar é marcado apenas com um dos alomorfes do prefixo nominativo {o-}:

- (9) *Tenetehar* *he* *r-aro* *o-ho*
Tenetehára me ABS-ver 3-ir
"O índio Tenetehára veio me esperar".

Outra característica é que, se o auxiliar vier antes do verbo lexical, ordem [Aux-V], a sentença resultante é agramatical, conforme se vê em (10):

- (10) **Puruto* *iko* *tapiŋir* *w-ekar*
Puruto estar anta 3-procurar
"Puruto está procurando anta".

Em (10), nota-se que, além do verbo, também os argumentos nucleares do verbo têm de vir antes do auxiliar. Por isso, não pode acontecer uma situação em que o objeto, exemplo (11a), ou o sujeito, exemplo (11b), figure após o auxiliar.

(11a) **Puruto w-ekar iko tapi?ir*
 Puruto 3-procurar estar anta
 "Puruto está procurando anta".

(11b) **tapi?ir w-ekar iko Puruto*
 anta 3-procurar estar Puruto
 "Puruto está procurando anta".

Para que as sentenças em (11a-b) tornem-se gramaticais, é necessário que o verbo e seus argumentos nucleares precedam o auxiliar *iko*, conforme mostra o exemplo (12).

(12) *Puruto w-ekar tapi?ir iko*
 Puruto 3-procurar anta estar
 "Puruto está procurando anta".

Uma segunda característica é que certos advérbios temporais e o quantificador *wə* ocorrem à direita do auxiliar, e não à sua esquerda, conforme mostram os exemplos a seguir.

(13) *w-ekar t-upaw-əm o-ho rih*
 3-procurar G-lugar da roça-FUT 3-ir primeiramente
 "Primeiramente, a gente vai procurar o futuro lugar da roça".

(14) *ihe a-kitik mani?ok it-eko kuri*
 1 1-ralar mandioca 1-estar então
 "Eu estava ralando mandioca então".

(15) *Fábio e Jô w-esak dawaruhu wə iko. ?i pe wə*
 Fábio e Jô 3-ver onça selvagem PL AUX rio em PL
 "Fábio e Jô viram as onças selvagens no rio".

Os dados apresentados sugerem que os advérbios temporais *kuri*, *rihi* e o quantificador *wə* não figuram entre o objeto e o verbo auxiliar. Podemos captar essa restrição por meio das configurações em (16a-b):

(16a) [SVO [_{AuxP} iko [_{vP} t_s wə[v [_{vP} t_s [_v[[_{vP} t_v t_o] Adv]

(16b) [SVO *Adv_{temporais} /*wə [_{AuxP} iko [_{vP} t_s [_v[[_{vP} t_v t_o]]

A representação (16b) sugere, assim, que as construções transitivas com auxiliares, doravante denominadas CTAs, exibem uma interessante restrição quanto aos elementos que podem figurar entre o DP objeto e o auxiliar. Podemos formular essa relação por meio do seguinte filtro:

(17)

partículas adverbiais, como *rihi*, *kuri* e quantificadores flutuantes orientados para o sujeito, que, portanto, não fazem parte diretamente da seleção temática do verbo lexical, não ocorrem entre o objeto e o auxiliar.

Retomaremos essa restrição na seção 11.2.3. Contudo, faz-se necessário assinalar que PPs locativos de natureza adverbial podem sim vir entre o objeto e o auxiliar, conforme se vê a seguir:

(18a) *awa_i* *u-si-u-si* *u_i-kihaw* *iko* *wirə*
homem 3-amarrar-3-amarrar CORR-rede estar árvore

r-ehe *wə*
OBLIQ-em PL

"Os homens estão amarrando as redes (deles=homens) nas árvores".

(18b) *awa_i* *u-si-u-si* *u_i-kîhaw* *wirə*
homem 3-amarrar-3-amarrar CORR-rede árvore

r-ehe *iko* *wə*
OBLIQ estar PL

"Os homens estão amarrando as redes (deles=homens) nas árvores".

(19a) *awa_i* *u-si-u-si* *u_i-kihaw* *o-ho*
homem 3-amarrar-3-amarrar CORR-rede 3-ir

wira *r-ehe* *wə*
árvore OBLIQ-em PL

"Os homens vão amarrar as redes deles nas árvores".

(19b)	<i>awa_i</i>	<i>u-si-u-si</i>	<i>u_i-kihaw</i>	<i>wira</i>
	homem	3-amarrar-3-amarrar	CORR-rede	árvore
	<i>r-ehe</i>	<i>o-ho</i>	<i>wə</i>	
	OBLIQ-em	3-ir	PL	

"Os homens_i vão amarrar as redes deles_i nas árvores".

Nos dados em (18b) e (19b), não está claro se estamos diante de uma só oração ou de duas orações. Por exemplo, em contextos como (19b), em que o PP locativo ocorre antes do auxiliar [-ho], a tradução da sentença pode equivaler a "os homens amarraram as redes deles na árvore e (em seguida) foram embora". Contudo, a mesma interpretação não fica tão disponível para a sentença (18b), justamente porque o verbo [-iko] parece ocupar uma posição funcional na sentença, codificando, entre outras coisas, uma noção aspecto-temporal. Embora o PP locativo possa vir antes ou depois dos auxiliares, testes de introspecção realizados com os informantes nos permitiram averiguar que o quantificador *wə*, o qual possui escopo semântico orientado para o DP_{sujeito}, só pode figurar após os auxiliares, conforme indica a agramaticalidade dos exemplos a seguir:

(18c)	<i>awa_i</i>	<i>u-si-u-si</i>	<i>u_i-kihaw</i>	<i>wirə</i>
	homem	3-amarrar-3-amarrar	CORR-rede	árvore
	<i>r-ehe</i>	<i>*wə</i>	<i>iko</i>	
	OBLIQ	PL	estar	

"Os homens estão amarrando as redes (deles=homens) nas árvores".

(19c)	<i>awa</i>	<i>u-si-u-si</i>	<i>u-kihaw</i>	<i>wira</i>
	homem	3-amarrar-3-amarrar	CORR-rede	árvore
	<i>r-ehe</i>	<i>*wə</i>	<i>o-ho</i>	
	OBLIQ-em	PL	3-ir	

"Os homens_i vão amarrar as redes deles_i nas árvores".

Tomando por base evidências como essas, ficamos em condições de propor o seguinte filtro:

- (20) os auxiliares devem figurar antes da partícula quantificadora *wə* nas CTAs.

Curiosamente, uma restrição semelhante a (17) e (20) ocorre também em orações encaixadas do Alemão que, via de regra, apresentam a ordem [S(O)V-Aux]. O interessante nessas construções é que nenhum material pode aparecer entre o verbo principal e o auxiliar, conforme ilustra o exemplo a seguir, retirado de Svenonious (2001, p.9).

- (21) *daß ich gearbeitet (*schwer) habe*
 that I worked hard have
 "...that I have worked"

Segundo Svenonious (2001, p.8-9), essa restrição é uma propriedade que caracteriza as orações subordinadas do alemão, as quais apresentam a ordem Verbo-Aux. Segundo o autor, nessas orações, nada pode quebrar a adjacência entre o verbo principal e o auxiliar. Já as orações principais do alemão em que o auxiliar precede o verbo lexical, ordem Aux-Verbo, advérbios podem figurar entre o auxiliar e o verbo principal, sem causar agramaticalidade da oração, como é o caso do seguinte exemplo retirado de Svenonious (2001):

- (22) *Ich habe (schwer) gearbeitet*
 I have hard worked
 "I have worked (hard)"

Com base nessas observações, Svenonious (2001, p.9) propõe a formulação em (23), para explicar o mecanismo sintático que gera estruturas com a ordem Verbo-Auxiliar, como na oração encaixada do alemão em (21):

(23)

A adjacência obrigatória da ordem V-Aux, oposto à ordem Aux-V order, pode ser interpretada como a primeira sendo derivada da segunda (...) Se as duas ordens refletissem simplesmente o fato de o auxiliary poder c-selecionar seu complemento à direita ou à esquerda, a diferença sistemática quanto à adjacência do auxiliar ficaria sem explicação. (cf. Svenonious, 2000, p.9)³

Nessa linha de raciocínio, postulamos que a ordem básica das CTAs é [Aux [SVO]] e que as ordens [SVO [Aux]] e [VSO [Aux]] são alcançadas via movimento à esquerda do verbo e de seus argumentos para verificação de Caso estrutural. Assim sendo, a ordem [VO-Aux]

é alcançada por meio de movimento em bloco de todo o predicado para [SPEC, AUXP]. A implementação do mecanismo sintático que possibilita a derivação dessas estruturas constituirá o escopo de nossa investigação na próxima seção.

11.2. Derivando a ordem [VO-Aux] na língua Tenetehára

Uma maneira de explicarmos a derivação das orações com o predicado à esquerda do auxiliar, ordem [[PRED]-AUX], pode ser obtida se assumirmos que a ordem inicial das CTAs é [AUX-[PRED]]. Nessa linha de investigação, suponhamos que a oração (24) possua, numa etapa anterior, a estrutura de base em (25):

- (24) *Puruto w-ekar tapi?ir iko*
 Puruto 3-procurar anta estar
 "Puruto está procurando anta".

- (25) [_{AuxP} [_{Aux} iko [_{vP} Puruto [_v... [_{vP} wekar [_v tapi?ir]

Para derivar a sentença (24) a partir de (25), apliquemos a seguinte hipótese: o verbo lexical e seu argumento interno se movem um a um para posições funcionais acima de AuxP, tal que obtenhamos a estrutura em (26):

- (26) [_{TP} Puruto [_T wekar [_{vP} tapi?ir [_{v,VP} t_s t_v t_o]] [_{AuxP} [_{Aux} iko [_{vP} t_v t_o]]

Essa derivação, embora dê conta da ordem efetivamente observada na sintaxe, pressupõe movimento do verbo por cima do auxiliar e pressupõe erroneamente que vP seja juntado a Aux^o, e não a VP. Assim sendo, vamos optar em não adotar essa proposta pelas seguintes razões:

- (27) (a) como pode o verbo lexical cruzar o auxiliar sem causar violação à condição de elo mínimo?
 (b) em que momento da derivação sintática os traços-φ presentes nos núcleos T^o e Aux^o são verificados?

A alternativa é, então, admitirmos que a derivação da oração (24), em vez de envolver movimento um a um dos itens internos a vP para posições funcionais à esquerda de AuxP, como em (26), dá-se

por meio do movimento de todo o complexo v-VP para [SPEC, AUXP], possivelmente para satisfazer a traços [μ F] ininterpretáveis do auxiliar. Pode ser que esses traços [μ F] do auxiliar tenham conexão direta com o EPP e com o traço- ϕ [PESSOA] que Aux^o carrega. Por isso, após a operação que junta AuxP ao vP, em (28a), todo o vP é deslocado para [SPEC, AUXP], resultando na derivação em (28b):

(28a) [_{AuxP} [_{Aux} iko [_{vP} Puruto [_{vP} wekar tapi?ir]

(28b) [_{AuxP} [_{vP} Puruto [_{vP} wekar tapi?ir] [_{Aux} iko [_{t_{VP}}]]

Com a derivação em (28b), podemos evitar violação à condição de elo mínimo, já que o movimento não é de núcleo a núcleo, mas da projeção máxima v-VP para SPEC-AUXP, de sorte que o núcleo interveniente Aux^o não conta para efeitos de minimalidade. Por sua vez, a derivação em (28b), embora não fira a condição de elo mínimo, não disponibiliza um mecanismo eficiente para verificação dos traços de Caso dos DPs sujeito e objeto e o traço- ϕ [PESSOA] que os núcleos T^o e Aux^o carregam. Uma alternativa é, então, adotarmos a hipótese de movimento duplo, conforme Haegeman (2000, p.83-85) e Svenonious (2000, p.6-7) propõem para as línguas germânicas. Consoante a proposta desses autores, para que haja a derivação da ordem V-Aux, pode ocorrer a interação de dois movimentos, a saber: o movimento um a um de constituintes e o movimento em bloco de projeção máxima. Os dois movimentos são efetuados em momentos diferentes durante a derivação sintática. Por isso, antes de aplicarmos essa teoria aos dados do Tenetehára, mostramos, nas próximas subseções, a teoria desenvolvida por Svenonious (2000) e Haegeman (2000).

11.2.1. Proposta de Svenonious (2000)

Svenonious (2000) argumenta a favor de haver uma complementaridade entre o movimento núcleo a núcleo do verbo e o movimento residual⁴ de VP para derivar a ordem [O PP Aux V], ocorrentes nas orações encaixadas do Holandês, como se vê em (29):

(29) *dat Jan het boek op de tafel wil leggen*
that John the book on the table will put
 "that John will put the book on the table".

Svenonious (2000, p.7) assume que a oração em (29) começa como em (30a), e que, após elevação do sujeito para Spec-AgrSP, chega-se à derivação em (30b). Em seguida, o verbo lexical *leggen* sobe para núcleo de IP, que é uma categoria funcional intermediária entre o AuxP e VP, resultando na estrutura em (30c). Na etapa final da derivação sintática, ocorre movimento residual do VP para a posição de especificador de AuxP, resultando na estrutura em (30d), a qual equivale à ordem superficial da sentença em (29):

(30a) $dat [_{AuxP} \text{ wil } [_{IP} [_{VP} \text{ Jan leggen het boek op de tafel }]]]$

(30b) $dat [_{AgrSP} \text{ Jan } [_{AgrS} [_{AuxP} \text{ wil } [_{IP} [_{VP} \text{ leggen het boek op de tafel }]]]]]$

(30c) $dat [_{AgrSP} \text{ Jan } [_{AgrS} [_{AuxP} \text{ wil } [_{IP} \text{ leggen } [_{VP} t_v \text{ het boek op de tafel }]]]]]$

(30d) $dat [_{AgrSP} \text{ Jan } [_{AgrS} [_{AuxP} [_{VP} t_v \text{ het boek op de tafel }]] [_{Aux} \text{ wil } [_{IP} \text{ leggen } t_{VP}]]]]$

Svenonious (2000) argumenta contra a proposta de Zwart (1993) de derivar a oração acima apenas por meio de movimento um a um dos constituintes, conforme a representação em (31), em que o objeto é elevado para [SPEC, AGROP] e o PP, para [SPEC, PRED], permanecendo os verbos lexical e auxiliar numa posição mais baixa na estrutura sintática:

(31) $dat [_{AgrSP} \text{ Jan}_1 [_{AgrOP} \text{ het boek}_2 [_{PredP} \text{ op de tafel}_3 [_{VP} \text{ wil } t_1 \text{ leggen } t_2 t_3]]]]]$
 that John the book on the table will put
 'that John will put the book on the table.'

Segundo Svenonious (2000), a derivação em (30a-d) traz mais vantagens, pois reforça a hipótese de que as orações encaixadas das línguas germânicas ocidentais, embora sejam predominantemente OV, são derivadas a partir da ordem de base VO. Por isso, Svenonious (2000, p.10) reafirma que:

Esta análise requer que o verbo se mova para núcleo funcional mais alto, situação que é consistente com a abordagem de que os verbos, em línguas como o Alemão, se movem visivelmente para uma posição funcional mais acima. Isso faz com que as línguas OV não difiram das línguas VO em termos derivacionais⁵.

11.2.2. Proposta de Haegeman (2000)

Haegeman (2000) também formula a hipótese do movimento duplo para derivar a ordem OV ocorrente nas orações encaixadas do West Flemish, doravante WF. Acompanhando proposta de Zanuttini (1997a, 1997b) em relação à distribuição dos advérbios de negação e aspectuais, Haegeman (2000, p.82-83) propõe que as categorias funcionais das orações encaixadas do WF exibem a seguinte hierarquia de categorias funcionais:

(32)	TP1	NegP1	FP	TP2	NegP2	AspP	AspP
		polarity			adverbial		
		en	a		niet	nie meer	atent
		não	já		não	nunca	sempre

No entanto, ao tentar derivar as orações encaixadas do WF, utilizando a hierarquia em (32), Haegeman (2000) observa que apenas o movimento do verbo para T1, passando por Neg1, não produz uma estrutura convergente. Esta é a situação da oração (33) em que, embora ocorra a ordem hierárquica das categorias funcionais previstas em (32), não se obtém a derivação correta:

- (33) **da Valère en-komt a nie meer atent nor us*
 that valère NEG-come already no more always to house
 "that Valère already doesn't always come home any more".

Por isso, além do movimento do verbo *komt* para Neg1 e T1, Haegeman (2000) propõe movimento residual da projeção máxima NegP2 para [SPEC, TP1], de modo a alcançar a ordem dos constituintes da oração em (34) abaixo:

- (34) *da Valère a nie meer atent nor us en-komt*
 that valère already no more always to house NEG-come
 "that Valère already doesn't always come home any more".

Para derivar (34), Haegeman admite as seguintes etapas na derivação sintática. Em primeiro lugar, o DP sujeito *Valère* move-se para [SPEC, AGRSP], resultando na derivação em (35a). Em seguida, o verbo *en-komt* sobe para TP1, passando antes por Neg1, local em que verifica o traço Neg^o e o tempo do verbo, conforme (35b). Note que até aqui utilizamos apenas movimento um a um de constituintes.

Na etapa final da derivação, em (35c), ocorre, então, movimento residual de NegP2 para [SPEC, TP1], resultando na sentença gramatical em (34) acima:

- (35a) [_{CP} da [_{AgrSP} Valère [_{TP1} [_{NegP1} en [_{NegP2} a nie meer atent [_{VP} t_s komt nor us]]]]]
- (35b) [_{CP} da [_{AgrSP} Valère [_{TP1} en-komt [_{NegP1} t_{en-v} [_{NegP2} a nie meer atent [_{VP} t_s t_v nor us]]]]]
- (35c) [_{CP} da [_{AgrSP} Valère [_{TP1} [_{NegP2} a nie meer atent [_{VP} t_s t_v nor us] [_{TP1} en-komt [_{NegP1} t_{en-v} [t_{NegP2}]]]]]]]]

Portanto, a derivação sintática das orações encaixadas do Holandês e do West Flemish envolve o movimento um a um de constituintes e a elevação (residual) de projeções máximas para a posição de especificador de projeções funcionais. Haegeman (2000, p.84) resume essa análise nos seguintes termos:

A ordem OV das línguas germânicas ocidentais não é alcançada por meio de movimento um a um, à esquerda, engatilhado por traços formais de categorias funcionais individuais. Ao contrário, a ordem OV é derivada por meio do movimento V-to-I, acompanhada de movimento residual (cf. MÜLLER, 1996) do VP para Spec-TP1.⁶

Segundo Haegeman (2000, p.85), uma possível razão que engatilha o movimento da projeção máxima NegP2 para [SPEC, TP1] pode estar correlacionada a um traço aspectual forte que NegP2 carrega e que tem de ser verificado na relação [SPEC, NÚCLEO] com TP1. Assim, a variação paramétrica na aplicação ou não desse movimento é determinada pela natureza forte ou fraca desse traço na projeção máxima, alvo do deslocamento.

11.2.3. Movimento do predicado para Spec-AuxP em Tenetehára

Nesta subseção, vamos também assumir a hipótese do movimento duplo para derivar as orações com auxiliares da língua Tenetehára. Contudo, não lançaremos mão das projeções AgrPs por razões que estão além do escopo de nossa análise. Para tanto, retomemos a oração (24), repetida a seguir como (36):

- (36) *Puruto w-ekar tapi?ir iko*
 Puruto 3-procurar anta estar
 "Puruto está procurando anta".

Uma maneira de derivar a sentença acima é admitirmos que as projeções TP e vP, em vez de ocorrer acima de AuxP, são linearizadas entre o AuxP e o complexo v-VP, de maneira que a oração (36) possui a seguinte hierarquia de projeções funcionais:

- (37) [_{AuxP} [_{TP} [_{vP} ..DP_{sujeito} ... [_v [_{VP} ... V DP_{objeto}]

Suponhamos, ainda, que a derivação ocorra em três etapas. Em primeiro lugar, o verbo lexical se eleva para núcleo de v°, acompanhado do movimento do objeto para Spec-vP, para que o Caso estrutural do objeto (=acusativo/absolutvo) seja valorado numa relação estritamente local, resultando na derivação em (38a). Em seguida, o verbo se eleva uma vez mais para o núcleo de TP, de maneira que o traço-φ de concordância de T° e o traço de Caso nominativo do DP sujeito sejam valorados e apagados, produzindo a derivação em (38b):

- (38a) [_{AuxP} iko [_{TP} [_{vP} tapi?ir [_v Puruto [_v wekar [_{VP} t_v t_o]

- (38b) [_{AuxP} iko [_{TP} Puruto [_T wekar [_{vP} tapi?ir [_v t_s [_v t_v [_{VP} t_v t_o]

Assumamos ainda que, numa etapa seguinte, seja necessário efetuar o movimento de toda a projeção máxima TP (junto às projeções c-comandadas por T°) para [SPEC, AuxP], o que nos permite então alcançar a configuração em (38c), a qual corresponde à oração em (36):

- (38c) [_{AuxP} [_{TP} Puruto [_T wekar [_{vP} tapi?ir [_v t_s [_v t_v [_{VP} t_v t_o]] [iko [t_{TP}]]]

Vemos que a proposta em (38a-c) permite fornecer uma explicação unificada para as questões levantadas em (27a-b). Com o movimento de TP para [SPEC, AuxP], não precisamos mais de preocupar-nos com violação ao MLC, uma vez que o auxiliar não conta como núcleo interveniente. Outra vantagem é que (38c) estipula que as projeções TP>vP>VP são linearizadas abaixo do auxiliar, de modo a permitir a verificação do traço de Caso estrutural do sujeito e do objeto e do traço-φ de T°. Uma terceira vantagem é que a

derivação apresentada permanece em consonância com a proposta de anti-simetria proposta por Kayne (1994), uma vez que o auxiliar é linearizado acima da predicação principal. Finalmente, falta ainda fornecer uma resposta unificada para a indagação em (27b) repetida abaixo como (39):

- (39) em que momento da derivação sintática os traços- ϕ [PESSOA] presentes no núcleo Aux^o são verificados?

Para responder a (39), suponhamos que o mecanismo que verifica os traços- ϕ do auxiliar tenha conexão direta com o traço [F_{forte}] ininterpretável presente em AuxP. Por isso, suponhamos que a elevação de TP para [SPEC, AUXP] seja o reflexo de que este traço é realmente forte/ininterpretável nas CTAs em Tenetehára e precisa ser verificado antes de Spell-Out. Nesse sentido, uma possibilidade é a de que o traço [F_{forte}] corresponda ao que Massam (2000, p.111) denomina de traço [PRED]. Na língua Niuean, analisada por Massam (2000), esse traço é verificado quando se dá a elevação do predicado (verbal ou nominal) para [SPEC, IP]. Massam propõe o seguinte:

- (40) O núcleo do IP na língua Niuean não é dotado de um traço [D]; por essa razão, o seu especificador não é preenchido por um DP, mas, ao contrário, esta posição vem preenchida por um predicado para checar o traço [PRED] do núcleo I. (...) [D] e [PRED] estão, portanto, em distribuição complementar, e pode ser visto como duas instanciações da maneira como o traço EPP pode ser verificado. (cf. MASSAM, 2000, p.111)⁷

Acompanhando essa proposta, admitamos então que a elevação de TP para [SPEC, AUXP], em (38c), ocorre para satisfazer ao traço [PRED] presente em Aux^o nas CTAs do Tenetehára. Nesse sentido, o traço [$\#$ PRED] do auxiliar, por ser ininterpretável, selecionaria o traço [i PRED] interpretável do verbo lexical, o qual se encontra no domínio de TP>vP>VP, o que explicaria a razão pela qual essas categorias são elevadas para SPEC-AuxP em (38c). Se essa proposta estiver correta, fica então mais fácil determinar qual a conexão que o traço [PRED] tem na verificação dos traços- ϕ do auxiliar. Nessa perspectiva, postulamos que o traço [$\#$ PRED] contribui na verificação dos traços- ϕ do auxiliar, quando, ao engatilhar o movimento do predicado (=TP>vP>VP) para [SPEC, AUXP], torna o DP_{sujeito} acessível para que a

operação de concordância entre o sujeito e o verbo auxiliar ocorra. No âmbito da teoria da verificação, o traço- ϕ dos DPs pode participar em operações de verificação mais de uma vez, visto que são interpretáveis, portanto não são apagados durante a derivação. Segundo Chomsky (1995, p.280), traços ininterpretáveis não podem ser deletados, mesmo se forem checados. A rasura acontece somente para traços formais ininterpretáveis⁸. Portanto, ao contrário dos traços [ininterpretáveis], os traços [interpretáveis] do DP (=traços categoriais e traços- ϕ) ficam disponíveis mesmo se esse DP já tiver participado na operação de verificação do Caso nominativo, como parece ser a situação dos sujeitos *teko* "a gente", em (41), e *ure* "nós_{exclusivo}", em (42).

(41) *u-ka?a-petek teko ko o-ho kuri*
 3-mato-cortar a gente roça 3-ir então
 "A gente vai cortar a roça então."

(42) *ure uru-ekar tapi?ir uru-iko*
 nós_{exclusivo} nós_{exclusivo}-procurar anta nós_{exclusivo}-estar
 "(Nós exclusivo) estamos procurando anta".

Em suma, nas CTAs, o DP sujeito verifica os traços- ϕ do verbo lexical, quando se move para [SPEC, TP], conforme (43a), e os traços- ϕ do auxiliar, quando fica no domínio de [SPEC, AUXP], após a elevação do complexo [TP>vP>VP], conforme indica a derivação em (43b):

(43a) [_{AuxP} *uru-iko* [_{TP} *ure* [_T *uru-ekar* [_{vP} *tapi?ir* [_v t_{sujeito} [_v t_{verbo}]
 [_{VP} ..t_{objeto}...]]]]]]

(43b) [_{AuxP} [_{TP} *ure* [_T *uru-ekar* [_{vP} *tapi?ir* [_v t_{sujeito} [_v t_{verbo}]
 [_{VP} ..t_{objeto}...]]]]] [_{Aux} *uru-iko* [_{TP}]]

Portanto, com a proposta de derivação em (43a-b), viabilizamos um mecanismo de verificação dos traços de concordância do verbo lexical e do verbo auxiliar sem que tenhamos de recorrer à Forma Lógica ou à proposta de dois AgrSP, um dominando o verbo principal e o outro c-comandando o auxiliar, conforme estipulam Damaso Vieira, *et al.* (1998).

11.3. Como explicar a ocorrência do quantificador *wə* após Aux°?

No entanto, resta ainda fornecer uma explicação para o fato de haver a possibilidade de ocorrência de elementos após o auxiliar aspectual, como o quantificador *wə* e PPs locativos, conforme afirmamos na seção 11.1. Os dados repetidos a seguir são ilustrativos dessa possibilidade:

- (44) *Fábio e Jô w-esak zawaruhu wə iko ?ɛ pe wə*
 Fábio e Jô 3-ver onça selvagem PL AUX rio em PL
 "Fábio e Jô estão vendo as onças selvagens no rio".

- (45) *awa_i u-si-u-si u_i-kihaw iko*
 homem 3-amarrar-3-amarrar CORR-rede estar
wirə r-ehe wə
 árvore OBLIQ-em PL
 "Os homens estão amarrando as redes (deles=homens) nas árvores".

- (46) *awa_i u-si-u-si u_i-kihaw o-ho*
 homem 3-amarrar-3-amarrar CORR-rede 3-ir
wira r-ehe wə
 árvore OBLIQ- em PL
 "Os homens vão amarrar as redes deles nas árvores".

Vejam que a ocorrência dos itens grifados após o auxiliar nos coloca diante do seguinte problema: como é possível que o quantificador *wə* possa vir à direita do auxiliar, uma vez que nossa hipótese é a de que esse item marca a posição temática de base do sujeito? Uma maneira de resolver este problema é postularmos que possivelmente parte do v-VP não é carregado junto com o TP para [SPEC, AUXP]. Contudo, essa derivação não seria possível, uma vez que elementos que sejam c-comandados pelo núcleo T° não podem ser deixados para trás, já que deveriam ser elevados juntos com o complexo TP>vP>VP. Para contornar esse problema, assumiremos, provisoriamente, a hipótese de que, nos contextos em que há quantificadores e PPs locativos após o auxiliar, teríamos outro predicado cujos auxiliares -*iko* e -*ho* são os núcleos. No entanto, por razão de limitação de espaço, deixaremos para explorar essa proposta numa análise futura.

11.4. Resumo do capítulo

A análise pôde fornecer uma explicação para as razões pelas quais os auxiliares sistematicamente ocorrem à direita de TP. Assumimos que a derivação das construções transitivas com auxiliares é alcançada por meio da interação de dois tipos de movimento: o movimento do verbo e seus argumentos para posições funcionais, no âmbito do complexo TP-v-VP, combinado com a extraposição do TP para SPEC de AUXP. Tomando por base a proposta de Massam (2000), para o Niuean, aventamos a hipótese de os auxiliares, no Tenetehára, entrarem na derivação sintática com um traço [F_{forte}] de natureza [+PRED, -N], o qual é satisfeito por meio do movimento em bloco do TP para SPEC-AuxP. Nessa linha de raciocínio, as exigências morfossintáticas impostas por esse traço explicam a razão pela qual o auxiliar é linearizado após o verbo e seus argumentos, e não antes, resultando na ordem $[[_{PRED} SVO/VSO] Aux]$.

Portanto, vemos que o Tenetehára é uma língua que permite satisfação a EPP por meio de duas maneiras: por meio de um XP com traço [+D], e por meio de um XP com o traço [+PRED], quando TP se move para SPEC-AuxP. Por isso, uma hipótese que aventaremos aqui é que a principal diferença entre o verbo lexical e o verbo auxiliar, em Tenetehára, reside justamente na maneira como os dois manifestam os traços- ϕ . Acompanhando uma interessante intuição de Alexiadou e Anagnostopoulou (1998)⁹, diremos que os morfemas de concordância dos verbos lexicais possuem propriedades morfossintáticas capazes de verificar o EPP e os traços- ϕ de T^o , situação que, possivelmente, explica a razão pela qual somente verbos lexicais permitem sujeito nulo oposto ao que acontece com os auxiliares, os quais exigem que TP se mova para seu SPEC. Nessa linha de investigação, os traços- ϕ nos auxiliares teriam estatuto distinto, já que seriam inseridos desde a numeração, não como itens independentes, mas sim como afixos que fazem parte da flexão verbal, assim como acontece com línguas de sujeito obrigatório, como o Francês e o Inglês.

NOTAS

- ¹ Faremos uso do termo *verbo lexical* para referirmo-nos aos verbos principais da oração que, diferentemente dos auxiliares, podem codificar informações sobre a natureza semântico-lexical do predicado.
- ² De acordo com Boudain (1978), o auxiliar iko “origina-se da pré-raiz ko, que implica uma noção de vivência”.
- ³ The obligatory adjacency of V-Aux order, as opposed to Aux-V order, can be seen as a function of the one being derived from the other. (...) If the two orders were simply a matter of the auxiliary taking its complement to the left or to the right, this systematic difference would be unexpected.
- ⁴ Ou seja, deslocamento do que resta da projeção que teve algum elemento movido para posições funcionais.
- ⁵ “Such an analysis requires the verb to move to a higher functional head, it is consistent with the assumption that verbs in languages like German move overtly to a relatively high position, bringing the OV languages into line with facts about VO languages.”
- ⁶ The West Germanic OV order is not achieved by one-by-one features driven leftward movement of the individual constituents. Rather, the OV order is derived by (i) V-to-I-movement, and by (ii) remnant movement (cf. MÜLLER, 1996) of an extended projection of V to Spec-TP1.
- ⁷ The Niuean head of IP has no [D] feature; thus, the specifier need not be filled by an element checking [D], but instead can be filled by the predicate checking the [PRED] feature. (...) [D] and [PRED] are thus in complementary distribution and can be seen as two reflections of a single EPP predication feature. (cf. MASSAM, 2000, p.111)
- ⁸ Conforme Chomsky (1995, p.280), “interpretable features cannot delete even if checked. The question of erasure, then, arises only for an -Interpretable feature F (...)”
- ⁹ Conforme Alexiadou e Anagnostopoulou (1998, p.516):
verbal agreement morphology in these languages includes a nominal element [+D, +interpretable ϕ -features, potentially +Case]; (...) this means that verbal agreement affixes in, for instance, the Greek paradigm (...) have exactly the same status as the pronouns in the English paradigm (...) Assuming that verbal agreement has the categorial status of a pronoun in pro-drop languages, V-raising checks the EPP-feature the same way XP-raising does in non-pro-drop languages.

Capítulo 12

Considerações sobre a Periferia Esquerda da Oração

Neste capítulo, ocupamo-nos do estudo das propriedades morfossintáticas das categorias funcionais que figuram na periferia esquerda das orações principais. Para tanto, investigamos as construções sintáticas que exibem foco (contrastivo) de objeto, o deslocamento de sintagmas XPs circunstanciais para posições A-barras e o estatuto morfossintático dos núcleos Foc^0 e Top^0 . Utilizaremos, no decorrer da análise, a hipótese do CP cindido segundo a qual há dois subsistemas no sistema CP, a saber: o subsistema $ForceP/FinP^1$ e o subsistema $TopP/FocP^2$, conforme elaborado em Rizzi (1997), Benincà (2001) e Mioto (2001). Começamos então com as construções de foco de objeto.

12.1 Construções de foco de objeto

Na língua Tenetehára, é bastante comum a ocorrência do prefixo (relacional) de Caso absolutivo {i~ h-} em construções que envolvem deslocamento de objeto para posição de foco. Nesses contextos, verifica-se que a ordem é alterada para OSV, conforme notamos pelo contraste entre os exemplos (a) e (b) a seguir:

- (1a) *u-muaʔaŋ teko iwira inimo pihun pupe kuri.*
 3-marcar a gente madeira fio preto com então
 "A gente marca a madeira com fio preto então".
- (1b) *upaw iwira_i teko i_i-muaʔaŋ-ø kuri*
 toda madeira a gente ABS-marcar-DESLOC então
 "TODA A MADEIRA, a gente marca então".
- (2a) *w-esak Fábio Márcia*
 3-ver Fábio Márcia
 "Fábio viu a Márcia".
- (2b) *upaw Márcia_i Fábio h_i-esak-ø*
 toda Márcia Fabio ABS-ver
 "TODA A MÁRCIA, Fábio viu". [lit: viu-a por inteiro,
 integralmente, e não parcialmente]
- (3a) *u-ʔu teko pira*
 3-comer a gente peixe
 "A gente come peixe".
- (3b) *upaw pira_i teko i_i-ʔu-n*
 todo peixe a gente ABS-comer-DESLOC
 "TODO O PEIXE, a gente come".

Observem que a principal diferença entre as sentenças (a) e (b) é que, nestas últimas, o DP objeto, por estar focalizado, desloca-se para uma posição na periferia esquerda da oração, possivelmente para atender às exigências do critério A-barra. Além disso, o verbo tem sua morfologia flexional alterada, ocorrendo nesses casos o prefixo {i- ~ h-} e o sufixo {-n(i)}. Notem ainda que, nas sentenças (1b), (2b) e (3b), o DP objeto figura precedido pelo quantificador *upaw*³ "todo(s), toda(s)", o qual indica que a ação de marcar a madeira foi realizada integralmente, e não parcialmente. Assim sendo, a ocorrência do quantificador *upaw* em construções de foco de objeto, doravante CFOs, sugere que a ação/evento é focalizada em sua totalidade, por isso, sua presença desempenha papel crucial para determinação da interpretação de foco contrastivo. Uma evidência adicional a favor dessa análise surge do fato de que o prefixo {i-} também ocorre em CFOs de outra língua do tronco Tupi, a língua Mekén. Galúcio (2002, p.274) mostra que, nessa língua, quando o objeto é focalizado, o verbo toma o prefixo {i-}, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

(4a) *āsi gwaē ō-a o-arop-na*
 mãe panela dar-VT 1-coisa-VBRLZ
 “Minha mãe deu a panela para mim (para ser a minha coisa)”.

(4b) *gwaē_i te āsi i_i-ōp o-arop-na*
 panela FOC mãe OBJ-dar 1-coisa-VBRLZ
 “Foi PANELA que minha mãe me deu (para ser a minha coisa)”.

Veja que, no exemplo (4a), os constituintes principais da sentença ocorrem na ordem não marcada SOV, por essa razão o verbo não exibe o prefixo absolutivo {i-}. Por sua vez, em (4b), como ocorre focalização do objeto, o verbo tem de receber esse prefixo, e a ordem SOV é alterada para OSV, situação muito similar da que acontece nos exemplos (1b), (2b) e (3b) do Tenetehára. Semelhantemente, na língua Tupinambá, o prefixo {i-} aparece no verbo transitivo, quando o DP objeto não está imediatamente adjacente ao verbo transitivo, mas deslocado para uma posição A-barra, conforme se vê pelos dados a seguir, retirados de Rodrigues (1953, p.133):

(5a) *kwese_i pajé mbae-asy-bor-a_i ø_i-suban-i_i*
 ontem pajé o enfermo ABS-chupar-DESLOC
 “Ontem, o pajé chupou o enfermo”.

(5b) *kwese_i mbae-asy-bor-a_i pajé i_i-xuban-i_i*
 ontem o enfermo pajé ABS-chupar-DESLOC
 “Ontem, o ENFERMO, o pajé chupou”.

Em (5b), como o DP *mbae-asy-bor-a* “o doente” não vem adjacente ao verbo, mas deslocado para antes do sujeito, o verbo toma o prefixo {i-} e a ordem [Adv [SOV]] é alterada para [Adv [OSV]]. Diferentemente, em (5a), o verbo recebe o prefixo absolutivo {ø-}, uma vez que o DP objeto está na posição de especificador de vP. Com base nessas observações, uma maneira de captarmos o padrão flexional que os verbos tomam nas CFOs é admitirmos que o prefixo {i- ~ h-} denota o movimento do objeto para posição estrutural de foco, mais especificamente para SPEC-FOCP, e que o aparecimento do sufixo {-n(i) ~ -ø} reflete (i) o deslocamento de constituintes adverbiais circunstanciais para a periferia esquerda da oração e (ii) a mudança na ordem básica dos argumentos nucleares das orações, as quais passam de VSO, em Tenetehára, e SOV, em Tupinambá e Mekén, para OSV nas três línguas.

Averiguamos na próxima seção as construções do modo indicativo II que exibem padrão flexional muito semelhante ao das CFOs acima, visto que possuem XPs^{circunstanciais/adverbiais} deslocados para a periferia esquerda e acionam os prefixos {ø- ~ r-} e {i- ~ h-}, perfazendo, assim, um sistema de marcação de Caso (ergativo)-absolutivo.

12.2. Indicativo II

Em orações independentes, sintagmas XPs de natureza circunstancial ou locativa, que em geral vêm deslocados para o início da oração, precedendo todos os demais constituintes da sentença, podem engatilhar mudança no padrão flexional do verbo. Consoante Rodrigues (2001, p:88), o verbo dessas orações costuma ser marcado “por um sufixo modal específico, o qual tem sido tratado como marca de um modo indicativo II (...) ou modo circunstancial (...)”. Nessas construções, o verbo toma o prefixo {ø- ~ r-} ou {i- ~ s-}, dependendo se o objeto direto ou o sujeito de verbos inacusativos estão adjacentes ou não ao verbo, conforme exemplos abaixo:

MODO INDICATIVO II

- (6) *oje*'_i *apyaf-a* *tapi'ir-a*_i *r_i-epják-i*_j
hoje homem-ARG anta-ARG ABS-VER-DESLOC
“Hoje um homem viu uma anta”.
- (7) *kwesé*_j *Pedro*_i *ø_i-só-w*_j
ontem Pedro ABS-ir- DESLOC
“Ontem Pedro foi”.
- (8a) [*kwesé* *ka'a-ø* *r-upi* *ø_i-wata-βo*]_j *Pedro*_i
ontem mato-ARG OBLIQ-por ele-andar-GER Pedro
*r_i-opár-i*_j
ABS-perder-se-DESLOC
“Ontem, andando pelo mato, Pedro se perdeu”.

- (8b) [kwesé ka'a-∅ r-upi Pedro_i o_i-wata-β_o],
 ontem mato-ARG OBLIQ-por Pedro_i ele_i-andar-GER
 s_i-opár-i,
 ABS-perder-se-DESLOC
 "Ontem, Pedro andando pelo mato, (ele) se perdeu".

MODO INDICATIVO I

- (9a) apyáβ-a_i oje'i tapi'ir-a_i o_i-s_i-epják
 homem-ARG hoje anta-ARG ele- ABS-ver
 "Um homem viu hoje uma anta".

MODO INDICATIVO II

- (9b) oje'i_i apyáβ-a tapi'ir-a_i r_i-epják-i_i
 hoje homem-ARG anta-ARG; ABS_i-ver-DESLOC
 "Um homem viu hoje uma anta".

Tomando por base a flexão verbal acionada no INDICATIVO II, a teoria que proporemos é que os sufixos {-i- ~ -w} e {-n(i)- ~ -∅}, ocorrentes em Tupinambá e em Tenetehára, respectivamente, sinalizam o deslocamento de XPs^{circunstanciais e focalizados}, para a periferia esquerda da oração. Nesse sentido, em (6) e (9b), esse XP é o advérbio *oje?i* "hoje"; em (7), é o advérbio temporal *kwesé*; e, em (8a) e (8b), esse XP é toda a oração circunstancial que vem anteposta ao predicado. Já o prefixo de Caso absolutivo {∅- ~ r-} assinala que o complemento está na posição de SPEC de vP. O prefixo {s-}, em (8b), denota que o sujeito ocupa uma posição não-adjacente em relação ao verbo *-opári* "perder-se".

Por sua vez, a língua Tenetehára também apresenta padrão flexional muito semelhante ao do Tupinambá no INDICATIVO II, já que os prefixos absolutivos são acionados e há ocorrência do sufixo {-n(i)}, o qual indica deslocamento de constituintes para a periferia esquerda, resultando em mudança na ordem básica da oração. Harrison (1986, p.417) trata o INDICATIVO II como sendo resultado de topicalização de elementos oblíquos e de natureza circunstancial/locativa para o início da oração⁴. Os dados abaixo mostram a realização do INDICATIVO II em Tenetehára. Observem, em particular, o contraste entre os exemplos (10a) e (10b), por um lado, e (11a) e (11b), por outro. Nos exemplos (a), observa-se que os constituintes

estão na ordem canônica e o sistema de codificação dos argumentos é o nominativo. Já nos exemplos (b), o sistema de codificação é o (ergativo)-absolutivo e a ordem dos constituintes é alterada, ordem [CP PP [TP pro V]] em função do deslocamento do PP *a?e pe* "lá" para o início da oração.

(10a) *pro_i w_i-iko a?e pe*
 3-estar lá em
 "(Ele) está lá".

(10b) *a?e pe_j pro_i h_i-eko-n_j*
 lá em ABS-estar-DESLOC
 "Lá, ele está."

(11a) *pro_i o_i-ho a?e pe*
 3-ir lá em
 "(Ele) foi lá."

(11b) *a?e pe_j pro_i i_i-ho-ni_j*
 lá em ABS-ir-DESLOC
 "Lá (ele) foi".

Nos exemplos acima, o prefixo {i- ~ h-} faz referência aos sujeitos nulos dos verbos inacusativos. Comparando os dois conjuntos de dados, verifica-se que o sufixo {-n(i) ~ -ø} do Tenetehára e o sufixo {-i ~ -w} do Tupinambá refletem o fato de ter havido o deslocamento de constituintes XPs circunstanciais para o domínio CP. Por essa razão, as propriedades denotacionais desses afixos nas duas línguas permitem-nos motivar duas categorias funcionais no domínio CP, a saber: uma de natureza tópica/circunstancial, a que chamaremos TopP, local para onde os XPs de natureza locativa e temporal se movem; e outra de natureza focal, para onde constituintes focalizados se deslocam, conforme assinala a configuração em (12):

(12) [TopP[FocP[TP [v-VP.....]]]]

A hipótese é que a morfologia verbal reverbera as duas categorias funcionais propostas em (12), de sorte que a co-ocorrência do prefixo {i- ~ h-} com os sufixos {-n(i) ~ -ø} codifica os XPs circunstanciais e os DPs objetos que se moveram para posições de especificador de categorias funcionais relacionadas a tópico e foco, na periferia

esquerda da oração. Por isso, com base na estrutura oracional proposta em (12), assumiremos, por exemplo, que a sentença (13a) possui a estrutura em (13b) e que a sentença (14a), a estrutura em (14b):

(13a) *aʔe pe_i pro_j h_j-eko-ni_i*
 lá em ABS-estar-DESLOC
 “LA, (ele) está”.

(13b) [_{TopP} aʔe pe_i [_{Top} [_{TP} pro_i [_T [_{VP}... h_i-eko-n_i,.....]]]]]

(14a) *upaw pira_i teko i_i-ʔu-n_i*
 todo peixe a gente ABS-COMER-DESLOC
 “TODO O PEIXE, a gente come”.

(14b) [_{FocP} upaw pira_i [_{Foc} [_{TP} teko [_T [_{v-VP}t_{sujeito}.....i_i-ʔu-n_i,t_{objeto}.....]]]]]

Notem que há uma nítida correlação entre a ocorrência do PP locativo *aʔe pe* em Spec-TopP e o aparecimento do sufixo {-n(i)} no verbo, por um lado, e, entre o deslocamento do objeto *upaw pira* “todo o peixe” para Spec-FocP e o prefixo absolutivo de não-adjacência {i-} no verbo transitivo -ʔu “comer”, por outro. Percebe-se que a morfologia verbal é sensível a movimento de XPs (adjuntos e argumentos nucleares) para a posição de especificador de TopP e FocP.

Em suma, a proposta de derivação em (13b) e (14b) nos permite intuir que o verbo não é movido para núcleo de TopP nem para núcleo de FocP, mas permanece numa posição mais baixa na estrutura. Outro ponto importante a observar é que o prefixo absolutivo {h- ~ i-} faz referência ao objeto nas construções transitivas e ao sujeito nos predicados monoargumentais. Na próxima seção, discutimos a razão pela qual existem determinados contextos sintáticos em que, embora ocorra o prefixo absolutivo {i- ~ h-}, mesmo assim o objeto e o sujeito vêm adjacentes a verbos transitivos e a verbos monoargumentais.

12.3. Contextos de aparente adjacência do sujeito e do complemento

Conforme vimos assumindo até aqui, a principal função do prefixo {i- ~ h-} é (i) atribuir Caso absolutivo ao objeto do verbo transitivo e ao sujeito (So) dos predicados estativos e (ii) fazer referência ao DP sujeito/objeto que não está na posição de SPEC da categoria funcional que lhe atribui caso. Contudo, o Tenetehára difere nesse

aspecto do Tupinambá e de outras línguas da família Tupi-Guarani por exibir ambientes em que, embora o objeto e o sujeito estejam aparentemente adjacentes ao núcleo na ordem linear, o verbo não toma o prefixo {ø- ~ r-}, mas sim o prefixo {h- ~ i-}. Tal situação ocorre nas construções com predicado descritivo, exemplos (15) e (16); nas orações subordinadas com verbos transitivos e inacusativos, exemplos (17b), (18) e (19); em construções que exibem o padrão flexional do indicativo II (modo circunstancial), exemplos (20b) a (22); e em nominalizações de predicados complexos, exemplos (23) e (24).

(i) PREDICADOS DESCRITIVOS

(15) *Pedro*_i *i_i-kən*
 Pedro ABS-ser forte
 "Pedro é forte".

(16) *Pedro*_i *h_i-upihid*
 Pedro ABS-estar com sono
 "Pedro está com sono".

(ii) ORAÇÕES SUBORDINADAS

(17a) *e-ho ko pe ti*
 2IMP-ir roça para AP
 "Venha para roça".

(17b) *awasi_i i_i-ʔu-n_i pə*
 milho ABS-comer-DESLOC COMP
 "Na finalidade de comer milho".

(iii) COM VERBOS INACUSATIVOS

(18) *Sérgio w-esak Pedro_i i_i-ho mehe.*
 Sérgio 3-ver Pedro ABS-ir COMP
 "Sérgio viu Pedro quando (ele) ia".

(19) *w-esak Siba dawar pinim_i h_i-eko-n^s mehe*
 3-ver Siba onça pintada ABS-estar-DESLOC COMP
 "Siba viu a onça quando (ela) estava lá".

(iv) INDICATIVO II

(20a) *u-pita*
3-ficar

(20b) *a?e rupi_i, tiwir_i, i_i-ho-ni_i,*
porém o irmão ABS-ir-DESLOC
"Ele ficou, porém, o irmão foi embora".

(21) *ma?e pe_j, ru?u Pedro_i, i_i-ho-ni_i, kuri?*
onde para Q Pedro ABS-ir-DESLOC agora
"Para onde que Pedro foi."

(22) *ma?e pe_j, te Pedro_i, i_i-ho-n(i)_i?*
onde em COMP Pedro ABS-ir-DESLOC
"Onde que Pedro foi?"

(v) NOMINALIZAÇÕES DE CONSTITUINTES COMPLEXOS

(23) *tirəm_i, i_i-apo-haw teko wi*
farinha_i ABS_i-fazer-NOML a gente por
"A feitura da farinha pela gente"

(24) *du?i, i_i-mu-me?u-haw a?e, kuri*
rã_i ABS_i-CAUS-CONTAR-NOML ele, então
"A estória dela, a rã".

O fato curioso nos dados acima é que o verbo toma o prefixo {i- ~ h-}, muito embora o sujeito dos verbos monoargumentais (=descritivo e inacusativo) e o DP objeto estejam aparentemente adjacentes aos núcleos que lhes atribuem Caso. Sendo assim, nossa análise precisa determinar como é possível a ocorrência desse prefixo no núcleo dos predicados, tendo em vista que ele denota a não-adjacência do objeto e do sujeito em relação ao núcleo que lhes atribui Caso (absolutivo). Uma maneira é, então, estipularmos que a adjacência é apenas aparente e que os DPs sujeito e o objeto, de fato, estão numa posição derivada, acima do predicado, provavelmente em decorrência de movimentos sintáticos para satisfazer a expedientes como FOCALIZAÇÃO e TOPICALIZAÇÃO. Dessa maneira, a ocorrência do prefixo {i- ~ h-} nos dados apresentados pode ser explicada se postulamos que os DPs (sujeito ou objeto) não estão internos ao

predicado, mas sim numa posição acima de TP. Nessa linha de investigação, proporemos que a sentença (25b) possuirá a derivação sintática indicada em (26). Nela, pressupomos que o XP circunstancial *a?e rupi* ocupa a posição de especificador de TopP e o DP sujeito *tíwir* "o irmão", a posição de especificador de uma categoria relacionada a foco.

(25a) *u-pita*
3-ficar

(25b) *a?e rupi_j*, *tíwir_i*, *i_i-ho-ni_j*,
porém o irmão ABS-ir-DESLOC
"Ele ficou, porém, o irmão foi embora."

(26) [_{TopP} *a?e rupi_j* [_{Top} [_{FocP} *tíwir_i* [_{Foc} [_{IP} *t_i* *i_i-ho-ni_j* [_{VP}.....]]]]]]

A proposta de derivação em (26) nos permite continuar assumindo que a função do prefixo {i- ~ h-} é denotar a não-adjacência do argumento em relação ao seu núcleo e nos possibilita captar uma importante diferença entre o Tenetehára e outras línguas da família linguística Tupi-Guarani no que se refere ao padrão flexional do verbo no INDICATIVO II. Em Tupinambá, por exemplo, vimos que, quando o sujeito vem na posição de SPEC da categoria que lhe atribuí Caso estrutural, o verbo toma o prefixo {ø- ~ r-}, o que sinaliza que a posição do DP sujeito é interna ao predicado e não externa a ele, conforme a estrutura sintática em (27b):

(27a) *kwesé* *Pedro* *ø-só-w*
ontem Pedro ABS-ir-IND II
"Ontem Pedro foi".

(27b) [_{IP} *kwesé* [_{IP} *Pedro* [_I *ø-só-w* [_{VP}.....]]]]

Todavia, no INDICATIVO II em Tenetehára, a situação é distinta, já que, embora o sujeito e objeto estejam aparentemente adjacentes ao verbo na ordem linear, o verbo mesmo assim recebe o prefixo absolutivo {i- ~ h-}. De acordo com a teoria que estamos propondo, o sujeito dos verbos monoargumentais e o DP objeto nos exemplos apresentados em (15) a (24) situam todos em uma categoria funcional mais alta em relação àquela em que se encontra o verbo na estrutura. A questão do estatuto sintático de Top° e Foc° e a explicação da razão

pela qual o verbo não se move até esses núcleos na derivação em (26) constitui o escopo de nossa análise na próxima seção.

12.4. Propriedades morfossintáticas dos núcleos Top° e Foc°

Nesta seção, exploramos a razão pela qual o verbo, embora entre na derivação com morfologia de foco nas CFOs e com o sufixo {-n(i)} no Indicativo II, não precisa se mover para núcleo de FocP e TopP, conforme sugerem as estruturas indicadas em (28b) e (30) abaixo.

(28a) *upaw pira_i teko i_i-?u-n_i*
 todo peixe a gente ABS-COMER-DESLOC
 "TODO O PEIXE, a gente come".

(28b) [_{FocP} *upaw pira_i* [_{Foc} [_{TP} *teko* [_T [_{vP} *t_{objeto}* [_{vP} *t_{sujeito}* *i_i-?u-n_i*]]]]]]]

(29) *a?e pe_j pro_i h_i-eko-n_j*
 lá em ABS-estar-DESLOC
 "LÁ, ele está".

(30) [_{TopP} *a?e pe_j* [_{Top} [_{TP} *pro_i* [_{h_i-eko-n_j} [_{vP}]]]]]]]

Uma possível razão pela qual o verbo se mantém em uma posição funcional mais baixa na estrutura pode ser encontrada se estipularmos que a presença apenas do DP objeto em Spec-FocP e do PP_{circunstacial/adverbial} em Spec-TopP é suficiente para satisfazer ao que estipula o critério A-barras. Consoante Mioto (2001, p.125), esse critério prevê o seguinte:

(31) Critério A-barras

(a) Um operador [*aF*] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um X° [*aF*];

(b) Um X° [*aF*] deve estar em configuração Spec-Núcleo com um operador [*aF*].

Segundo Mioto (2001), este "é o princípio que regula os Spec A-barras da periferia esquerda da sentença (...). O núcleo (...) determina a arquitetura do constituinte". Nessa linha de raciocínio, quando o núcleo X° é marcado por um traço ininterpretável [*uF*] forte, o Spec deve estar preenchido, conforme a implicação direcional a seguir:

(32) $X^{\circ}[F_{forte}] \rightarrow OP[F]$

Todavia, quando núcleos X° estão vazios, isto é indicativo de que o critério A-barras pode ser satisfeito apenas pelo preenchimento lexical do SPEC em sintaxe visível, o que atende às exigências de economia derivacional. Essa é a situação dos núcleos Foc° e Top° nas CFOs e no INDICATIVO II do Tenetehára e Tupinambá, visto que esses núcleos não são preenchidos pelo verbo, embora o verbo carregue flexão relacional. Nesse aspecto, o Tenetehára e o Tupinambá diferem, por exemplo, de línguas como o Húngaro, quanto à maneira de satisfazer ao critério A-barras. Puskas (1997)⁶ mostra que, nessa língua, sintagmas focalizados acionam o movimento do verbo para núcleo de Foc° , tanto em orações principais como em orações subordinadas. Assim sendo, no Húngaro, se o verbo não estiver adjacente ao constituinte focalizado, a sentença torna-se agramatical. Para tanto, comparem-se (33a) e (33b), por um lado, e (34a) e (34b), por outro:

(33a) AMARCORDOT lätta János tegnap este
 AMARCORD saw John yesterday evening
 "John saw AMARCORD last night".

(33b) *AMARCORDOT János lätta tegnap este

(34a) tudom
 I-know

hogy AMARCORDOT lätta János tegnap este
 that AMARCORD saw John yesterday evening
 "I know that it was AMARCORD that John saw last night".

(34b) *tudom hogy AMARCORDOT tegnap este János lätta

Portanto, concluímos que, nas CFOs e no indicativo II do Tenetehára e do Tupinambá, não há exigência de que o verbo seja movido para o núcleo de Foc^P e Top^P , enquanto, nas construções de foco do Húngaro, o verbo se move para Foc° . Vejam que essa diferença reflete a parametrização quanto à natureza da força dos traços flexionais dos núcleos funcionais Foc° e Top° entre as línguas. Em síntese, esses traços, por serem fortes no Húngaro, exigem elevação visível do verbo para o núcleo de Foc° , enquanto em Tenetehára e Tupinambá, esses traços são fracos, procrastinando o movimento do verbo para Foc° e Top° somente em forma lógica.

12.5. Resumo do capítulo

Neste capítulo, mostramos que a principal função do prefixo {i- ~ h-} é marcar que o complemento não está numa relação local com o verbo em decorrência de seu deslocamento para o domínio do CP. Quanto a esse aspecto, o Tenetehára apresenta uma possibilidade gramatical que outras línguas Tupi-Guarani não possuem, qual seja: a de acionar o prefixo {i- ~ h-} e do sufixo {-n(i) ~ -ø} no verbo, quando o objeto_{focalizado} é deslocado para uma posição A-barra, acima do TP. Em outras línguas Tupi-Guarani, apenas XPs adjuntos costumam acionar essa flexão no verbo. Assim, entretivemos a idéia de que o jogo de co-ocorrência do prefixo {i- ~ h-} com o sufixo {-ni ~ -ø}, quer seja nas CFOs, quer seja no INDICATIVO II, aponta para elevação do objeto, do sujeito e de sintagmas XPs de natureza circunstancial para posições A-barra, fato que nos permitiu motivar as projeções funcionais TopP e FocP no domínio do CP. A co-ocorrência do prefixo absolutivo de não-adjacência {h- ~ i-} com o sufixo {-n(i) ~ -ø} no verbo, tanto nas CFOs como no indicativo II, demonstra que o sistema de marcação de Caso e concordância em Tenetehára é sensível a topicalizações de complementos e de adjuntos para posições fora do domínio do T/IP. Esse tipo de codificação sinaliza a existência de dois padrões de concordância dos argumentos em Tenetehára, a saber: um interno à sentença, no domínio do T/IP, e que se dá em geral com elevação do verbo para T°/I° e do DP_{nominativo} para Spec-T/IP e do DP_{absolutivo} para Spec-vP; e outro externo ao T/IP, no qual XPs circunstanciais e focalizados se deslocam para o domínio CP. Nesta última situação, o sufixo {-n(i)- ~ -ø} funciona como um afixo de concordância entre o verbo e XPs_{circunstanciais/adverbiais e focalizados}, que se movem para posições A-barra, conforme indicamos pelas configurações a seguir.

INDICATIVO II

(35) [_{TopP} a?e pe_i [_{IP} pro_j i_j-ho-ni_i]]

(36) [_{TopP} a?e pe_i [_{IP} pro_j h_j-eko-n_i]]

CFO

(37a) *upaw* *pira_i* *teko* *i_i-?u-n_i*
 todo peixe a gente ABS-COMER-DESLOC
 "TODO O PEIXE, a gente come".

(37b) [_{FocP} upaw pira_i [_{Foc} [_{TP} teko [_{v-VP}t_{sujeito}.....i_i-?u-n_it_{objeto}.....]]]]

Notem que, no Indicativo II, o prefixo absolutivo {i- ~ h-} aponta para o sujeito nulo pro, que está em [SPEC-TP], ao passo que, nas CFOs, esse mesmo prefixo assinala a elevação do DP objeto upaw pira para fora do predicado, mais especificamente para a posição de [SPEC-FocP].

Por fim, propusemos que o critério A-barras em Tenetehára e em Tupinambá é satisfeito sem que o núcleo de FocP e de TopP seja lexicalmente preenchido, o que explica, portanto, a razão pela qual o verbo figura numa posição estrutural mais baixa na sentença.

NOTAS

¹ Consoante Benincà (2001, p.53):

The role of CP is that of an interface between a propositional content (expressed by IP and VP) and a supra-ordinate structure (a governing clause or the discourse): this aspect is encoded in a ForceP, the highest projection of CP, facing outwards; on the other hand, CP is also an interface with what is below it, and as such it presumably encodes a relation with IP (...) This is expressed in a finite projection, the lowest projection of CP, facing inwards.

² Segundo Mioto (2001, p.107):

A periferia esquerda é o espaço estrutural em que a sentença se prepara para ser conectada com a superestrutura. É também o espaço que aloja outros constituintes cuja ocorrência não é devida às necessidades seletivas e que, por isso, são tratadas muitas vezes como adjuntos a IP ou a CP. O modelo enriquecido com o subsistema FocP/TopP reformula essa situação provendo o CP de posições para alojar constituintes.

³ Este quantificador se origina do verbo *-paw* "acabar, terminar, finalizar", o qual parece ter sofrido um percurso de gramaticalização, tornando-se um núcleo quantificador Q^o que c-seleciona um D/NP. Boudin (1978, p.282), por exemplo, registra os seguintes significados para o quantificador *upaw*, conforme a seguir:

- (i) *upa(w) katete* "todos sem exceção"
- (ii) *upa(w) katu* "completamente tudo"

- (iii) upa(w) rupi awa-kwer wə
 todos homem-COL PL
 "todos os homens".
- (iv) upa(w) rupi katete wa n-ur-i
 todos integralmente PL ABS-VIR-DESLOC
- wə pe wi
 PL lá de
 "todos integralmente vieram de lá".

⁴ Segundo Harrison (1986, p.417):

If an adverb or a postpositional phrase is moved (for discourse-related reasons) to the front of a clause, or at least to a position before the verb, and if the subject is third person, the verb marking is (ergative)-absolute as in dependent clauses, and the oblique-topicalization is registered in the verb by the suffix -n (-∅ after consonants) (...) It is not a true promotion, in the sense where passive promotes a direct object to subject. Although there are changes in the verb, a transitive verb remains transitive, and the oblique element that would seem to be promoted does not lose its oblique marking (postposing).

⁵ Vejam que o sufixo -n(i) aparece no verbo da oração subordinada, o que é inusitado, visto que era de se esperar a ocorrência desse afixo apenas em orações com CFOs e com deslocamento de XPs circunstanciais. Sua ocorrência pode estar relacionada a deslocamento do sujeito da oração para uma posição acima de TP. Contudo, não poderei discutir em detalhe o escopo desse afixo nas orações temporais com o complementizador *mehe*.

⁶ Segundo Puskas (1997, p.152):

The focalized constituent (...) precedes the subject both in matrix clauses and in embedded clauses and in each case the inflected verb must be right-adjacent to the focalized constituent. (...) the focalized phrase cannot be merely adjoined to a sentence with neutral order.

Referência Bibliográfica

BAKER, M. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BELLETTI, A. *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg and Sellier, 1990.

BENDOR-SAMUEL, D. *Hierarchical Structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics / University of Oklahoma, 1972.

BENINCÀ, P. The position of topic and focus in the left periphery. In: CINQUE, G.; BOBALJIK, J.; JONAS, D. Subject positions and the roles of TP. In: *Linguistic Inquiry*, MIT, v. 27, n. 2, p. 195-236, 1996.

BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi moderno*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.

_____. *Dicionário de Tupi moderno*. 2v. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

CABRAL, A. S. A. da C. *Flexão relacional na família Tupi-Guarani*. Belém: UFPA, 2000, ms.

_____. *Particules épistémiques de la famille linguistique Tupi-Guarani*. Belém: UFPA, 2002, ms.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARNIE, A. *Non-verbal Predication and Head Movement*. Ph.D. (Dissertation) - Cambridge, MIT Press, 1995, MA.

CARNIE, A. ; HARLEY, H.; PYATT, E. VSO Order as raising out of IP? Some evidence from Old *Irish*. In: CARNIE, A.; GUILFOYLE, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000. p. 39-60.

CARVALHO, M. G. P. de. *Sinais de morte ou de vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé: contribuição ao estudo dos efeitos de contato lingüístico na Amazônia Oriental*. Dissertação (Mestrado) – UFPA, Belém, 2001.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

_____. *The Minimalist Inquiries: The Framework*. Cambridge: MIT Occasional Papers, 1998. v.15.

_____. *Derivation by Phase*. Cambridge: MIT Occasional Papers, 1999.

COELHO, E. M. B. *Levantamento da situação das áreas indígenas no Maranhão: relatório de pesquisa*. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1987.

COLLINS, C. *Local Economy*. Massachussets: MIT Press, 1997.

COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

DAMASO VIEIRA, M. M. et al. *Aspectos gramaticais da língua Guarani: dialeto Mbyá*. Rio de Janeiro: PUCRIO. (Comunicação proferida no IV Instituto de Estudos da Linguagem, 2000, ms.)

DINIZ, E. S. *Os Tenetehára-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica*. Belém: Editora Universitária / Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.

DIXON, R. M. W. Ergativity. In: *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.

DODT, G. *Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi*. Coleção Reconquista do Brasil (nova série), v. 38, Livraria Itatiaia Editora, Belo Horizonte, 1981.

DORON, E. VSO and left-conjunct agreement: Biblical Hebrew vs. Modern Hebrew. In: CARNIE, A.; GUILFOYLE, E. (Ed.). *The Syntax of Verb Initial Languages*. Oxford: OUP, 2000. p. 75-96.

DUARTE, F. B. *Análise gramatical das orações da língua Tembé*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras/LIV, UnB, Brasília, 1997, 95f.

DUARTE, F. B. Ordem dos Constituintes na Língua Tembé. In: *Revista da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, v. 6, n.1, p. 71-80, 1998.

_____. Construções de gerúndio na língua Tembé. In: *Revista LIAMES*, Campinas: Unicamp, v. 1, n. 1, p. 77-90, 2002.

_____. Negação frásica na língua Tembé. In: *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém, UFPA, tomo I, 2002.

_____. *Ordem de constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese (Doutorado) - UFMG, Belo Horizonte, 2003, 198p.

_____. Propriedades denotacionais dos prefixos {i- ~ h-} em Tenetehára. In: *Revista de Estudos Lingüísticos / Gel*, Campinas, Unicamp, 2005.

_____. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehará. In: *Liames 4*, Campinas, p. 113-145, 2006.

_____. Caso, função sintática e papéis temáticos. In: *Revista Duc In Altum*, Muriaé, Faculdade Santa Marcelina, v. 6, n. 1, 2006.

_____. Manifestação de traços de tempo em D/NPs na língua Tenetehára. In: *Revista de Estudos Lingüísticos, Gel*, Campinas, Unicamp, v. 35, p. 773-881, 2006.

_____. *On the scope of verb movement in the Tenetehára Language*. Belo Horizonte, UFMG, 22 p, 2007, ms.

_____. *Expressão da quantificação em Tenetehára*. Brasília: UnB, 15 p, no prelo, 2007.

_____; GARCIA, Mário Alexandre. Ergatividade cindida, papel temático e causativização na língua Ka'apor. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte: UFMG, v. 14, n. 2, p. 277-315, jun/dez, 2006.

EIRÓ, J. G. *Contribuições à análise fonológica da língua Tembé*. Dissertação (Mestrado) – UFPA, Belém, 2001.

EMONDS, J. Word order in generative grammar. In: *Journal of linguistic research*, v.1, p. 33-54, 1980.

_____. *A Unified Theory of Syntactic Categories*. Dordrecht: Foris, 1985.

GALUCIO, A. V. O prefixo i- em Tupi: morfema antipassivo vs marcador pronominal incorporado. In: *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém, UFPA, tomo I, p. 274-287, 2002.

GELDEREN, E. V. *Syntactic Theory: Functional Categories and Features in a Chomskian Framework*. [S.l.]: Arizona State University, 1999, ms.

GOMES, M. P. *O índio na história: o povo Tenetehára em busca da liberdade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GRANNIER, D. M. A natureza dos prefixos relacionais em Guarani Antigo. In: *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*. Brasília: Editora UnB, p.129-140, 2005.

GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: _____. *Universals of Language*. Cambridge: MIT Press, 1963.

GUILFOYLE, E. Tense and N-feature in Irish. In: CARNIE, A.; GUILFOYLE, E. (Ed.). *The syntax of verb initial languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 61-74.

HAEGEMAN, L. Elements of grammar. In: _____. *Handbook of Generative Syntax*. New York: Kluwer/Dordrecht, 1997.

HAEGEMAN, L. Verb Movement in embedded clauses in West Flemish. In: *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, MIT Press, v. 29, n. 4, p. 631-656, 1998.

_____. Remnant movement and OV order. In: SVENONIOUS, P. (Ed.). *The Derivation of VO and OV*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000, p. 69-96.

HARRISON, C. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE and PULLUM (Ed.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 407-439. v. 1.

HENDRICK, R. Celtic initials. In: CARNIE, A.; GUILFOYLE, E. (Ed.). *The Syntax of Verb Initial Languages*. Oxford: OUP, 2000, p. 13-38.

HOLMBERG, A. *Word order and syntactic features in Scandinavian Languages and English*. Stockolm. Dissertation (Doctoral) - University of Stockolm, 1986.

HOLMBERG, A. Deriving OV Order in Finnish. In: SVENONIOUS, P. (Ed.). *The derivation of VO and OV*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. p.123-152.

_____. *Remarks on Holmberg's generalization*. [S.l.]: University of Tromsø, 2002, (ms).

HURLEY, J. *Nos sertões do Gurupi*. Belém: [s.n.], 1928.

_____. Vocabulário Tupi-Português falado pelos Tembé dos Rios Gurupi e Guamá do Pará. In: *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 17, p. 323:51, pte. 1, 1931.

JENSEN, C. Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages. In: PAYNE, D. L. (Ed.). *Amazonian linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.

KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

LEE, F. VP remnant movement and VSO in Quiavini Zapotec. In: CARNIE, A.; GUILFOYLE, E. (Ed.). *The Syntax of Verb Initial Languages*. Oxford: OUP, 2000. p. 143-162.

MAIA, M *et al.* Comparação de aspectos de gramática em línguas indígenas brasileiras. In: *Revista Delta*, São Paulo, PUC/SP, p. 340-375, 1998.

_____. Estrutura da oração em línguas indígenas brasileiras. In: *Revista Delta*, São Paulo, PUC/SP, p. 1-26, 1999.

MAIA, M. Construções do tipo QU em Karajá. In: *Revista Veredas*, Juiz de Fora, UFJF, 2001.

MARANTZ, A. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge: MIT Press, 1984.

MASSAM, D. VSO and VOS: aspects of Niuean word order. In: CARNIE, A.; GUILFOYLE, E. (Ed.). *The Syntax of Verb Initial Languages*. Oxford: OUP, 2000. p. 97-116.

MCCLOSKEY, J. Subjecthood and subject positions. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Handbook of Generative Syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.

_____. *Irish, the EPP and PRO*. [S.l.]: [s.n.], 2000, ms.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. In: *Revista Letras*, Curitiba, Editora da UFPR, n. 56, p. 97-140, 2001.

MÜLLER, G. *Incomplete category fronting*, Tübingen, 1996, Habilitation Thesis.

NUNES, J. Linearization of chains and phonetic realization of chain links. In: _____. *Working minimalism*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1999.

OUHALLA, J. Verb movement and word order in Arabic. In: LIGHTFOOD, D.; HORNSTEIN, N. *Verb Movement*. Cambridge: CUP, 1994.

PESETSKY, David et TORREGO, Esther. *T-to-C Movement: Causes and Consequences*. Massachusetts: MIT Press, 2001, ms.

_____. Tense, Case and the nature of Syntactic Categories. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (Eds.). *The Syntax of Time*. [S.l.]: MIT Press, 2002.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. In: *Linguistic Inquiry*, MIT, p. 365-424, 1989.

PONTES, E. S. L. *Sujeito da Sintaxe ao Discurso*. São Paulo, Editora Ática: Série Ensaio 125, 1986.

PUSKAS, G. Focus and the CP domain. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London: Longman, 1997.

RAPOSO, E. P. *O programa minimalista – Noam Chomsky*. Portugal / Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

RACKOWSKI, A.; TRAVIS, L. V-initial languages: X or XP movement and adverbial placement. In: CARNIE, A.; GUILFOYLE, E. (Ed.). *The Syntax of Verb Initial Languages*. Oxford: OUP, 2000. p. 117-142.

RICARDO, C. A. Povos indígenas no Brasil. São Paulo: CEDÍ (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), 1985.

RICE, F. J. D. O idioma Tembé (Tupi-Guarani). In: *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 26, p. 109-180, 1934.

RIZZI, L. *Relativized Minimality*. Cambridge: MIT Press, 1990.

_____. A parametric approach to comparative syntax: properties of the pronominal system. In: HAEGEMAN, L. *The New Comparative Syntax*. London: Longman, 1997.

- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Handbook of Generative Syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.
- RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo Tupi. In: *Letras*, Curitiba, n. 1, p. 121-152, 1953.
- _____. *Estrutura do Tupinambá*. Brasília: UnB, 1981, ms.
- _____. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 27-28, p.33-53, 1984/1985.
- _____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 1986.
- _____. Argumento e predicado em Tupinambá. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, n. 19, p. 57-70, 1996.
- _____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: QUEIXALÓS, F. (Ed.). *Des noms et des verbs em Tupi-Guarani, état de la question*. Caiena: IRD e CNRS, 2000. p. 63-74.
- _____. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupi-Guarani. In: *Estudos sobre Línguas Indígenas*, Belém: UFPA/GTLI, p. 87-100, 2001.
- ROBERTS, I. *Verbs and diachronic Syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1993.
- ROBERTS, I. *Comparative Syntax*. London: Arnold, 1997.
- SALVI, G. (Ed.). *Current Studies in Italian Syntax*. North Holland: [s.n.], 2001. p. 39-64.
- SANTORINI, B. Some similarities and differences between Icelandic and Yiddish. In: LIGHTFOOD, D.; HORNSTEIN, N. (Eds.). *Verb Movement*. Cambridge: CUP, 1994.
- SEKI, L. Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an Active-Static Language. In: PAYNE, D. L. (Ed.). *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- _____. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP e Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.
- SHLONSKY, U. Quantifiers as functional heads: a study of quantifier float in Hebrew. *Lingua*, North-Holland, n. 84, p. 159-189, 1991.

- SHOPEN, T. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: CUP, 1986. 3v.
- SNETHLAGE, Dr Emil Heinrich. *Worte und texte der Temb -Indianer*. [S.l.]: Universidad Nacional de Tucum n, 1932.
- SPORTICHE, D. A theory of floating quantifier and its corollaries for constituent structure. In: *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 425-49, 1988.
- SVENONIOUS, P. Introduction. In: _____. *The Derivation of VO and OV*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. p.1-27.
- TALLERMAN, M. *The Syntax of Verbal-Initial Languages*, 2001, ms.
- VIKNER, S. Finite verb movement in scandinavian embedded clauses. In: LIGHTFOOD, D.; HORNSTEIN, N. *Verb Movement*. Cambridge: CUP, 1994.
- WAGLEY, C.; GALV O, E. *Os  ndios Teneteh ra: uma cultura em transi o*. Rio de Janeiro: Minist rio da Educa o e Cultura, 1955.
- ZANUTTINI, R. *Negation and clausal structure: a comparative study of romance languages*. [S.l.]: Georgetown University, 1996.
- _____. Negation and verb movement. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London: Longman, 1997.
- ZWART, Jan-Wouter. *Dutch Syntax: A Minimalist Approach*. Groningen. Dissertation (PhD) - University of Groningen, 1993.
- _____. *Morphosyntax of Verb Movement: A Minimalist Approach to the Syntax of Dutch*. Dordrecht: Kluwer, 1996.
- _____. The Germanic SOV languages and the universal base hypothesis. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London: Longman, 1997.
- _____. *Transitive Expletive Constructions and the Evidence Supporting the Multiple Specifier Hypothesis*. [S.l.]: University of Groningen, 1998, ms.

ANEXO

Narrativas Tenetehára

Narrativa I

a-mu-meʔu-rəm he-maʔe-mu-meʔu-haw kuri pa
 eu-CAUS-narrar-FUT minha-coisa-CAUS-narrar-NOML então ENF

dawar r-ehe har kuri
 onça OBLIQ-sobre NOML então

“Vou contar a minha estória sobre a onça então”.

- 1 a-ha kwehe maʔe r-emiʔu r-aro pə
 eu-ir PASS coisa POSS-alimento ABS-esperar GER
 “Fui esperar (estando sentado no myta, o momento durante o qual o animal vai apanhar) o alimento”.

- 2 ʔi apir kutir
 rio/água lado em direção
 “em direção ao lado do rio”.

- 3 ro-ho kwehe ure mukud Siba r-ehe
 nós_{exclusivo} PASS nós_{exclusivo} dois Siba OBLIQ-COM
 “Nós dois (eu e/com Siba) fomos”.

- 4 n-uru-duka-d kwehe miar aʔe mehe
 NEG1-nós_{exclusivo}-matar-NEG2 PASS caça ele(= o dia) COMP
 “Não matamos uma caça naquele dia”.

- 5 kuʔem kwehe o-ho kuri
 dia PASS ele-ir então
 “O dia veio então”.

- 6 ru-dʔwir kwehe ru-dur
 nós_{exclusivo}-voltar PASS nós_{exclusivo}-vir

p̄haw-ete-ahi iko kuri
 manhã-INTS- INTS estar então

“(Nós) estávamos vindo voltando de manhã bem cedo então”.

- 7 *ru-hem* *kwehe* *ru-dur*
 nós_{exclusivo}-chegar PASS nós_{exclusivo}-vir
ipaw diarupa pe
 lago porto em
 "(Nós) chegamos, então, ao porto do lago".
- 8 *i-ʔi* *kwehe* *Siba* *ha-we*
 ele-dizer PASS Siba mim-para
 "Siba disse para mim"
- 9 *si-meʔe* *da-ha* *ipaw pe ti*
 nós_{exclusivo}-olhar nós_{exclusivo}-ir lago para AP
 "Olhemos em direção do lago, companheiro".
- 10 *i-ʔi* *kwehe* *ha-we*
 ele-dizer PASS mim-para
 "Ele disse para mim".
- 11 *da-ha!*
 nós_{exclusivo}-ir
 Vamos!
- 12 *a-ʔe* *kwehe* *i-dupe*
 eu-dizer PASS ele-para
 "(Eu) disse para ele".
- 13 *ro-ho* *kwehe* *ipaw pe*
 nós_{exclusivo}-ir PASS lago para
 "(Nós) fomos para o lago".
- 14 *u-meʔe* *kwehe* *Siba kwed ipaw wad*
 ele-olhar PASS Siba outro lago lado
 "Siba olhou o outro lado do lago".
- 15 *w-esak* *Siba dawar pinim_i*
 ele-ver Siba onça pintada_i
h_i-eko-n_i *mehe*
 ela_i-estar-DESLOC_i COMP
 "Siba, então, viu a onça pintada estando (à beira do lago)".

- 16 *u-hapukad kwehe ha-we*
 ele-chamar PASS me-para
 "Ele me chamou".
- 17 *Txina?i e-dur se rihi ti*
 Txina?i tu-vir aqui primeiro AP
 "Txina?i, venha (tu) aqui primeiro amigo".
- 18 *i-?i kwehe Siba ha-we*
 3-dizer PASS Siba mim-para
 "Siba disse para mim".
- 19 *a-hid kwehe a-ha h-esak pə*
 eu-corrir PASS eu-ir ela (= a onça)-ver GER
 "(Eu) corri, então, para vê-la (=a onça)".
- 20 *ma?e ru?u ti a-?e kwehe i-dupe*
 é mesmo amigo eu-dizer PASS ele-para
 "é mesmo, amigo, (eu) disse para ele"
- 21 *dawar kwed kap'war u-pihik-rəm iko ti*
 onça aquela capivara ela-pegar-INTC estar AP
 "A onça está querendo pegar aquela capivara, amigo".
- 22 *i-?i kwehe Siba ha-we*
 ele-dizer PASS Siba mim-para
 "Siba disse para mim".
- 23 *adeham ti a-?e kwehe i-dupe*
 é verdade AP eu-dizer PASS ele-para
 "É verdade companheiro, (eu) disse para ele".
- 24 *u-?ar kwehe dawar u-r ?i pe kuri*
 ela-cair PASS onça ela-vir água em então
 "A onça entrou na água então".
- 25 *u-r kwehe ure-kutir*
 ela-vir PASS nós_{exclusivo}-em direção
 "(Ela) veio em nossa direção".

- 26 *kwed t-ur nehe ti*
aquela ela-vir FUT amigo
i-ʔi kwehe Siba ha-we
ele-dizer PASS Siba mim-para
"Siba, então, disse para mim: aquela (onça) vem (em nossa direção) amigo".
- 27 *adeham ti a-ʔe kwehe i-dupe*
é verdade amigo eu-dizer PASS ele-para
"é mesmo companheiro, eu disse para ele (= Siba)".
- 28 *si-dapi t-ur mehe nehe ti*
nós_{exclusivo}-atirar ela-vir COMP FUT amigo
a-ʔe kwehe i-dupe
eu-dizer PASS ele-para
"(Eu) disse para ele: atiraremos, quando (a onça) vier.
- 29 *u-dapi kwehe Siba*
ele-atirar PASS Siba
"Siba atirou".
- 30 *a-dapi kwehe ihe no*
eu-atirar PASS eu também
"(Eu) também atirei".
- 31 *ru-dapi mukud kwehe Siba iruramo dawar rehe*
nós_{exclusivo}-atirar dois PASS Siba com onça OBLIQ-em
"(Nós) dois, (eu) com o Siba, atiramos na onça".
- 32 *n-uru-duka-d kwehe dawar aʔe mehe*
NEG1-nós_{exclusivo}-matar-NEG2 PASS onça ele (=dia) COMP
"(Nós) não matamos a onça neste dia"
- 33 *o-ho kwehe aʔe dawar uru-wi*
ela-ir PASS ela onça nós_{exclusivo}-de
"A onça foi, então, embora de nós".
- 34 *n-oro-ho-d kwehe h-aikweramo*
NEG1-nós_{exclusivo}-ir-NEG2 PASS ela-atrás
"(Nós) não fomos atrás dela".

35 *piki dipa pe kwehe ru-dapi-api a?e dawar*
piki lago em PASS nós_{exclusivo}-atirar-atirar ela onça
"No lago do piki, (nós) atiramos na onça".

36 *u-paw kwed he-ma?e-mu-me?u-haw kuri pa*
ela-acabar IPASS minha-coisa-CAUS-narrar-NOML então ENF
"Acabou a minha estória"

37 *dawar rehe de?e?h-haw kuri pa*
onça sobre narrar-NOML agora ENF
"A estória sobre a onça".

Narrativa 2

a-mu-me?u-rəm he-ma?e-mu-me?u-haw kuri pa
 eu-CAUS-narrar-FUT minha-coisa-CAUS-narrar-NOML então ENF

mani?ok r-ehe har no
 mandioca OBLIQ-NOML DISC

"Vou contar minha estória sobre (a feitura da) mandioca"

1 a-mu-me?u-rəm he ma?e-mu-me?u-haw kuri pa
 eu-CAUS-narrar-INTC minha coisa-CAUS-contar-NOML então ENF
 "(Eu) vou contar a minha estória agora".

2 tirəm pikud-haw r-ehe har kuri
 farinha puxar-NOML OBLIQ-sobre NOML agora
 "Sobre a feitura da farinha".

3 a-ha-rəm a-iko karaiw r-eko-haw pe si?i
 eu-ir-INTC eu-estar branco POSS-estar-NOML para PART
 "(Na véspera de quando eu) estava indo para o lugar do branco".

4 he ø-ho danune oro-ho ko pe
 eu ABS-ir COMP nós_{exclusivo}-ir roça para
 "Antes de eu ir, (nós) fomos para roça".

5 oro-?ok mani?ok ro-ho
 nós_{exclusivo}-arrancar mandioca nós_{exclusivo}-ir
 "(Nós) fomos arrancar mandioca".

6 ru-werur kwatro maniku por a?e mehe
 nós_{exclusivo}-trazer quatro panelo cheio ele (=dia) COMP
 "(Nós) trouxemos quatro paneiros cheios neste dia".

7 a-rur amo maniku por-a?u ihe-a no
 eu-trazer outro panelo cheio-cheio eu-ARG também
 "(Eu) trouxe outro panelo bem cheio também".

- 8 *w-erur amo he r-imiriko*
 ele-trazer outro minha POSS-esposa
amo maniku por-a?u a?e-a no
 outro panheiro cheio-INTS ele-ARG também
 "Minha esposa trouxe outro panheiro bem cheio também".
- 9 *w_i-erur Bir_i amo maniku por a?u*
 ele-trazer Bira outro panheiro cheio INTS
w_i-inir r-ehe a?e_i wə no
 CORR-irmã OBLIQ-com ele PL também
 "O Bira trouxe outro panheiro cheio também (junto) com sua irmã".
- 10 *ru-mu-nehem mani?ok iar pupe*
 nós_{exclusivo}-CAUS-encher mandioca canoa dentro de
 "(Nós) pusemos a mandioca dentro da canoa".
- 11 *uru-dur mani?ok iruramo iar pupe iko kuri*
 nós_{exclusivo}-vir mandioca com canoa dentro de estar então
 "(Nós) estavámos vindo com mandioca dentro da canoa agora".
- 12 *uru-hem uru-dur tipid me kuri*
 nós_{exclusivo}-chegar nós_{exclusivo}-vir casa em agora
 "(Nós) chegamos em casa agora".
- 13 *u-dəpin mani?ok*
 eles-descascar mandioca
he r-imiriko kwaharer wa iruramo kuri
 minha POSS-esposa criança PL COM agora
 "Descascaram a mandioca minha esposa com os meninos agora".
- 14 *u-paw u-dəpin he r-imiriko*
 ela-terminar ela-descascar minha POSS-esposa
mani?ok kuri
 mandioca agora
 "A minha esposa terminou de descascar a mandioca".
- 15 *ihe a-kitik mani?ok a-ha kuri*
 eu eu-ralar mandioca eu-ir agora
 "Eu fui ralar mandioca agora".

- 16 *u-paw a-kitik mani?ok kuri*
 3-terminar eu-ralar mandioca gora
 "Eu terminei de ralar mandioca agora".
- 17 *o-?ok he r-imiriko tipi?ak kuri*
 ele-tirar minha POSS-esposa tapioca agora
 "A minha esposa tirou tapioca agora"
- 18 *w-enu he r-imiriko*
 ela-ouvir minha POSS-esposa
- ka?i ø-de?eŋ mehe kwed ?i wad r-ehe*
 macaco ABS-falar COMP outro rio lado OBLIQ-de
 "A minha esposa ouviu quando o macaco assobiava do outro lado do rio".
- 19 *aipo ka?i u-de?eŋ iko i i-?i ha-we*
 COMP macaco ele-falar estar AP ela-dizer mim-para
 "O macaco está cantando, amigo, ela disse para mim".
- 20 *e-duka amo e-ho i*
 tu-matar um tu-ir AP
- si-?u-rəm*
 nós_{inclusivo} -COMER-INTC
- i?i ha-we*
 ela-dizer mim-para
 "Vai (tu) matar um (macaco) para (nós) comermos, disse (ela) para mim.
- 21 *adeham pa*
 verdade ENF
 "É mesmo!"
- 22 *a-?e i- dupe*
 eu-dizer ela-para
 "(Eu) disse para ela".
- 23 *a-dur he ø-mukaw iruramo kuri*
 eu-vir minha POSS-arma com agora
 "(Eu) fui com a minha espingarda então".

- 24 *a-ha kaʔi r-esak pə kuri*
 eu-ir macaco ABS-ver GER agora
 “(Eu) fui ver o macaco então”.
- 25 *a-hem a-ha aʔe pe kuri*
 eu-chegar eu-ir lá em agora
 “(Eu) cheguei lá então”.
- 26 *a-esak kaʔi t-ur mehe w-iko*
 eu-ver macaco le-vir COMP ele-estar

o-por pə he ø-kutir kuri
 ele-pular GER minha OBLIQ-em direção agora
 “(Eu) vi quando o macaco vinha pulando em minha direção”.
- 27 *a-dapi kaʔi kuri*
 eu-atirar macaco agora
 “(Eu) atirei (n)o macaco então”.
- 28 *a-duka*
 eu-matar

a-rur he r-ĩpid me
 eu-trazer minha POSS-casa em
 “(Eu) matei e trouxe (o macaco) para minha casa”.
- 29 *w-apek kaʔi kwaharer hereko wə kuri*
 elas-despelar macaco as crianças estar com PL agora
 “As crianças estavam despelandando o macaco agora”.
- 30 *u-paw kwed he-ø-maʔe-um-meʔu-haw kuri*
 3-terminar IPASS minha-coisa-CAUS-narrar-NOML agora
 “Acabou a minha estória agora”.

Narrativa 3

Estória sobre a vinda de Tupan ao território dos Tenetehára

Informante D. Miana, idade 100 anos

Aldeia Nova - 27 Julho, 1995

Posto Indígena Canindé-PA

- 1 *o-ho de-kwehe Tupan maʔe*
 ele-ir dizque-PASS Tupã PART
 "Dizem (que houve um tempo) em que Tupã veio à terra".
- 2 *Tupan_i ko_i r-ehe h_i-eko-n_i*
 Tupã aqui OBLIQ-em ele-viver-DESLOC
 "Tupan, aqui, viveu".
- 3 *aipo de-kwehe (u)-dewaru*
 COMP dizque-PASS eles-ter nojo de

iko i-d-wi wə no
 estar ele-de PL PART
 "Dizem que (eles = os teneteharas) tinham nojo dele".
- 4 *w-esak de-kwehe*
 ele-ver dizque-PASS
 "Dizem que (eles = os Tenetehára) viram (Tupan)".
- 5 *i-ho mehe wə*
 ele-ir tempo PL
 "Quando (ele) veio (às terras dos tenetehara)".
- 6 *ihe n-a-dapo-d-kwaw he ø-kawaw pupe*
 eu NEG1-alimentar-NEG2-NEG3 minha POSS-cuia dentro de
 "Eu não vou dar comida dentro de minha cuia não".
- 7 *i-ʔi de-kwehe i-pe wə*
 eles-dizer dizque-PASS ele-para eles
 "Eles (os Tenetehára) disseram para ele (Tupan)".

- 8 *n-a-mono-kwaw maʔe he ø-kawaw pupe i-pe*
 NEG1-eu-dar-NEG2 coisa minha POSS-cuia dentro de ele-para
 “(Eu) não vou dar coisa alguma dentro da minha cuia para ele”.
- 9 *aʔe na-i-pəre-pərew-wer-i*
 ele(s) NEG1-ABS- ter feridas-ter feridas-SUBJ-NEG2
- i-ʔi de-kwehe i-pe wə*
 eles-dizer dizque-PASS ele-para PL
 “Se ele não fosse perebento, (daríamos comida), (os Tenetehára) disseram”.
- 10 *kuri ihe nanihā*
 agora eu não
 “Agora eu não”.
- 11 *a-re-arew-rəm ihe-a*
 eu-lamber-lamber-INTC eu-ARG
 “Eu lamberia Tupā”.
- 12 *i-ʔi de-kwehe tidu-a*
 ele-dizer dizque-PASS calango-ARG
 “O calango disse”.
- 13 *tidu-a de-kwehe ø-puʔi*
 calango-ARG dizque-PASS ele-dizer
- a-rew-rəm ihe-a*
 eu-lamber-INTC eu-ARG
 “O calango falou: eu lamberei”
- 14 *w-arew tidu-a aʔe*
 ele-lamber calango ele
 “(Daí) o calango lambeu”.
- 15 *upaw_i h_i-arew-i_i*
 todos ABS-lamber-DESLOC
 “E todos (os animais) lamberam”.

- 16 *maʔe danu..... danu.....*
 ela aranha aranha
w-arew de-kwehe aʔe wə
 elas-lamber dizque-PASS elas PL
 "As aranhas....as aranhaselas lamberam (Tupan)".
- 17 *upaw h-are-harew dekwehe wə*
 todos eles-lamber-eles-lamber dizque-PASS PL
 "Todos lamberam-no (=Tupan)"
- 18 *dane r-u Tupan de-kwehe*
 nós_{inclusivo} POSS-pai Deus dizque-PASS
 "Tupan tornou-se nosso pai".
- 19 *amo u-diwaru maʔe-kwer de-kwehe i-d-wi aʔe wə*
 outros eles-ter nojo antigos-PASS dizque-PASS ele-de eles PL
 "E os outros, os teneteharas antigos, tinham nojo dele (de Tupan)".
- 20 *aʔe de-kwehe u-denimun de-kwehe i-d-wi aʔe wə*
 ele dizque-PASS eles-cuspir dizque-PASS ele-de ele PL
 "Eles (os Tenetehára) cuspiram dele (por terem nojo)".
- 21 *ihe n-a-diwaru-kwaw i-d-wi ihe*
 eu NEG1-eu-ter nojo-NEG2 ele-de eu
i-ʔi de-kwehe dawadir maʔe
 ele-dizer dizque-PASS escorpião ele
 "Eu não tenho nojo dele não, eu, disse o escorpião".
- 22 *w-arew wə*
 ele-lamber PL
 "Eles lamberam".
- 23 *upaw h-arew-ə aʔe wə*
 todos ABS-lamber-DESLOC eles PL
 "Todos (os animais sem exceção) lamberam (Tupan)".
- 24 *tidu-a dawadir, danu, kwehe h-arew-ə, wə*
 calango escorpião aranha PASS ABS-lamber-DESLOC PL
 "O calango, o escorpião e a aranha (todos sem exceção) lamberam (Tupan)".

- 25 *ade u-dewaru maʔe-kwer*
 COMP eles-ter nojo aqueles-PASS (os tenetehara antigos)
dekwehe wə kuri
 dizque-PASS PL então
 “Os Tenetehara antigos tinham nojo (de Tupan)”.
- 26 *u-məno*
 eles-morrer
n-u-dipirok-waw-i
 NEG1-ele-ter vida longa-NEG2-NEG3
ade u-kidim-ete
 COMP eles-desaparecer-INTS
 “Eles morreram, não tiveram vida longa, assim desapareceram mesmo”.
- 27 *ade maʔe danu*
 COMP aquela aranha
 “Mas aquela aranha”.
- 28 *aʔe-a u-dipirok*
 ela-ARG ela-perder a pele
 “Ela renovou a pele”.
- 29 *aʔe-a kwakwamōŋatu no*
 ela-ARG ficar nova PART
 “Ela terá vida longa”.
- 30 *dane r-u h-arew-ə parer dipirok aʔe wə*
 NOSSO POSS-pai ABS-lamber-DESLOC PART largar a pele ele PL
 “Os que lamberam o nosso pai, eles renovaram a pele (são eternos)”.
- 31 *dawadīr mod-a maʔe-a tidu-a*
 escorpião cobra-ARG ela-ARG calango-ARG
h-arew-ə parer
 ABS-lamber-DELSOC PART
 “Aqueles que lamberam Tupan, como o escorpião, a cobra e o calango,”

- 32 *u-dipirok* *paw* *wə*
eles-peder a pele todos PL
"Todos terão a vida eterna".
- 33 *danu* *aʔe* *i-piahu-katu* *aʔe-a*
aranha ela ela-ser NOVO-INTS ela
"Ela (=a aranha) é bem nova".
- 34 *tidu-a* *mod-a* *w-itik* *pirer* *wə*
calango-ARG cobra-ARG ela-perder a pele pele PL
"O calango e a cobra largam a pele".
- 35 *w-iko* *ko* *r-ehe* *mad* *dane-kwer*
eles-viver aqui OBLIQ-em mas nossos-tenetehara antigos
"Mas os teneteraharas que viviam aqui".
- 36 *dewaru* *i-d-wi*
ter nojo ele-de
"Eles tinham nojo dele".
- 37 *ade* *u-kidim-ete*
COMP eles-desaparecer-INTS
"Por essa razão, eles desapareceram".

Narrativa 4

a-mu-meʔu-rəm kuri
 eu-CAUS-narrar-FUT então

ko apo-haw r-ehe har kuri
 roça fazer-NOML OBLIQ-sobre NOML então
 "Contarei sobre a feitura da roça".

1 teko u-dapo-rəm ko
 a gente ele-fazer-INTC roça
 "A gente vai fazer roça".

2 w-ekar tupaw-əm o-ho rihi
 3-procurar lugar de roça-FUT 3-ir primeiro
 "A gente vai procurar o futuro lugar da roça inicialmente".

3 maʔe pe i-katu ko apo-haw wə
 onde ABS-bom roça o trabalho PL
 "Onde é bom as feituas de roça".

4 w-ekar teko kaʔa te o-ho
 3-procurar a gente mato alto ele-ir
 "A gente vai procurar mato alto [mato que indica que o lugar pode ser muito bom mesmo para o roçado]".

5 kon w-esak kaʔa te-a kuri
 quando 3-ver mato alto-ARG agora

aʔe pe ko teko u-dapo kuri
 lá roça a gente 3-fazer agora
 "Quando a gente acha o mato bom, lá a gente vai fazer roça".

- 6 *upaw ko r-upaw-əm r-esak*
 toda roça POSS-lugar-FUT ABS-ver
u-muʔaŋaw teko ko uhuhaw kuri
 3-marcar a gente roça tamanho agora
 "Quando a gente achar/ver o futuro lugar da roça, a gente marca o tamanho da roça então".
- 7 *upaw teko u-muʔaŋaw kuri*
 terminar a gente 3-marcar agora
 "A gente termina de marcar a roça então".
- 8 *u-kaʔa-petek teko ko o-ho kuri*
 3-mato-roçar a gente roça 3-ir agora
 "A gente vai roçar agora".
- 9 *upaw teko u-kaʔa-petek kuri*
 Terminar a gente 3-mato-roçar agora
 "A gente termina de roçar".
- 10 *u-haw iwira i-pupe-har*
 3-cortar pau ela (=roça)-dentro de-NOML
teko o-ho kuri
 a gente 3-ir agora
 "A gente vai derrubar/cortar o pau que fica dentro da roça agora".
- 11 *kon upaw iwira teko i-haw-ø kuri*
 quando todo pau a gente 3-cortar-DESLOC agora
w-edar pitəd dahi katu kuri
 3-deixar uma lua completa agora
 "Quando, toda a madeira, a gente cortar, deixa-a (de repouso) um mês completo".
- 12 *u-siniŋ-rəm pə kwarahi r-upi kuri*
 3-secar-FUT GER sol OBLIQ-em agora
 "Para secar no sol"

- 13 *kon* *u-siniŋ-ahi* *kuri*
quando 3-secar-INTS agora

o-mono *tata* *teko* *h-ehe* *kuri*
3-coloca fogo a gente ela-em agora
"Quando secar bem, a gente coloca fogo nela (=a madeira) agora".
- 14 *w-api* *ko* *teko* *kuri*
3-queimar roça a gente agora
"A gente queima a roça agora".
- 15 *kon* *upaw* *u-kad* *kuri*
quando tudo 3-queimar agora

u-tim *maniʔiw* *teko* *o-ho* *i-pupe* *kuri*
3-plantar maniva a gente 3-ir ela-dentro de agora
"Quando tudo queima, a gente planta maniva dentro dela (=a roça)".
- 16 *kon* *h-eta* *kaʔa* *kir* *i-pupe*
quando ABS-haver mato pequeno ela-dentro de

u-kaʔa-piʔir *teko* *o-ho* *i-pupe* *kuri*
3-mato-cortar a gente 3-ir ela-dentro de agora
"Quando tem mato pequeno dentro da roça, a gente vai capinar dentro dela (=a roça)".
- 17 *kon* *h-eta* *maniʔok* *i-pupe*
quando ABS-existir mandioca ela-dentro de

o-ʔok *teko* *o-ho* *kuri*
3-arrancar a gente 3-ir agora
"Quando tiver mandioca dentro da roça, a gente vai arrancar agora".
- 18 *o-mono* *maniʔok* *ʔi* *pupe*
3-colocar mandioca água dentro

h-itik *pə* *kuri*
ABS-jogar GER agora
"A gente coloca mandioca dentro da água, jogando-a".

27 *u-dapo teko tirəm kuri*
3-fazer a gente farinha agora
“(Por fim), a gente faz farinha”

28 *u-paw kwed he-ma?e-mu-me?u-haw kuri pa*
ela-acabar IPASS minha-coisa-CAUS-narrar-NOML então ENF
“Acabou a minha estória”

Narrativa 5

a-mu-me?u-rəm he-ma?e-mu-me?u-haw kuri pa
 eu-CAUS-narrar-FUT minha-coisa-CAUS-narrar-NOML então ENF

iar i-apo-haw r-ehe har
 canoa ABS-fazer-NOML OBLIQ-sobre NOML
 "Contarei minha estória sobre a feitura da canoa".

1 a-mu-me?u-rəm ihe kuri pa
 eu-CAUS-narrar-FUT eu agora ENF
 "Eu vou contar agora".

2 teko u-dapo iar nadewe
 a gente 3-fazer canoa assim
 "A gente faz canoa desse modo".

3 w-ekar teko iwira ma?e nu?ar
 3-procurar a gente pau PART espécie
 "A gente procura o tipo de pau".

i-katu iar i-apo-haw ramo
 ABS-ser bom canoa ABS-fazer-NOML PART
 "(que) serve para a feitura da canoa".

4 piki?a ?iw tamakware ?iw tareka ?iw kumaru ?iw
 piki pé guariúba pé tatajuba pé kumaru pé
 "Pé de piki; pé de guariúba; pé de tatajuba; pé de kumaru".

a?e-kwer iwira i-katu iar-(r)amo i-apo-haw a?e
 ele-PASS pau ABS-ser bom canoa-PART ABS-fazer-NOML ele
 "Aquele pau que é bom para a feitura de canoa".

5 u-haw teko iwira i-mono pə
 3-cortar a gente pau ABS-derrubar/jogar no chão GER
 "A gente tora o pau e o derruba".

- 6 *u-daikaw teko iwira apir kuri*
3-cortar a gente pau ponta agora
"A gente corta a ponta do pau agora".
- 7 *u-mu-ʔaŋaw teko inimo pihun pupe kuri*
3-CAUS-marcar a gente fio preto com agora
"A gente marca com fio preto".
- 8 *upaw, teko i,-mu ʔaŋaw-ø, kuri*
tudo a gente ABS-marcar-DESLOC agora
"Tudo a gente marca então".
- 9 *u-pən teko iar kuri*
3-lavrar/cortar a gente canoa agora
"A gente corta (onde está marcado em) a canoa".
- 10 *o-mopoŋ teko iar no*
3-arredondar a gente a canoa também
"A gente arredonda a canoa também".
- 11 *aʔe mehe teko u-wikəd-rəm iar kuri pa*
então a gente 3-cavar-FUT canoa agora ENF
"Então a gente cavará a canoa".
- 12 *u-paw teko iar u-wikəd kuri*
3-terminar a gente canoa 3-cavar agora
"A gente termina de cavar a canoa agora".
- 13 *ade u-dapo tupaw i-dupe kuri*
COMP 3-fazer lugar ela-para agora
"A gente faz o lugar (=o giral) para ela (a canoa) agora".
- 14 *o-mono tata teko*
3-coloca fogo a gente
"A gente coloca fogo".
- 15 *kon h-aku-ahi kuri aʔe mehe*
quando ABS-quente-INTSA gora ele (=o dia) momento
"Quando estiver bem quente agora, neste dia".

16 *u-pirar teko iar kuri*
3-abrir a gente canoa agora
"A gente abre a canoa".

17 *u-paw kwed he-ma?e-mu-me?u-haw kuri pa*
ela-acabar IPASS minha-coisa-CAUS-narrar-NOML então ENF
"Acabou a minha estória"

Narrativa 6

a-mu-me?u-rəm he-ma?e-mu-me?u-haw kuri pa
 eu-CAUS-narrar-FUT minha-coisa-CAUS-narrar-NOML então ENF

wira?u-haw r-ehe har kuri
 festa da iniciação OBLIQ-SOBRE NOML então

“Vou contar a minha estória sobre a brincadeira das moças jovens então”.

1 a-mu-me?u-rəm kuri ma?e nadewe
 eu-CAUS-contar-FUT agora coisa assim

kudə-t-ə?i u-demuni?ar mehe.
 moça-DIM ela-formar-se COMP

“(Eu) vou contar agora, quando a moça púbere se forma”.

2 kudət-ə?i; kon u-dimuni?ar
 moça-DIM quando ela-formar

u-mu-pihun idarid danipaw pupe wə; kuri
 ela-CAUS-preto avó genipapo com PL agora

“Quando as moças se formam, a avó as empreta com genipapo”.

3 i-pihun-ahi kudə-t-ə?i danipaw pupe kuri a?e
 ABS-preto-INTS moça-DIM genipapo com agora ela
 “Ela a moça fica bem pretinha agora”

4 tukad; pupe h-in-i; kuri
 paiol dentro de ABS-estar-DESLOC agora
 “Dentro do paiol, ela fica”.

5 w-eraha pitəd katu mitu?u tukad pupe kuri
 ela-ficar uma completa semana paiol dentro agora
 “Ela permanece uma semana completa dentro do paiol”.

- 6 *kon danipaw u-de-ʔok i-di-wi*
quando genipapo ele-REFLEX-soltar-se ela-REFLEX-de
“Quando o genipapo se solta dela”.
- 7 *aʔe mehe do u-hem tukad wi*
ele (=dia) COMP só ela-sair paiol de
“Só neste dia (ela) sai do paiol”.
- 8 *aʔe mehe u-mu-pinim danipaw pupe wə kuri*
ele (=dia) COMP elas-CAUS-pintar genipapo com PL agora
“Neste dia elas são pintadas com genipapo”.
- 9 *aʔe mehe u-kəwi-ʔu-rəm demuniʔar maʔe-kwer kuri*
ele (=dia) COMP ela-caui-beber-INTC formar NOML-PASS agora
“Neste dia, a moça que está já formada beberá o caui (kəwi)”.
- 10 *u-ɖapo uminaʔu aʔe mehe kuri*
ela-fazer mingau ele (=dia) COMP agora
“(Ela, a moça) faz o mingau neste dia”.
- 11 *o-mono-rəm deʔeŋ-ar pe*
ela-dar-INTC cantar-NOML para
“Ela entrega a bebida para os cantadores”.
- 12 *u-deʔeŋ aʔe mehe teko-a kuri*
3-cantar ele (=dia) COMP gente-ARG agora
“A gente canta neste dia”.
- 13 *i-kuʔem deʔeŋ-ar-haw aʔe mehe*
ABS-amanhecer cantar-NOML-NOML ele (=dia) COMP
“Neste dia a cantoria amanhece”.
- 14 *kon kwarahi u-hem ur iko aʔe*
quando sol 3-sair vir estar ele
“Quando ele, o sol vem saindo agora”.
- 15 *suwir teko deʔeŋ-ar-haw kuri*
suwir a gente cantar-NOML-NOML agora
“A gente canta o xuwir (canto para terminar a festa)”.

- 16 *upaw; demuniʔar maʔe ukəwi; i-₁-apo-n; kuri*
 tudo formar-se NOML ukəwi ABS-fazer-DESLOC agora
 "As moças que se formaram comandam toda a brincadeira".
- 17 *aʔe mehe w-aro-rəm uwənuhaw wə kuri*
 ele (=dia) COMP ela-esperar-INTC moqueado PL agora
 "Neste dia, elas (=as moças) vão esperar o moqueado"
- 18 *aʔe mehe u-wira-ʔu-rəm kuri*
 ele (=dia) COMP ela-pássaro-comer-INTC agora
 "Neste dia, elas vão brincar e comer agora".
- 19 *o-por-(r)əm deham-ete-har kuri.*
 ela-pular-INTC verdade-INTS-NOML agora
 "Elas vão pular o que é verdadeiro mesmo".
- 20 *aʔe mehe o-monoʔoŋ-rəm tete-aʔu maʔe kuri*
 ele (=dia) COMP ela-juntar-INTC muito-INTS coisa agora
 "Neste dia, a gente vai ajuntar muita coisa".
- 21 *maʔe keʔe h-eta-rəm aʔe mehe kuri*
 coisa moqueada ABS-há-INTC ele (=dia) COMP agora
 "Neste dia, haverá o moqueado".
- 22 *u-dapo-rəm maʔe aʔe mehe kuri*
 elas-fazer-INTS coisa neste dia agora
 "Elas vão fazer muitas coisas agora".
- 23 *maraka kuʔaw-har i-əkə(ŋ) r-ehe har*
 maraca tanga-NOML POSS-cabeça OBLIQ-sobre NOML
 "como (tocar) o maracá, (usar) a tanga, e (colocar) o capacete".
- 24 *u-dapo-rəm iwadai-a kuri*
 ela-fazer-INTC iwaday-ARG agora
 "Elas vão fazer o iwadayà".
- 25 *u-dapo-rəm tirəm tete-aʔu*
 ela-fazer-INTC farinha bastante-INTS
 "Elas vão fazer bastante farinha".

- 26 *o-ʔok-rəm tawari tete-aʔu aʔe mehe*
 ela-tirar-INTC tawari bastante-INTS ele (=dia) COMP
 “Elas vão tirar bastante tawari (= é pedaço de pau usado para puxar o karuara= alucinógeno)”.
- 27 *u-dapo-rəm p̄it̄im tete-aʔu aʔe mehe kuri*
 ela-fazer-INTC cigarro bastante-INTS ele (=dia) COMP agora
 “Elas vão fazer bastante cigarro neste dia”
- 28 *u-dapo tete-aʔu p̄it̄im aʔe mehe kuri*
 3-fazer muito-INTS cigarro ele (=dia) COMP agora
 “Elas vão fazer muito cigarro neste dia”.
- 29 *o-ʔok dutahik*
 ela-tirar leite de pau
- o-mono-rəm p̄it̄im pupe aʔe mehe*
 ela-colocar-INTC cigarro dentro de ele (=dia) COMP
 “Elas tiram leite de pau e colocam dentro do cigarro neste dia”.
- 30 *u-kaʔa-mo-no-rəm wə kuri*
 ele-mato-CAUS-ir-INTC PL agora
 “Os homens vão caçar agora”
- 31 *u-duka-rəm mia-miar aʔe mehe wə kuri*
 ele-matar-INTC caças-caça ele (=dia) COMP PL agora
 “Eles vão matar caças neste dia”.
- 32 *aʔe u-dapo-rəm maʔe keʔe wə kuri*
 ele ele-fazer-INTC coisa moqueada PL agora
 “Eles vão fazer o moqueado agora”
- 33 *aʔe mehe u-mu-pihun-rəm u-de-muniʔar*
 ele (=dia) COMP ela-CAUS-empregar-INTC ela-REFLEX-formar-se
- maʔe-kwer danipaw pupe wə kuri*
 NOML-PASS genipapo com PL agora
 “Neste dia, as moças, que já estão formadas, vão se ‘empregar’ com genipapo”.

- 34 *aʔe mehe o-por-(r)əm deham-ete wə kuri*
 ele (=dia) COMP ela-pular-INTC verdade-INTS PL agora
 "Neste dia, elas vão pular mesmo".
- 35 *kon u-paw wiraʔu-haw kuri*
 quando 3-termina brincadeira agora
 "Quando termina a brincadeira".
- 36 *aʔe mehe u-muhəd-rəm maʔe keʔe-a wə kuri*
 ele (=dia) COMP ela-espalhar-INTC coisa moqueada PL agora
 "Neste dia, elas vão espalhar o moqueado".
- 37 *u-dapo-rəm pasok aʔe mehe wə kuri*
 ela-fazer-INTC paçoca ele (=dia) COMP PL agora
 "Elas fazem paçoca neste dia".
- 38 *aʔe mehe u-kitik-rəm inamuaʔi pasok*
 ele (=dia) COMP ela-esfregar-INTC nambu paçoca
udemuniʔar maʔe wa n-ehe kuri
 moça feita NOML PL OBLIQ-em agora
 "Neste dia, (as mais velhas) vão esfregar paçoca de nambu nas
 moças feitas".
- 39 *aʔe mehe udemuniʔar maʔe u-ʔu-rəm*
 ele (=dia) COMP moça feita NOML ela-comer-INTC
paw katu mia-miar wə kuri
 todo boa caça-caça PL agora
 "Neste dia, as moças vão comer todo tipo de caça que é boa".
- 40 *u-paw kwed wəhu r-ehe u-deʔeʔ-haw kuri*
 3-terminar IPASS brincadeira obliq-sobre 3-contar-NOML agora
 "Terminou a estória sobre a brincadeira".



Estudos de Morfossintaxe Tenetchára é um livro que apresenta os resultados de uma pesquisa de descrição e análise teórica que venho desenvolvendo sobre a sintaxe das orações da língua Tenetchára. Esta língua pertence à Família Tupi-Guarani, Tronco Tupi, e partilha traços gramaticais com outras línguas da mesma família, como o Tapirapé, o Assurini, o Avá-Canoeiro e o Parakanã.



LET
498.
D81.
2007

Estudos de Morfossintaxe Tenetchára